



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

Eliane de Christo Oliveira

**Mulher de palavra: encantada, mal dita, bem dita**

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

SÃO PAULO  
2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP

Eliane de Christo Oliveira

**Mulher de palavra: encantada, mal dita, bem dita**

Tese apresentada à Banca Examinadora  
da Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo, como exigência parcial para a  
obtenção do título de Doutora em  
Linguística Aplicada e Estudos da  
Linguagem, sob a orientação da Profa.  
Dra. Maria Francisca de Andrade Ferreira  
Lier-DeVitto.

SÃO PAULO  
2021

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta Tese de Doutorado, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

São Paulo, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

Oliveira, Eliane de Christo

Mulher de palavra: encantada, mal dita, bem dita /Eliane de Christo Oliveira, 2021. 123 p; 30 cm.

Orientadora: Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-DeVitto.  
Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

1.Palavra. 2.Mulher. 3.Cura. 4.Histeria. 5.Psicanálise. I. Oliveira, Eliane de Christo. II. Título.

Eliane de Christo Oliveira

**Mulher de palavra: encantada, mal dita, bem dita**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-DeVitto.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-DeVitto (orientadora)

---

Prof. Dr. .... - sigla da instituição

---

Prof. Dra. .... - sigla da instituição

---

Prof. Dra. .... - sigla da instituição

---

Prof. Dra. .... - sigla da instituição

Dedico este trabalho a minha Avó, Araci de Barros Christo (*In memoriam*), que com seus causos e rezas encantadas inoculou minha escuta para sempre aberta.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001 (Processo nº 88887.149954/2017-00).

Agradeço à PUC-SP pelo apoio financeiro.

## AGRADECIMENTOS

Se este trabalho conseguiu achar um caminho foi graças a muitas apostas. Acreditaram em mim tantas pessoas queridas e importantes, nesse percurso. Serei para sempre grata à professora Maria Francisca Lier-DeVitto, minha orientadora, que em meio aos primeiros escritos desta tese, iluminou feito marca-texto a minha trajetória e vivência ao lado da mulher e da palavra. Professora é termo forte para mim: condensa mulher e palavra. Foi graças à escola que pude escapar de viver uma vida monótona. Assim, professora Francisca, sua presença ao meu lado, atualiza o valor que deposito na Educação, no(a) professor(a), como possibilidade de mudança e de acesso à dignidade para mitigar as diferenças sociais. Sua orientação foi puro investimento de alguém que, com sua curiosidade e inquietação, me fez acreditar que eu podia. Sou muito grata à professora Lúcia Arantes que, com sua presença e humor genuíno pode deixar a aula sempre descontraída, ainda que os assuntos fossem exigentes. Obrigada por sua leitura e por estar comigo nessa travessia. Devo gratidão à PUC-SP, e aos professores do Departamento de Linguística Aplicada e Estudos e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo incentivo ao conhecimento. Obrigada Maria Lúcia dos Reis por sua disposição constante em auxiliar nas dúvidas. Agradeço ainda à Secretaria de Teses por colaborar no processo desde o meu ingresso no doutorado até o depósito desta tese. Não podia esquecer de agradecer a Ana Paula Pacheco, colega psicanalista e amiga querida, a qual me apresentou à professora Francisca, tornando possível meu primeiro passo no doutorado. Esperando não esquecer nenhuma das mulheres que atravessaram comigo este percurso, começo por agradecer a Amanda Mont'Alvão Veloso, minha amiga querida. Você é, sem dúvida, um desses seres que compartilha conhecimentos frescos e, com seu entusiasmo, renova a esperança e tem sempre um toque de delicadeza qualquer que seja a sua intervenção. Sua generosidade se demora e isto é lindo. Obrigada minha amiga por me ouvir, me incentivar, ver possibilidade, quando eu mesma não conseguia enxergar. Nossas trocas estão marcadas nas linhas tecidas aqui neste trabalho. Ana Augusta Monteiro, minha amiga, sou também grata a você pela parceria e trajeto nas vias da psicanálise, pelos chás

e cafés nos intervalos dos atendimentos, pelas risadas. Vivian Vigar, com você me aventurei em atendimentos de populações abrigadas, que nos permitiram escutar a riqueza de suas narrativas. Depois compartilhamos o primeiro consultório e aqui no doutorado nos enlaçamos mais uma vez. Obrigada! Adriana Fontes, grata por tantas conversas esclarecedoras e pela sua presença tão solícita. Cibele Oliveira, gratidão pelas indicações e trocas de leitura. A essas mulheres, amigas e colegas de linha, sou grata uma a uma. Sinto que a pandemia não tenha permitido que pudéssemos ter uma interação maior. Essa circunstância, no entanto, não impediu de sentir o compromisso e envolvimento de cada uma com seu trabalho, tampouco foi capaz de barrar a solidariedade e a generosidade entre todas. A multiplicidade dos trabalhos só fez enriquecer meu percurso. Obrigada queridas: Ana Carolina Prisco, Brenda Sousa, Camila Puertas, Christiane Bonasorte, Fernanda Fudissaku, Flávia Andrade, Katerine Vitoriano, Laura Landi, Luzia Alves, Juliana Galli, Mariana Passos, Mariana Trenche, Michelly Daiane Gaspar Cordeiro, Paola Lurian, Sabrina Santos, Sofia Lieber, Stephany Christie. Meus agradecimentos aos professores e psicanalistas: Daniele John, Verônica Suzuki Kemmelmeier, Suzana Carielo da Fonseca, Paulo Sérgio de Souza Junior e Pedro Ambra, que gentilmente aceitaram compor a banca examinadora. Daniele John e Paulo Sérgio de Souza Jr, suas contribuições durante a qualificação me ajudaram a seguir. Minha gratidão também a Ernesto Duvidovich, diretor do CEP (Centro de Estudos Psicanalíticos) que me recebeu para a formação que ali fiz e que depois foi meu supervisor. A Beatriz Viana Dória e a Sérgio Máscoli, obrigada pelas suas escutas preciosas. Também agradeço a Monica Seincman, pelas suas aulas e supervisões, a Arnaldo Domínguez pela leitura carinhosa, e a Laerte de Paula, Coordenador do Setor de Triagens da Rede de Atendimento do CEP. Ter pertencido a esta Rede foi fundamental para a minha formação psicanalítica. Aos amigos queridos, que conheci no CEP: Shirley Martins, Shirlei Santana, Stela Sampaio, Marcus Phlavia Goes dos Reis, Priscila Caitano de Santana, obrigada porque estiveram sempre por perto, me incentivando. Obrigada a Paulo Schiller pelas aulas e por ter despertado meu interesse para a histeria. A todos os professores do CEP, com os quais tive o privilégio de trocas, minha gratidão. Sou grata a Luiz Carlos Heleno, Fernando Góis e Luciane Anjos, com quem convivi nos tempos de MNMMR. Fernando e Luciane, obrigada por terem me

ajudado a recuperar o “léxico” dxs meninxs, importantes para esta tese. Obrigada Viviane Veras pela sua leitura tão cuidadosa no momento da revisão; foi um belo encontro. A você Marcos Dias Esteves, fisioterapeuta que me socorreu nos últimos dias de escrita deste trabalho, quando meu corpo gritou, muito obrigada! A minha mãe (Juraci), a minha irmã (Fátima), às minhas sobrinhas: Milena, Mayara e Yasmim, minha cunhada Isabel, todas mulheres incríveis, muito obrigada pela torcida e interesse nos passos que vou dando. Márcia Vianna, amiga de infância que abriu o portão da escola para mim, gratidão. Solange Lemos, minha primeira amiga em São Paulo, obrigada pelo acolhimento e por compartilhar tantas mesas com bolo, café e prosa. Ana, Anadelta, India Mara Martins, Juca Bala (Juliane Guzzoni) e Zaclis: amigas da faculdade e para sempre, como amo vocês! Paulo Bernini, meu amigo querido, obrigada pelas ilustrações que compõem este trabalho. E por último, e com o coração disparado e pleno, agradeço aos meus amores e razão de toda a minha dedicação, entusiasmo e amor pela vida: minhas meninas/mulheres: Antônia (divertida), Clara (pelo toque) e Sofia (minha leitora e interlocutora), e ao meu companheiro com quem escolhi viver uma vida: Luís Antônio de Lima. Peço desculpas pela minha ausência, quando privei vocês da minha companhia aos finais de semana, por pelo menos um ano. Os chás, cafés e carinho de vocês foram fundamentais para eu chegar aqui.

## RESUMO

CHRISTO OLIVEIRA, E. de. **Mulher de palavra: encantada, mal dita, bem dita.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Este trabalho tem no centro da sua discussão a palavra e a presença da mulher. Palavra esta que, calada, aparece no corpo, na história do sujeito, mas que se falada, pode ser bem dita, mal dita e encantar com sua eficácia. O que amarra a minha questão, entre a palavra calada e a palavra falada, é a palavra que cura. Nesse sentido, a escrita que ofereço, tece por linhas da minha própria vivência, marcada pelo encontro com a mulher e com a palavra. Valho-me da psicanálise e da linguagem, trazendo para o diálogo autores desses dois campos, mas majoritariamente do psicanalítico com destaque à teoria freudiana, da qual retiro o estofo para o meu argumento. Freud me enredou, quando me deparei com sua história, em que se via um médico mudando de lugar, deixando que o paciente falasse, mais precisamente, que a mulher falasse. Num momento histórico, virada do XIX para XX – especialmente difícil para o contingente feminino e a todas as populações que não se inscreviam no ideal de capacidade, ordem, razão e de normalidade (aqui inclui-se loucos, negros, deficientes físicos) -, Freud foi o médico que ficou em silêncio e, por isso, pode escutar o que tinham as mulheres a dizer sobre seus sofrimentos, dando-lhes um caráter subjetivo e um lugar. Situo o leitor que a minha reflexão, embora contemple sujeitos de momentos históricos, sociais e culturais distintos, tem como ponto de intersecção a mulher, a discriminação, a linguagem, a fala e, bastante importante, o lugar de escuta. As mulheres histéricas com seus sintomas deixam aparecer um corpo falante. E isso que é falante (paralisias, gagueira, por exemplo) já estava manifestado, mas foi só quando elas puderam falar e Freud pode escutá-las, que houve a possibilidade de ressignificar os sintomas no corpo, justamente pelo uso da fala, pela palavra. Esta tese busca discutir a presença importante da mulher na invenção da psicanálise e a histeria, que, na sua interrogação permanente, é esta musa que não cessa de inspirar a clínica psicanalítica. Para uma roda de conversa entre as mulheres, trago, além das histéricas, a presença forte das meninas em situação de rua, as quais me deram a possibilidade de escutá-las em suas palavras secretas, e trago também minha avó que com sua voz postada nas rezas de seus benzimentos, abriu meus ouvidos para a beleza das palavras encantadas. Clarice Lispector, minha primeira analista, me acompanha pelos capítulos com suas palavras a articular o que só ela pode falar.

Palavras-chave: palavra, mulher, cura, histeria, psicanálise.

## ABSTRACT

CHRISTO OLIVEIRA, E. de. **Woman's word: enchanted, male-dicta benedicta.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Women's words and presence are at the center of this work. Silently, the word gains the body of the subject as well as their background. Yet, when spoken, this word may be either a bless or a curse and, even delight us with its strength. What ties my discussion, between the silent word and the spoken word, is the healing word. The writing I offer here weaves along threads of my own experience, a deep-rooted encounter with the woman and the word. I turn to psychoanalysis and language, in a conversation with authors of these two fields, but mostly from the psychoanalytic one with emphasis on Freudian theory, from which I remove the upholstery for my argument. Freud's listening to the patient has deeply captivated me, to know the story of a physician, who, by changing his position, allowed the patient - a woman - to talk. In a historic moment, turning from the XIX to the XX century - especially difficult for the female contingent and for all those who did not fit the ideal of capacity, order, reason and normality (including the mentally ill, the black people, and the disabled ones) - Freud was the doctor who was silent and, therefore, could hear what women had to say about their sufferings, giving them a subjective character as well as a place. My reader will soon realize that my thoughts, although contemplating subjects from different historical, social, and cultural moments, have as a common point the women, the discrimination, the language, the speech and, most importantly, the place from which listening can happen. Hysterical women and their symptoms allow for a speaking body. Being previously manifested (paralysis, stuttering, for instance) on the body, this speaking found its way into Freud's unique ability to hear them, for only then, have the chance to reframe the symptoms in the body precisely through the use of speech and the words that came along. This thesis seeks to discuss the important presence of women in the invention of psychoanalysis and hysteria, which, in its permanent interrogation, is this muse who never ceases to inspire the psychoanalytic clinic. Through women's voices, I bring, in addition to the hysterics, the strong presence of homeless girls, who had me in touch with their secret words, to finally relate those with my grandmother's past chanting and blessings, opening my ears to the beauty of the enchanting words. Clarice Lispector, my first analyst, accompanies me through the chapters with her words to articulate what only she could say.

Keywords: Word, Woman, Healing, Hysteria, Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

LINHAS PRELIMINARES.....	13
1. A HISTERIA COMO MUSA.....	34
1.1 Um traçado sobre a invenção da psicanálise.....	34
1.2 A histérica “possuída” pelos seus sintomas .....	43
1.3 Heroínas freudianas e o inferno feminino.....	52
1.4 Entre o teatro de pólvoras e o teatro particular .....	55
1.5 Entre o conto de fadas científico e o prêmio Goethe .....	58
2. LINHAS QUE ALINHAVAM PALAVRAS QUE CURAM .....	65
2.1 Fórmulas mágicas de linguagem .....	65
2.2 A Palavra tecida de boca em boca.....	71
2.2.1 Palavras encantadas que curam.....	76
2.3 Jakobson: o poeta da linguística .....	78
3. CORPO DA FALA E CORPO QUE FALA .....	88
3.1 Palavras “bem ditas”, “mal ditas”.....	88
3.2 O encontro de Freud e as histéricas .....	94
3.2.1 Comunicação preliminar .....	98
3.3 Eficácia da expressão verbal (com)torção de palavras.....	101
3.4 Sintoma no corpo e a fala .....	104
3.4.1 Algumas considerações sobre os casos narrados.....	112
ACABAMENTOS: CONFERINDO OS AVESSOS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	118



Ilustração de Paulo Bernini feita para este trabalho

## LINHAS PRELIMINARES

*A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.*

(Manoel de Barros)

A *terapia literária* de Manoel de Barros bem poderia ser lugar de escuta para esta fala de Clarice Lispector: “Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que te falo nunca é o que te falo e, sim, outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão”. E Freud seguiria: “diga tudo o que lhe vier à mente. Aja como se, por exemplo, você fosse um viajante sentado à janela de um vagão ferroviário, a descrever para alguém que se encontra dentro as vistas cambiantes que vê lá fora”.

Criação literária e psicanálise, eis aqui o que sustém meu desejo. Quando me aproximei da ideia de fazer o doutorado tinha como proposta inicial trabalhar os efeitos que uma análise provoca no sujeito e sustentava a ideia de que um processo analítico é também um modo de fazer poesia. Ali tomei de empréstimo “matéria de poesia” de Manoel de Barros, como um desdobramento do que chamei (Divã<sup>1</sup>)neando. Nessa perspectiva analisar-se é entregar-se à poesia de ser, de modo que o que é dito no divã pode ser recolhido como “matéria de poesia”.

Do *desarrumar a linguagem* da *terapia literária* de Manoel de Barros nasceu o título do meu projeto para o ingresso no doutorado, que passou a se chamar *Sobre desarranjos na linguagem: linguística e psicanálise*, e se propunha a pesquisar e refletir sobre a relação entre linguagem e psicanálise, que, como se sabe, é o “campo da palavra”. Não de uma palavra qualquer, mas daquela

---

<sup>1</sup> A título de curiosidade, vim a saber só recentemente que a palavra DIVÃ vem do Turco DIVAN, do Árabe DIWAN, do Persa DEVAN, “maço de folhas escritas, pequeno livro, conjunto de poemas”, relacionado com DEBIR, “escritor”. O sentido evoluiu de “livro de notas” para “anotações oficiais”, para “casa de administração, conselho”, e depois para “assento longo, estofado”, como é de uso em câmaras de reunião no Oriente Médio.

Fonte: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/origem-da-palavra-diva/>

que vem carregada de desejo. Daí se depreende o interesse que um psicanalista possa ter pela linguagem poética e um estudioso da linguagem, pela psicanálise.

Entre impasses e derivas desta pesquisa – pela dificuldade em se chegar a uma pergunta plena que pudesse dar pistas sobre uma direção precisa do trabalho –, não é preciso dizer da angústia atravessada até aqui, quando finalmente me dei conta da impossibilidade de fugir do meu desejo, que é o de poder discutir a palavra como “matéria-prima” comum ao ofício do poeta, do escritor e do psicanalista. É preciso dizer que comum é a relação com a palavra, mas distinto é o destino dessa relação.

Se a pergunta fundante da minha pesquisa levou tempo para ser construída, a palavra do poeta e a musicalidade da prosa perseveraram em mim. E é a *PALAVRA* que me dá a continência necessária, suporte de existência, muito provavelmente pelo lugar de afeto em que a guardo. Nos primeiros anos de infância – se não fui apresentada a livros, em função da vida precária no sítio –, tive a sorte de ter uma avó que, para além de benzedeira, era uma exímia contadora de histórias, de causos e de folclore. Projetadas na parede pela luz produzida pelo lampião a gás, as sombras davam mais emoção às histórias que vinham da voz da minha avó. O seu dizer nas histórias, e nas rezas proferidas no ato do benzimento, tinham sabor de cuidado e produziam em mim uma espécie de comoção, sobretudo os benzimentos<sup>2</sup>, os quais eu testemunhava com frequência. Minha avó, ainda que articulasse palavras que não eram suas, mitigava a dor que podia ser mitigada, reduzindo um sofrimento. Olhando para trás, só me dou conta agora de que fui testemunha de uma *eficácia simbólica*<sup>3</sup> desses ritos, nos quais, como está descrita por Lévi-Strauss, “o xamã fornece à sua paciente uma linguagem na qual podem ser imediatamente expressos

<sup>2</sup> Um desses benzimentos era a “costura”. Com pedaço de pano, agulha e linha nova nas mãos, o bem dizer da minha avó iniciava com o nome da pessoa doente, seguido da pergunta; “o que é que eu coso?”. Esse pano era colocado na parte do corpo, da qual o doente se queixava. Após a pergunta, a pessoa recitava três vezes: “carne rendida, osso quebrado, nervo torcido”. Na sequência, minha avó continuava: “Esse mesmo eu benzo e coso, carne quebrada que se solda, nervo torto se endireita, osso rendido que volte ao seu lugar”. O pano, simulando a parte do corpo na qual o doente sentia dor, ia sendo marcado pela linha e pela fala proferida. A linha com a agulha “escrevia” no pano. Essa “escrita” era constituída de mais ou de menos nós, a depender da gravidade do caso. Ao final de três dias de benzimento, os nós ganhavam caráter de alinhavo e a pessoa dizia sentir-se bem novamente. No segundo capítulo discuto mais essa questão.

<sup>3</sup> “A eficácia simbólica”, artigo de Lévi-Strauss, foi publicado pela primeira vez em 1949.

estados não-formulados, e de outro modo formuláveis”<sup>4</sup>. Nesse sentido, a cura xamânica, diz o autor, se situa a meio caminho entre a medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas como a psicanálise. “Sua originalidade, está em aplicar a desordens orgânicas um método muito próximo da psicanálise”, atesta.

Mais tarde, aos seis anos de idade, quando entrei escondida pelo portão da escola durante o recreio – e me deparei na sala de aula com um quadro negro repleto de inscrições desconhecidas até então –, encontrei um mundo novo, pleno de letras desenhadas. Esse ato subversivo me proporcionou o contato com as palavras escritas. Primeiro a minha avó, com a sua transmissão oral e a recorrente repetição das rezas; e depois as professoras, na alfabetização, foram figuras que escreveram em mim o gosto pelas muitas dimensões nas quais a palavra se insere.

O jornalismo veio como profissão, na qual permaneci por cerca de vinte anos – em paralelo estive envolvida em movimentos sociais, particularmente aqueles voltados para meninos e meninas em situação de rua –, e a palavra e as histórias de pessoas sempre foram meu foco de interesse, seja nas entrevistas jornalísticas, seja no convívio com as crianças e adolescentes. Muito provavelmente porque o silenciamento me dói, tomei gosto por abrir palavras e fazê-las circular.

### **Década de 1990 - meninos são exterminados e meninas prostituídas**

O fenômeno do extermínio de meninos de rua no Brasil estava acentuado naquele momento. Vinha ocorrendo desde 1985 e se estenderia ainda. Por cerca de dez anos, grupos de extermínio agiram em meio a um Estado que se omitia e a uma sociedade civil indiferente. Essas práticas criminosas não disfarçavam a presença de um higienismo à paisana. Como jornalista, fazia matéria, convivia com essas pautas; e como militante do (MNMMR)<sup>5</sup> – Movimento Nacional de

---

<sup>4</sup> Claude Lévi-Strauss. A eficácia simbólica. In: Antropologia estrutural. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 186.

<sup>5</sup> O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) surgiu em 1985, idealizado por um grupo de educadores, políticos, ativistas e religiosos que defendem os direitos das crianças e dos adolescentes marginalizados, vítimas de violência de todo tipo: física, psíquica. Em 1991 participou dos esforços para a criação da Comissão Parlamentar de Inquérito “Destinada a investigar extermínio de crianças e adolescentes no Brasil”.

Meninos e Meninas de Rua –, me embrenhava pelas ruas junto a outros colegas e batia à porta de delegacias à procura dos meninos e meninas que sumiam. Redigíamos documentos e nos articulávamos com outros movimentos. Protagonistas de histórias de abandono e de violência, os meninos eram mortos/executados mais que as meninas. A realidade delas incluía abusos de toda ordem.

Nos anos de 1990 quando atuava junto ao MNMMR, em Curitiba, muitas vezes fui posta para fora do discurso dessa população quando entre eles, num dialeto próprio, desobedeciam à “gramática” e elegiam uma sílaba, só a eles familiar, e enxertavam no meio das palavras. Ainda que em certa medida aquilo lembrasse a *“Língua do Pé”*, o fato é que aquela exclusão do discurso dava provas de nossa ignorância sobre a sua realidade, sobre a sua linguagem; uma metáfora que dizia da diferença e de uma certa resistência a ceder a qualquer gesto que nós, na condição de educadores sociais, quiséssemos propor.<sup>6</sup>

O dialeto próprio e original daqueles garotos e garotas exigia do “forasteiro” que ali chegava uma insistência que era, no fim das contas, uma espécie de senha para adentrar aquele universo. Mais uma vez a palavra aparecia de maneira intrigante e instigante. Conheci Clarice Lispector nesse contexto. Costumo dizer que foi ela a minha primeira analista, pois era a única que, com seus textos doídos, permitia que eu me entendesse melhor. Ela me garantia expressão por meio da sua escrita, no enredo de suas histórias, na busca alucinada de suas personagens pela plenitude. Hoje, quando me perguntam qual é a minha linha na psicanálise, respondo de pronto, ainda que em tom de graça: clariceana. Brotou das palavras dessa autora o interesse pelos meandros da alma humana que me conduziu ao universo das *Psí*s e também me impulsionou a estudar mais sobre a presença feminina na história. Eu elegia, assim, a mulher, a criação literária, o desamparo, a infância, a psiquê humana, como temas caros. Clarice era essa mulher que me mostrava a profundidade da

---

<sup>6</sup> Neste ponto – embora não seja de interesse direto para o estudo aqui em questão – cabe dizer que tive breve contato com o trabalho do sociolinguista americano William Labov, conhecido pelo instrumental teórico, o qual estabelece a lógica gramatical dos dialetos considerados não padrão, das formas de falar das comunidades excluídas do poder e do controle social (no caso dos Estados Unidos, os negros). Ver mais em William Labov. Padrões sociolinguísticos. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

alma e que, ao trazer a sua *Macabéia* (mulher nordestina e órfã) em “*A Hora da estrela*”, revelava com esse escrito o avesso e a realidade da dor. Conheci meninas “Macabéias” em situação de rua. A elas devo meu primeiro trabalho acadêmico (TCC do curso de jornalismo), baseado nos seus depoimentos em que relatavam como era viver na rua, enfrentando os embates comuns a esse espaço, mas que para elas se ofereciam como um desafio a mais: eram meninas, mulheres, negras. Esse trabalho deu origem a um documentário de nome “Eu e a Rua” (1991) que, embora “artesanal”, foi amplamente utilizado por ONGs ligadas aos direitos da criança e do adolescente, mas também interessou a organizações feministas ou de ideologia feminista, no Paraná, nos anos de 1990.

### No caminho: uma menina

Produzir um documentário pareceu-me, na ocasião, a modalidade que mais chegaria perto de uma narrativa de sofrimento, dita em nome próprio sem atravessamentos. O contexto sócio-histórico tinha, de um lado, descaso de toda ordem em relação à infância e à adolescência em situação de rua, que não tinham suas necessidades reconhecidas no âmbito das políticas públicas como questões de caráter específicos; e do outro, movimentos sociais que se articulavam em torno de discussões frente a isso, fazendo acontecer o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (aprovado em 13 de julho de 1990), que marcaria uma ruptura com as formas assistencialistas, inquisitoriais e de caráter estigmatizante tão manifestos no antigo Código de Menores, aprovado em 1979, em plena ditadura.

Em meio à aprovação recente do ECA, chamava-me a atenção nos encontros em que participava, e que tinham como tema o abandono e a desassistência, que o ponto central fosse sempre os meninos de rua, violência e assassinatos contra eles. As questões das meninas eram abordadas de modo generalizado, desconsiderando a vulnerabilidade e a especificidade do sexo feminino no contexto da vivência na rua. Foi quando me propus a percorrer um caminho que me levasse ao encontro delas. Era preciso que eu entendesse o universo da rua, sua linguagem e seu ritmo. Para isso, contei com educadores sociais dedicados, ligados a alguns movimentos sociais e religiosos, que eram

como que facilitadores de acesso a esse mundo até então desconhecido para mim.

Fácil não foi, nem alegre. A hostilidade com que essas crianças e adolescentes eram tratadas tinha lugar de revanche quando um forasteiro como eu se apresentava. Desafiavam ânimos, tomavam objetos se os portássemos, nos olhavam desconfiadas e posicionavam-se claramente de modo intimidador. A adoção desses comportamentos, ao lado da sílaba que incluíam no meio das palavras, esfregavam mais que a cola de sapateiro na nossa cara, mostravam o real das suas vidas invisíveis socialmente e propunham que entrássemos no subterrâneo do esquecimento para experimentar uma fagulha do que era ser condenado a viver naquela condição. Assim, a cola que os entorpecia era um desperta(dor) para aquele que, assim como eu, tentava ter acesso a elas, enxergá-las e dialogar com eles e elas. Foram algumas tentativas até que eu pudesse atravessar e ser acolhida sem desconfiança. A primeira lição que aprendi é que, assim que se chega na rua, não se deve perguntar o nome deste ou daquele. Isso soa como interrogatório e produz distanciamento. Lembra delegado. Enquanto estava de fora, escutava que, de algum modo, seus “nomes próprios” eram encobertos como quem se defende. O nome “de verdade” se conta aos poucos, quando os laços se estreitam. Mais tarde a psicanálise me ensinaria, mais uma vez, que, para que o encontro se dê, necessário é criar um espaço: o de transferência.

Por cerca de quatro meses incursionei pelas ruas de Curitiba e por abrigos então destinados a essa população. Mais tarde, “letrada” naquele dialeto, não consegui ir embora sem antes militar pela causa desses meninos e meninas, tornando-me conselheira estadual do MNMMR. Experiência tão doída quanto fundante na constituição do meu olhar e laço para e com o outro.

Pude ouvir narrativas de vidas que, certamente, não aconteceriam sem a trajetória percorrida até a realização do documentário que foi meu trabalho de conclusão do curso de jornalismo. A capacidade discursiva das meninas e a consciência que tinham sobre a sua condição de menina em situação de rua, mas também mulher, negra, me sacudia. As agressões de que eram vítimas vinham dos próprios meninos, mas também dos policiais. Relatavam ocasiões em que foram reclusas (lembrando que o ECA era ainda recém-nascido),

apanharam e foram abusadas, mas também rião de contravenções como arrancar um sorvete da mão de uma pessoa distraída, dos furtos praticados (dos “cavalos loucos”) em relação aos transeuntes desavisados e ingênuos que contavam dinheiro na rua. Traziam um olhar de ódio, de dor, de ressentimento, ao falarem do estado de abandono em que se encontravam; lembravam do pai, da mãe, irmãos, das rupturas, dos vícios que não foram suportados pelos familiares ou do abandono que gerou o vício, quando “a porta da rua foi a serventia da casa”.

Insuportável mesmo para elas era ficar presa nos abrigos<sup>7</sup>: “dá vontade de se acabar lá dentro, só a gente e Deus lá”<sup>8</sup>. E assim, as fugas eram recorrentes, de modo que ficavam entre as ruas e as capturas, mas claramente passavam mais tempo na rua, lugar que carregava um certo caráter de liberdade, embora de abandono. “A gente, menina de rua, vem pra rua uma vez, a gente não consegue mais viver fora da rua”. Mas, por outro lado, “a rua é perigosa né tia, pros meninos há perigo de morte e, pra nós, de estupro”.

No Brasil, havia denúncias de tráfico e aprisionamento de meninas, forçadas à prostituição, em cidades como Cuiabá (MT) e outras do norte e nordeste do Brasil<sup>9</sup>, entre elas Rio Branco, Alta Floresta, Porto Velho, Manaus. Muitas das meninas eram levadas por caminhoneiros. No ano de 1992, o jornalista Gilberto Dimenstein (1956-2020) publicou seu “Meninas da noite”, seguindo por uma perspectiva semelhante àquela que eu iniciara cerca de dois anos antes – por ocasião do meu TCC – no que diz respeito ao sujeito menina, mas que ganhava um alcance maior em função da sua articulação, amplitude e apoio do jornal Folha de São Paulo e uma bolsa de estudos da Fundação MacArthur.

No lançamento do seu livro em Curitiba, o documentário “Eu e a rua”, cujos direitos autorais cedi ao MNMMR, foi apresentado. Cabe destacar a fonte

<sup>7</sup> Escolas correcionais voltadas para adolescentes em conflito com a lei e que, vale dizer, tiveram origem no Império após a Lei do Ventre Livre.

<sup>8</sup> Esta e as duas próximas citações, neste parágrafo, fazem parte do depoimento das meninas no documentário “Eu e a Rua”.

<sup>9</sup> O centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA) do Ministério de Ação Social divulgou um documento em que estimava em 500 mil o número de meninas prostituídas (MENINAS DA NOITE, 1992, p.11).

importante que o MNMMR constituía naquele período, tanto para mim quanto para Dimenstein. No autógrafo que me deu, lá está: “Juntos na mesma luta”.

Década marcada por violações, assassinatos, prostituição, abandono, desaparecimento de crianças pequenas, chacina da Candelária.

“Direito à vida e à saúde, à liberdade, ao respeito e à dignidade, à convivência familiar e comunitária” que pareciam ser óbvios, só puderam ser garantidos pelo artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, uma garantia que, sabemos, nem sempre prevaleceu e não prevalece. O Estatuto teve como relatora, na Câmara dos Deputados, a ex-deputada Rita Camata (PSDB-ES). Para ela:

Foi uma grande inovação (após a ditadura) a proposta partir dos movimentos que viviam o cotidiano da criança e do adolescente e sentiam a necessidade de ter uma proteção integral às crianças e aos adolescentes. (Agência Brasil, 12/07/2015)

O MNMMR, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), integraram a comissão nacional sobre o tema, que contribuiu para uma nova concepção de crianças e adolescentes como “sujeitos de direitos”.

Como desdobramento do documentário, assumi, com outros profissionais – entre os quais, psicólogos, sociólogos e educadores –, a tarefa de participar dos depoimentos de meninas que, em “carne viva”, narravam seus sofrimentos e a violência que sofriam na rua, praticada sobretudo por policiais. A tomada desses depoimentos tinha o apoio da procuradoria de justiça do Paraná. Ao me colocar em posição de escuta daquelas meninas – elas mulheres –, pude abrir palavras feridas, caladas, rompidas daquele silenciamento. Seus corpos como lugar de registro das suas histórias intensas; a pouca idade que carregava séculos de um feminino deslocado, humilhação, abuso, violação de direito; a cor de suas peles a denunciar o lugar social ocupado pelos seus antepassados: a isso testemunhei. As poucas que não eram negras tinham suas peles encalacradas do cinza peculiar, ‘cor de rato’, como costumavam dizer; cheiros misturados, fermentados. Suas falas lacônicas e com intervalos eram como

espinhos, palavras pontiagudas que vinham, junto com seus olhares perdidos e desamparados, provocando ali, entre os que as ouviam, desconforto e tontura, puro mal-estar. Eu ficava, assim, numa espécie de ignorância e (des)aprendizagem. Nenhuma técnica do jornalismo, nada de que eu sabia até ali havia sido capaz de me preparar para escutar aquelas palavras pontiagudas que rasgavam de dentro para fora. Jamais esqueci da menina que se apresentava como “J”, negra, alta, cabelos bem curtos, dentes grandes, brancos e bem separados: era sarcástica, gostava de encarar para ver se constrangia, narrava secamente suas experiências na rua, reproduzia falas dos policiais a humilhá-la antes, durante e depois dos abusos constantes. Enquanto destruíam seus pertences, como quando despejaram um vidro de xampu na sua cabeça, por exemplo, diziam, segundo “J”: “Tá vendo como tá cheio isto aqui? Fique vendo, é assim que vai acontecer quando eu gozar”.

Depois do documentário e do depoimento de que participou, acho que ela também não se esqueceu de mim. Muitas vezes me chamou quando me viu na rua. A última vez que soube dela foi quando me deu uma fotografia sua, em 1996, de um *book* feito por um estúdio. Ela já não era mais “de menor”, como me disse. No verso da foto, abaixo do seu nome, a legenda traz “ex-menina de rua faz book em estúdio”. Nunca mais a vi, não sei sobre os efeitos que a experiência de modelo por um dia produziu nela. Guardo sua fotografia, guardo sua história, seu olhar que intimidava e desafiava. Até agora não sabia para que guardava, mas acho que posso dizer que guardava como quem guarda uma lembrança, um retalho, um pedaço da própria história, do laço com um outro; acho que guardei para um momento como este, quando eu pudesse fazer também dela representante da mulher de voz calada que semeou em mim o desejo de escutar, de abrir as palavras.

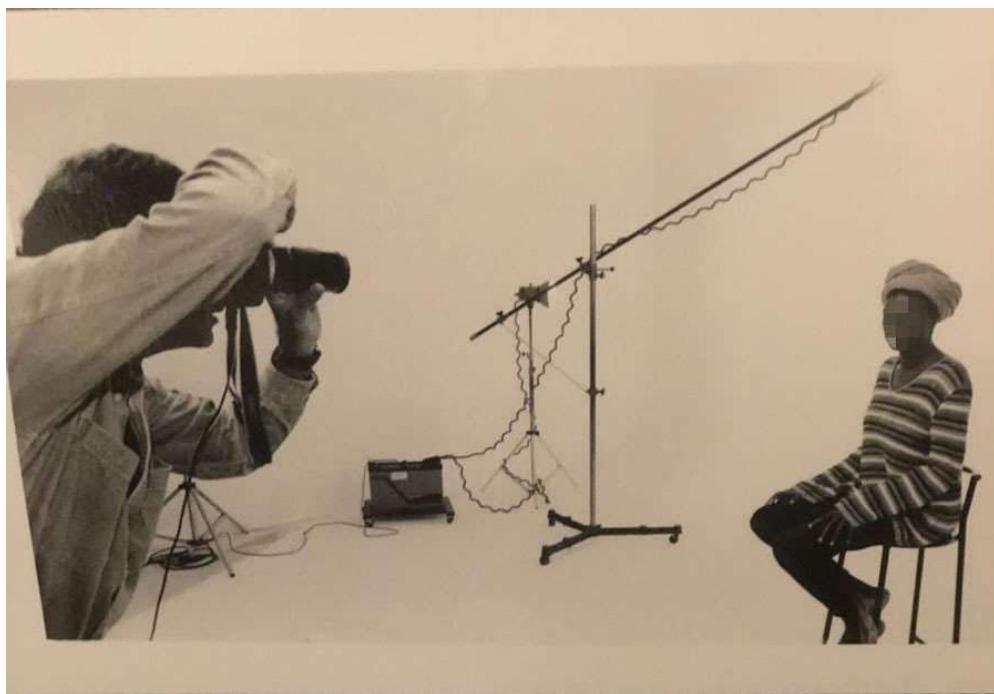


Foto de J. Fonte: Reprodução de fotografia compilada pela autora.

O tom grave da voz de J. ao narrar a sua dor é o eco necessário para que eu me situe hoje na psicanálise, diante do desafio de pôr em cena uma tese que tem no centro da discussão a palavra calada que aparece no corpo, na história do sujeito, mas também a palavra que é bem-dita e que produz efeito. O que amarra a minha questão, entre a palavra calada e a palavra que abençoa, é a palavra que cura.

O encontro com as meninas e os meninos no espaço da rua – que era ao mesmo tempo liberdade e denúncia da falência dos laços familiares, do descaso do estado e omissão da sociedade civil – imprimiu marcas determinantes para o meu encontro com Anália Franco, sujeito do meu mestrado. Ela que, num tempo outro, fez o que era possível para acolher crianças e mulheres desamparadas.

Hoje, olhando para aquele momento com as meninas, somado aos estudos que fiz sobre a participação da mulher no espaço público – resguardadas as diferenças –, sou levada a associar que dor e liberdade marcam o corpo do feminino na busca por um lugar fora das paredes domésticas.

Ter recuperado esse percurso abriu espaço para dar sentido aos desafios acadêmicos a que me proponho. Ao lado da palavra encantada, calada, palavra

dita, a mulher é o sujeito que tomo aqui como eleito mais uma vez. Foi assim na graduação, foi assim no mestrado, como contarei a seguir, e é assim no doutorado.

Nesta linha do tempo, acredito seja importante marcar aqui mais um nome de mulher com quem trabalhei naquele período, fazendo reportagens de rádio para um programa voltado para mulheres-mães. Seu nome é Zilda Arns Neumann (1934-2010), médica pediatra e sanitária brasileira, fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança, morta no terremoto no Haiti. Ela era irmã de Dom Paulo Evaristo Arns, que dispensa apresentações na história dos direitos humanos no Brasil.

### **Encontro com outras mulheres**

Em 2007<sup>10</sup> – após abandonar uma primeira intenção de estudo que tinha por foco a educação da criança cega no processo histórico – fiz uma incursão pela condição da mulher associada à promoção da infância, mais precisamente aquela formada por crianças pertencentes às classes populares. Percorri, desse modo e com essa intenção, alguns perfis femininos da virada do século XIX até as primeiras décadas do XX, para orientar a minha pesquisa de mestrado.

A pista me foi dada pela leitura da autobiografia de Dorina Nowill (1919-2010), fundadora de uma instituição voltada para cegos na cidade de São Paulo e que leva seu nome. Em uma passagem do seu livro – que contextualiza o momento histórico, final de 1930 e início dos anos de 1940, em que foi nomeada a primeira técnica de educação especial no estado de São Paulo –, há referências a nomes que circulavam em torno de causas sociais ligadas à infância e à mulher. Entre esses nomes o de Pérola Byington (1879-1963), uma das fundadoras da Cruzada Pró-infância, em 1930.

A contribuição da mulher para a visibilidade da infância me pareceu, então, relevante, bem como a ligação estreita entre a mulher e a criança no

---

<sup>10</sup> Título da Dissertação: Anália Franco e a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva: ideias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870-1920). Em 2012 a dissertação ganhou publicação com o título: Anália Franco, a educadora e seu tempo. São Paulo: Editora Comenius, 2012. Fazem parte do livro a minha dissertação e a dissertação de Samantha Lodi.

processo histórico da educação. Concluí, então, que antes da educação pensada para a criança cega seria importante investigar a promoção da infância em dimensões que incluíssem também as crianças abandonadas, as órfãs e as negras, independente de seus credos, e que fossem operadas pelas mãos femininas. Dos nomes Dorina Nowill e Pérola Byington, a teia intrincada da história levou-me à médica belgo-brasileira Jeanne Françoise Joséphine Marie Rennotte, mais conhecida como Marie Rennotte (1852-1942), que acabou por me conduzir à educadora Anália Franco (1853-1919). Rennotte foi colaboradora, ao lado de Anália, na revista *A Família* e em *A Mensageira*. Escreveu também para a revista *Álbum das Meninas* e mais tarde acompanhou de perto o trabalho da educadora na Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), fundada por Anália Franco em 1901.

Assim, Anália Franco – que até então para mim não passava do nome de um bairro na cidade de São Paulo –, por sua obra e pensamento, colou-se como uma intrigante personagem à historiografia brasileira, particularmente no campo da Educação. Do nome relativamente familiar, foi se descontornando um rosto pouco conhecido dentro das discussões e análises historiográficas.

A defesa da causa social assumida por Anália – que permeou o seu percurso de educadora, escritora e jornalista – está associada aos reflexos da *Lei do Ventre Livre* (1871), que estabeleceu, mediante algumas condições, que os filhos de mulheres escravas que nascessem no Império, a partir daquela data, seriam considerados livres. Vê-se aí que o debate em torno dos direitos da criança é historicamente atrelado às discussões sobre os direitos das mulheres.

A primeira aparição pública de Anália é ao lado de crianças negras – essas mesmas nascidas a partir do *Ventre Livre* – pedindo esmolas, para poder manter a sua primeira “Casa maternal” na região de Jacareí, norte de São Paulo, dedicada a amparar crianças deixadas à sua porta ou encontradas nas moitas e estradas. Seu comportamento é considerado insólito para a época, ao proteger negros, filhos de escravos, pedir esmolas pelas ruas em pleno regime monarquista, católico e escravocrata. Ganharia a antipatia da população local, que a vê como uma mulher perigosa.

Esse *début* marcará sua trajetória na condução do seu projeto educacional: a AFBI – Associação feminina Beneficente e Instrutiva – por ela

fundada em 1901. Ao longo da sua história, foram implementadas cerca de 110 escolas, entre asilos, creches, escolas maternais, liceus femininos e a colônia regeneradora. A Associação contou com o apoio da sociedade civil, da maçonaria e de grupos espíritas; recebeu subvenções do Estado e do município e ganhou a antipatia do clero.

Inicialmente, o que chamou a minha atenção no projeto educacional de Anália Franco teve menos a ver com a ideia da instrução e mais a ver com o público que ela privilegiou: crianças pobres (infância “desvalida”), sem distinção de credo e de raça, além de mulheres rotuladas de “mulheres arrependidas” (leia-se aqui: prostitutas, separadas e mães solteiras), que ela recebia nas suas creches, escolas, asilos e oficinas. Li no posicionamento prático de Anália Franco um certo gesto transgressor. Ao mesmo tempo em que era diplomática e reunia apoiadores de sua obra, divergentes entre si – tanto no aspecto político quanto religioso –, desenvolvia seu próprio método de ensino e rodava seu material em tipografia da associação, sem prestar contas a ninguém sobre o conteúdo. Oficinas como essas da tipografia e de costura eram espaços para que as “mulheres arrependidas” pudessem aprender e trabalhar. Para os seus filhos pequenos, Anália providenciou creches. Assim, criava condições para que esse contingente feminino pudesse conquistar uma autonomia e vivenciar novas experiências, rompendo com o silenciamento e o apagamento a que eram submetidas<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Neste ponto, remeto o leitor à iniciativa contemporânea. Trata-se da Lei do Espaço Coruja. O Projeto Lei nº 017/2017, de autoria da vereadora Marielle Franco e do vereador Tarcisio Motta, que prevê a criação de um espaço infantil noturno de atendimento à primeira infância, no município do Rio de Janeiro, visando atender a demanda de famílias que apresentem atividades profissionais ou acadêmicas comprovadas nesse horário. O projeto de Lei nº017/2017 foi aprovado na primeira sessão no Plenário da Câmara Municipal do Rio, no dia 02 de maio de 2018, quase dois meses após a execução da vereadora Marielle Franco, ocorrido no dia 14 de março de 2018. Marielle foi a quinta vereadora mais votada no Rio nas eleições de 2016, obtendo 46.502 votos. Era socióloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestra em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenou, junto ao deputado estadual Marcelo Freixo, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). A vereadora era conhecida pela militância em defesa do direito das mulheres, dos moradores das favelas, dos negros e da comunidade LGBT.



Meninas e meninos, pequenos e maiores, são fotografados no pátio da Colônia Regeneradora, sede da AFBI - s/data. Fonte: AFBI Anália Franco<sup>12</sup>

Ações efetivas no campo da educação no estado de São Paulo marcam a presença da ABFI, que tinha uma posição inclusiva e de acesso indiscriminado, independente da condição social, cor e credo dos alunos. À frente da AFBI – num contexto em que era negada à mulher a participação social e o pensamento que orientava projetos para a nação era predominantemente masculino – Anália Franco teve uma vida pública participativa nas discussões sociais. Com ela, mulheres do seu tempo contribuíram para a construção de uma história dos vencidos; uma história que aconteceu, mas que ficou sufocada pelos escombros dos grandes feitos de uma história oficial de vencedores.

Diante das fontes que informaram minha discussão na dissertação de mestrado, a tentativa foi a de oferecer um espaço para descongelar palavras que contam a história escrita por mulheres e que incluem as mulheres. Ao percorrer a leitura da farta documentação relacionada à vida e à obra de Anália Franco, a mim pareceu curiosa a informação de que ela havia perdido a visão durante um

---

<sup>12</sup> A foto está disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12950864/analia-franco-ea-associacao-feminina-beneficente-e-instrutiva-ideias-> Ver Eliane de Christo Oliveira. Anália Franco e a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva: ideias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870 - 1920). Dissertação (Mestrado). Universidade São Francisco Itatiba-SP, 2007, p. 94.

período de dois anos por volta de 1887 e depois a recuperou sem qualquer explicação orgânica. Para o seu biógrafo, Eduardo Monteiro de Carvalho, ela teria se tornado espírita após essa cura. Na minha fantasia coube pensar Anália em sintonia com as histéricas de Freud, e a cegueira temporária como um dos sintomas associados ao quadro.

### **Primeiro encontro com Freud**

Como meu recorte temporal da dissertação privilegiou o período de 1870-1920, esbarrei com Freud pelo caminho. Estava ali às voltas com a presença insistente do discurso médico-higienista, jurídico-policial e religioso, quando me chamou atenção aquele homem tão século XXI... Sim, porque ele me parecia muito contemporâneo. A angústia, os conflitos, a dor de viver, a contradição, estavam contemplados na visão freudiana. Um escâner das vísceras abertas da experiência humana havia sido inventado sob o nome de Psicanálise e, assim, a obra de Freud permanecia viva e aberta.

Esse enredamento em que me vi surgiu quando me deparei com a história de Freud, e nela algo destoava: um médico que “dava” a palavra à paciente (a mulher), que deixava que esta falasse, que se colocava como mediador entre a dor ditada e o “remédio” que não existia. Num momento histórico, virada do XIX para XX – especialmente difícil para o contingente feminino e para todas as populações que não se inscreviam no ideal de capacidade, ordem, razão e de normalidade (aqui incluem-se loucos, negros, deficientes físicos) –, Freud foi o médico que se colocou em posição de escuta da palavra calada das mulheres<sup>13</sup> daquele tempo, contrariando a lógica estabelecida; a lógica de que a elas restava ficar constrita entre a subserviência aos pais e a dependência econômica dos maridos. O inconsciente “nasce” dessa subversão, no intervalo entre a fala da mulher e a escuta do médico. Uma escuta que se propõe a despertar a paralisia

---

<sup>13</sup> Essas mulheres a que me refiro apresentavam sintomas histéricos. Segundo Roudinesco e Plon: “conflitos psíquicos inconscientes, que se exprimiam de maneira teatral e sob a forma de simbolizações, através de sintomas corporais paroxísticos (ataques ou convulsões de aparência epiléptica) ou duradouros (paralisias, contraturas, cegueira)”. Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Dicionário de psicanálise. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 337.

do corpo feminino, escutando seu grito e abolindo o tormento de que padecia, tormento esse que não tinha nenhuma determinação orgânica.

Freud substitui o estetoscópio da ausculta da medicina pela escuta da palavra do paciente. Em vez de identificar ruídos dos órgãos para monitorar a condição clínica<sup>14</sup> e avaliar uma resposta terapêutica, põe-se a escutar a dor psíquica da “mulher histérica”, manifestada por meio de sintomas, entre os quais: acessos de tosse, alucinações, contraturas, tiques, paralissias e obsessões sexuais. O fato de esses sintomas convergirem para o corpo não seduz Dr. Freud para o estudo das causas e fatores orgânicos. Será o uso da palavra, na fala de sua paciente, seu “material” de análise mais precioso.

Mais tarde, a história dessa “mulher histérica” será reescrita. Ainda que reescrita a partir do lugar de um homem e médico, no caso Freud, é inegável a sua importância para tirá-la do mutismo que tentava obliterar seus desejos e fantasias condenando-a ao confinamento pessoal e privado dos dramas familiares ou às internações. A escuta fina de Freud foi capaz de ouvir a disfonia a que mulheres como Anna O, Emmy Von N, Miss Lucy R, Katharina e Elisabeth Von R<sup>15</sup> estavam submetidas em relação ao pensamento da época e abriu espaço para interrogações importantes, seminais para a teoria e para a técnica psicanalítica.

Assim, essas mulheres que tinham seus nomes próprios trocados ou abreviados, anônimos ou em construção – junto das palavras congeladas em seus corpos como pictogramas em camadas – são nossas antecessoras na emergência da fala que lança apelo de escuta pela via das tosses, vômitos, repugnâncias, troncos curvados. Ao mesmo tempo em que se posicionavam contra as sugestões propostas por Freud e agarravam-se de modo obstinado a seus sintomas, mostravam-se dóceis ao servirem de melhor *médium de hospital*,

<sup>14</sup> Remeto o leitor à tese de Lúcia Arantes, na qual a autora faz importantes discussões sobre a radical diferença do diagnóstico na Psicanálise e na medicina e a especificidade em foco nessas diferentes clínicas. Lúcia Arantes. Diagnóstico e Clínica de Linguagem. Tese (Doutorado em Linguística) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2001.

<sup>15</sup> Suas histórias fazem parte dos casos clínicos nos Estudos sobre a histeria (1893-1895). Freud faz menção em extensas notas de rodapé a outras três mulheres: Rosalia H., Mathilde H. e Cäcilie M. (Ver Sigmund Freud e Joseph Breuer. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In. Obras Completas, volume II. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.)

prestando-se a experimentos, particularmente no âmbito da hipnose. Foram elas as protagonistas dos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), que com suas histórias clínicas puderam mostrar a ambivalência tão própria do psiquismo humano e que tanto colaboraram na luta de Freud por alcançar a compreensão das neuroses. Seus relatos clínicos portam um certo parentesco com a literatura, de modo que a forma do registro feito por Freud tem mais proximidade aos romances do que dos estudos científicos.

Freud valorizou as novelas familiares. Suas “heroínas” traziam nos seus corpos-textos, dotados de significação, cicatrizes sociais que mascaravam conflitos, proibições, abusos sobre as suas antecessoras na história. Séculos de silenciamento impressos em seus corpos reprimidos, mas falantes frente à fala calada. Descontrole e loucura marcam o discurso sobre as mulheres, erigido pela voz masculina, autorizada a deliberar sobre seus corpos e suas expressões, como risos altos e olhares, consideradas exageradas e com conotação sexual. Daí se depreende a ostensiva censura a que o feminino foi submetido ao longo da história, de modo que sua voz foi calada.

Num estudo sobre as mulheres e a loucura, a antropóloga Carla Cristina Garcia<sup>16</sup> afirma que houve, desde a caça às bruxas do século XV, uma tentativa de calar a voz feminina e castrar o seu papel de transmissora da cultura popular. Nos séculos seguintes, sobretudo XVIII e XIX, a bruxa tem sua feição expressa na histeria.

É muito simbólico que no impedimento da circulação oral se situe o enfraquecimento do poder da mulher, que de potente feiticeira, douta nas poções e falas mágicas, passa a assumir um lugar de passividade e fragilidade frente aos especialistas dos nervos, que naturalizam sua condição feminina à loucura.

Tecer estas linhas preliminares possibilitou que eu me desse conta de que eu não sabia quão potente é a intensidade com que me atravessa o tema da mulher. Ele foi se costurando em meu percurso e só me dou conta neste momento; enquanto eu vivia eu não sabia o que agora narro aqui. As histórias de vida, a literatura e a poesia, suas articulações e efeitos que produzem em

---

<sup>16</sup> Carla Cristina Garcia. *Ovelhas na névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1995.

mim a palavra e o dizer como marcadores desta travessia, isso tudo permitiu que eu chegasse a *Mulher de palavra: encantada, mal dita, bem dita*.

O sujeito que me refiro neste trabalho é o sujeito psicanalítico, o que nunca mente: tal qual o poeta fingidor de Fernando Pessoa que, em sua *Autopsicografia*, finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente; assim como a histérica de Freud que “encena” num corpo em contraturas a dor do seu silêncio aflito.

A partir desse efeito que a palavra opera no sujeito, proponho-me, neste trabalho, fazer uma discussão e reflexão sobre o lugar da mulher na invenção da psicanálise e a palavra encerrada em seu corpo, além de colocar em relevo a trans(missão) do dom da benzedura; esse bem-dizer de boca a boca, como um fio de linguagem com palavra encantada que costura o saber entre as mulheres. Para isso, recorrerei aos estudos de Freud acerca da histeria, da feminilidade e de referências ao processo criativo dos escritores e poetas, com a intenção de entender o que a histeria ensina à psicanálise e, portanto, ao analista. Nesse sentido, interessa-me acompanhar Freud nos seus relatos clínicos para fazer o reconhecimento das palavras congeladas no corpo e faladas, e das formas como elas se apresentam na histeria, em meio a seus disfarces encobri(dores) psíquicos. Nessa perspectiva, entendo a histeria como musa que inspira a invenção da psicanálise e o corpo da mulher como o lugar de enigma que se expressa como sintoma, porta uma verdade e pede por decifração, nomeação. No ato de descongelar, resgatar palavras, lavar, enxaguá-las parece estar a possibilidade de a mulher, com sua palavra, resgatar a sua própria história.

Continuo acreditando que empreender uma pesquisa é mergulhar por vielas com muitos sinais, cujos apelos reluzentes nos prendem pelos olhos, nos enfeitiçam e por vezes fazem-se crer ilusões à moda de um caleidoscópio. Muitos interesses nos convocam e não são poucas as janelas que se abrem a cada novo autor. Difícil, portanto, não se perder em meio a essas aberturas.

A definição e o refinamento de um tema de pesquisa leva tempo; um tempo que contraria cronogramas e planejamentos. Vejo como impossível “aventurar-se” no percurso acadêmico sem que experimentemos a ignorância diante das fontes, conceitos, contextos, personagens, sujeitos, até que

possamos sustentar um fluxo de pensamento e de reflexão que apoie a nossa pesquisa. Em meio às incertezas e angústias, o folhear atento e vagaroso cabe ao pesquisador. Diante de uma página em branco não há ponto de fuga. Atesta Clarice Lispector, que para escrever há que se colocar no vazio. “Um vazio terrivelmente perigoso [...]. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo”. Assim, o gesto da escrita é este que nunca se acostuma e que sempre nos convoca a uma empreitada solitária.

Neste ponto anuncio que esta tese é constituída de três capítulos. No primeiro, faço um traçado pela invenção da psicanálise, que, na minha análise elege a histeria como musa que inspira e instiga a elaboração da teoria freudiana. Tomo, assim, um Freud artista, e a “mulher histérica” como a que encarna a musa e porta sintomas criptografados. O deciframento desses caracteres serão fundamentais para uma leitura outra da histeria, fora do domínio da superstição e do organicismo. Coube a Freud fazer isso.

Linhos que alinhavam palavras que curam é o segundo capítulo. Nele a intenção é, a partir da *Eficácia Simbólica* ([1949] 2017) de Lévi-Strauss, trazer uma reflexão sobre a interface entre a prática da benzedura (benzimento ou benzeção) e a prática psicanalítica, no que se refere à palavra e à sua eficácia na cura do padecimento humano. O uso de fórmulas mágicas de linguagem nas benzeduras e a sua produção de efeito curativo por meio das rezas estão contemplados na discussão, que faz uma articulação com a *Função poética* de Jakobson.

No terceiro capítulo: corpo da fala e corpo que fala, são abordados os casos clínicos dos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), com a intenção de fazer um reconhecimento das palavras caladas por detrás da “pantomima” da histeria; palavras que Freud abre e recolhe a partir dos relatos das suas “doentes” na clínica particular. Essas palavras caladas da histérica produzem sintomas, seja pelo corpo, pela fala, seja pelo corpo da fala. Com as histórias clínicas que escreve, e que podem ser lidas como novelas, Freud mostra a relação entre a história do padecimento e os sintomas da “doença”. Vê-se um Freud ainda com jaleco de neuropatologista, que se faz nascer psicanalista pelo “corpo” da histeria. Ao lado dos Estudos, discuto o encontro que tive com as meninas em situação de rua, nos anos de 1990; elas que a seu modo inventavam uma “língua

na língua”, deformando a fala, de modo que eu ficasse calada e em silêncio para que pudesse escutá-las.

Antes de encerrar estas linhas preliminares, situo o leitor que este trabalho se insere no grupo de pesquisa “Aquisição, patologias e clínica de linguagem”, no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL, que acolheu o meu projeto inicial. Com essa acolhida, teve lugar um encontro com a Clínica de Linguagem<sup>17</sup> e a possibilidade de um diálogo marcado pela distinção entre esse campo e o da clínica psicanalítica. Na sua diferença, a Clínica de Linguagem acolhe, em seu ambiente, a queixa do falante sobre sua fala desarranjada e a demanda de mudança, portanto, muito distinta da fala que se apresenta na clínica psicanalítica. Adianto que uma teorização extensa e original tem sido realizada no LAEL-PUCSP por um grupo de pesquisadores desde 1997.

Arremato estas linhas preliminares convidando o leitor a percorrer um recorte que privilegia o encontro com a palavra calada e a palavra que abençoa, entrelaçadas pela presença feminina que expressa com sua fala, bem dita e mal dita, a palavra que encanta e que cura.

---

<sup>17</sup> Essa abordagem teórico-clínica voltada ao atendimento de pessoas que apresentam sintoma na fala – as chamadas patologias de linguagem – nasceu por iniciativa de Lier-DeVitto em 1997, num projeto integrado PPG-Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP CNPq [522002 – 97/8]). Como parte do projeto foi criado um grupo intitulado “Aquisição, patologias e clínica de linguagem”, que tem laços com o interacionismo em aquisição de linguagem, postulado por Claudia de Lemos (1982). Embora tenham laços, a relação não é de aplicação nem de identidade. O interacionismo é mantido em posição de alteridade, afinal “parentesco não é identidade” (Ver. M. F. Lier-DeVitto. Novas contribuições da linguística para a fonoaudiologia. Revista Distúrbios da Comunicação, v.7 n.2, 1995.)



Ilustração de Paulo Bernini feita para este trabalho

## 1. A HISTERIA COMO MUSA

*Ao escrever não posso fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor. Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenso e nevrálgico da palavra.*

(Clarice Lispector)

### 1.1 Um traçado sobre a invenção da psicanálise

Apoiada no arcabouço da teoria psicanalítica, marcadamente na obra de Freud, proponho-me neste capítulo a realizar um traçado sobre a invenção da psicanálise, que encontra na histeria seu embrião. A invenção da histeria já foi amplamente discutida por diferentes autores e o que farei aqui é introduzir o tema, a partir de um traçado particular, com vistas a articular meu percurso até o encontro que tive com Freud. Embora não seja um nome que se vincule ao tema da mulher, enquanto gênero, entendo que ele contribui com as discussões, ainda que seu interesse maior fosse em escutar o que a histeria tinha a dizer. Sua relevância no meu trabalho é crucial no que diz respeito à palavra, de modo que, por contingências do seu interesse de estudo, a história da psicanálise encontra na fala e no silêncio das palavras da “mulher histérica” terreno fértil para muitos dos seus conceitos que viriam a surgir.

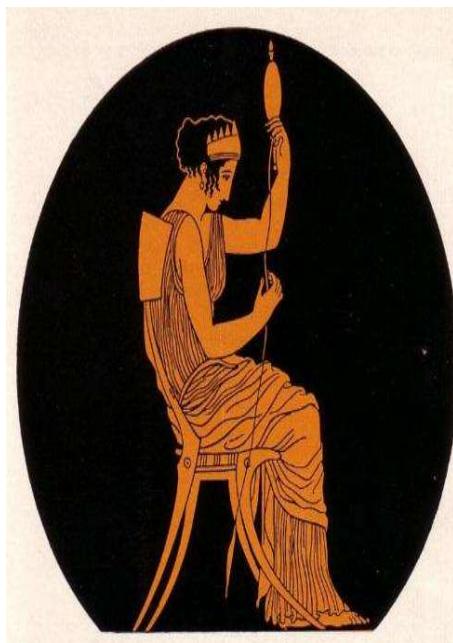
A influência da criação literária e da poesia no entrelaçamento com a teoria freudiana poderá ser notada em alguns pontos. Antes de me deparar com Freud, como se pode ler nas linhas preliminares deste trabalho, meu encontro com questões sociais e com a literatura foram fundamentais para que eu pudesse eleger – ainda que sem saber – a palavra e a mulher como interesse de estudo. Desde cedo fui inoculada pela magia das palavras que podiam curar. Anna O. já sabia disso no final do século XIX.

A mulher e a palavra orientam minha discussão e escolha de autores que possam dialogar comigo na condução deste capítulo e nos que seguirão. Além de Freud, encontrei ressonância, sobretudo, nas vozes de Elisabeth Roudinesco e de Maria Rita Kehl para tecer comigo parte deste capítulo. Delas empresto as

“aspas” dos seus tecidos teóricos, o que me permite compor um ponto a mais desta trama.

*Você que me lê que me ajude a nascer.*

(Clarice Lispector)



*Penélope tece à espera de Ulisses*



*Révélation 185.*

A escrita *nonsense* nas costas da interna do Hospital *La Salpêtrière*, junto à epígrafe de Clarice, lança um apelo àquele que lê: ajude a nascer. Ao me deparar com essa foto, que traz uma intrigante inscrição nas costas da mulher, a frase imperativa da escritora caiu, para mim, como legenda. A convocação de Clarice, ao mesmo tempo em que teve ressonância, me fez pensar sobre a dupla

<sup>18</sup> Disponível em <https://megaarquivo.files.wordpress.com/2015/05/penelope.jpg> Acesso em 10 jan. 2021.

<sup>19</sup> Révélation 185 - La Salpêtrière é um dos primeiros arquivos fotográficos no campo da psiquiatria clínica. O Arquivo do Não Classificável é uma nova edição das fotografias da Iconografia de La Salpêtrière, feitas por Javier Viver (Révélations: iconographie de la Salpêtrière. Paris 1875-1918. Barcelona: Editorial RM. 2015) e arquivadas em vários arquivos modulares. Disponível em: <https://javieviver.com/en/libros/revelations-the-photobook>. Acesso em 10 jan. 2021.

interpretação deste nascimento: sujeito-palavra. Pareceu-me apropriada, considerando que se trata aqui de abarcar discussões que põem em relevo o sujeito mulher e a palavra na psicanálise, desde a sua invenção. Invenção que muito deve à mulher, por ser ela esse sujeito intrigante, cujo corpo configurou-se num enigma chamado histeria, o qual interrogou Freud e homens da ciência do seu tempo. Um corpo tecido, durante séculos, de pontos feitos, desfeitos, refeitos, linhas soltas, esperas e enodamentos, submissões e mordaças. Um corpo do qual cada mulher é herdeira, mas que carrega singular verdade na sua “digital” psíquica. Cada mulher traz em seu corpo palavras que só podem nascer em primeira pessoa e em próprio nome. A psicanálise se inscreve aqui, nesta escuta da subjetividade do sujeito (é)feito de palavra. E o seu nascimento está absolutamente associado à mulher; desta vez, não como objeto passivo, mas como sujeito que desafia e instiga a uma leitura outra. Se as manifestações histéricas carregavam, naquele momento histórico, um certo exotismo, a contar o “requinte” das expressões corporais, também pediam algo que, para além do olhar, demandava escuta, escuta de uma verdade escondida por debaixo das fantasias.

A *bête noire (besta negra)* da medicina, como era conhecida a histeria<sup>20</sup> (do grego ὑστέρα, útero<sup>21</sup>) até a época de Freud<sup>22</sup>, vinha atravessando os séculos carregando consigo preconceitos e um insistente parentesco com feitiçarias na Idade Média e, dada a expressão dessa neurose sob a forma de epidemias como consequência de contágio psíquico, também um importante papel na história da civilização.

<sup>20</sup> Na Idade Média, sob a influência das concepções agostinianas, renunciou-se à abordagem médica da histeria e a palavra em si quase deixou de ser empregada. As convulsões e as famosas sufocações da matriz eram consideradas a expressão de um prazer sexual e, por conseguinte, de um pecado. Por isso, foram atribuídas a intervenções do demônio: um demônio enganador, capaz de simular doenças e entrar no corpo das mulheres para “possuí-las”. A histérica tornou-se a feiticeira, redescoberta de maneira positiva no século XIX por Jules Michelet (1798-1874). Ver E. Roudinesco e M. Plon, Dicionário de psicanálise, *op. cit.*, p.338.

<sup>21</sup> A aproximação entre histeria e útero é um assunto bastante discutido e, pode-se dizer, naturalizado, mas essa associação entre os dois termos é equivocada. A professora Helen King se ocupa dessa discussão. Remeto o leitor a este trabalho: Sander L. Gilman; Helen King; Roy Porter; G. S. Rousseau and Elaine Showalter. *Hysteria Beyond Freud*. Berkeley: University of California Press, 1993. Disponível em <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft0p3003d3/> Acesso em 10 jan. 2021.

<sup>22</sup> S. Freud. Histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Alguns documentos daquela época provam que sua sintomatologia não sofreu modificação até os dias atuais. Uma abordagem adequada e uma melhor compreensão da doença tiveram início apenas com os trabalhos de Charcot e da sua escola do Salpêtrière, inspirada por ele. [...] Os pobres histéricos, que em séculos anteriores tinham sido lançados à fogueira ou exorcizados, em épocas recentes e esclarecidas, estavam sujeitos à maldição do ridículo; seu estado era tido como indigno de observação clínica, como se fosse simulação e exagero.<sup>23</sup>

Esse mistério em torno da histeria das mulheres, examinadas por tantos cientistas, ainda era conservado na virada do século XIX, conforme Roudinesco (2016). Se os médicos não haviam conseguido até ali “decifrar” os corpos histéricos, Flaubert e Tolstói davam-lhes um rosto por meio das histórias de suas heroínas, como bem marca esta passagem de a *invenção da histeria*, na biografia sobre Freud escrita por Roudinesco<sup>24</sup>:

E foi aos ***romancistas e suas heroínas*** – de Flaubert a Tolstói, de Emma Bovary<sup>25</sup> a Anna Karenina<sup>26</sup> – que lhe coube o mérito de lhe dar um rosto humano: o de uma revolta impotente que levava ao suicídio ou à loucura. Em vão afirma-se a existência da histeria masculina tanto em Paris como em Viena: a “doença” parecia golpear sobretudo as mulheres. (Grifos meus)

Como se vê na passagem acima, coube à literatura vestir de humanidade a histeria em oposição ao modelo explicativo preestabelecido do discurso científico.

É do Hospital La Salpêtrière, em Paris, que explodem para o mundo as exibições mais emblemáticas protagonizadas pela “mulher histérica” e dirigidas pelo mestre Charcot, centradas na clínica do olhar. É também nesse cenário que Charcot liberta as histéricas da acusação de simulação. Em Viena, na Áustria, o *teatro particular*<sup>27</sup> se dá na esfera privada, mas está claramente impregnado da

<sup>23</sup> S. Freud. *Histeria. op. cit.*, p. 77.

<sup>24</sup> Elisabeth Roudinesco. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 81.

<sup>25</sup> Publicado em 1857. O livro é considerado pioneiro dentre os romances realistas. A obra tornou-se famosa por sua originalidade. O campo da psicologia cunhou a expressão bovarismo, em referência às características psicológicas da protagonista da obra.

<sup>26</sup> Publicada em fascículos de 1873 a 1877 até ser lançado como livro em 1877. A infidelidade conjugal da protagonista é o tema central.

<sup>27</sup> Metáfora usada por Anna O. para se referir à associação livre, quando em tratamento com Josef Breuer.

ordem que vige naquele ambiente cultural, que faz sofrer e se apresenta por meio de sintomas. No sigilo de um consultório particular, conforme Roudinesco, as mulheres vienenses protagonizaram a construção de uma clínica da escuta. Inaugura-se aí uma clínica da interioridade e ganha relevância a história narrada pelas pacientes. Esses relatos clínicos, como assinala a psicanalista francesa, travestiam a vida real dessas mulheres que marcaram a origem da invenção da psicanálise.

Do encontro com as histéricas, a exemplo de Anna O. e de Emmy von N, Freud inaugura a investigação clínica das histéricas, ao lado de Josef Breuer<sup>28</sup>. O tratamento tem, de um lado, a escuta do analista, e do outro, a fala da paciente. Essa articulação, a própria paciente de Breuer, Anna O, nomeia *talking cure*. A cura pela fala pressupunha um corpo falante e a enunciação da palavra.

Em meio ao discurso da medicina positivista – detentora de saber e prescritora de comportamentos tão presente na virada do século XIX para o XX –, Freud deixou-se interpelar pelas histéricas, ofereceu a escuta e fundou a psicanálise. As histéricas são, dessa maneira, o ponto de partida para a construção do Inconsciente por Freud. E, como aponta Roudinesco<sup>29</sup>, a loucura do saber é a "doença" que Freud recebe das histéricas e dela se apodera, no limiar do século, para advertir os homens de sua ferida originária: a perda de um domínio incessantemente reconstituído pela ilusão de um ego.

Mais do que a escuta de Freud, aquilo que é dito e revelado pela mulher funda a prática analítica. Em outros termos, é da conjunção entre a palavra cedida à mulher e a escuta oferecida por Freud a essa palavra, contradizendo as ciências tradicionais, que a psicanálise se inscreve na história atravessando o *fin de siècle* e abrindo as portas do século XX. As "cenas" ambientadas nesse

<sup>28</sup> Josef Breuer (1842-1925), médico austríaco, desempenhou um papel considerável na vida de Sigmund Freud, entre 1882 e 1895. De certa forma, foi uma figura paterna para o jovem sábio. Ajudou-o financeiramente, inventou o método catártico para o tratamento da histeria, redigiu com ele a obra inaugural da história da psicanálise, *Estudos sobre a histeria*, e foi médico de Bertha Pappenheim que, sob o nome de Anna O., se tornaria o caso *princeps* das origens do freudismo (E. Roudinesco e M. Plon, Dicionário de psicanálise, *op. cit.*, pp. 92-93).

<sup>29</sup> Elisabeth Roudinesco. História da psicanálise na França: a Batalha dos Cem Anos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 36.

contexto histórico revelam que a histeria não se rendia a uma ortopedia preconizada pelos ideais daquele período. A denúncia de séculos de opressão feminina vinha de forma escancarada. Se até então a invisibilidade social da mulher tinha se naturalizado, os ataques histéricos se faziam ver sem qualquer fundo orgânico, mas psicogênico. Na leitura freudiana, o corpo da histérica é esse que fala<sup>30</sup>.

Sem espaço de fala, angustiada e em busca de um lugar, às voltas com seus desejos secretos, a mulher moderna sofre os efeitos da sociedade que insiste em normatizá-la. Essa questão, que ultrapassa o cenário histórico, permitiu que Freud pudesse abrir um terreno teórico, interrogando-se sobre qual era a relação da etiologia da histeria com a subjetividade.

Sobre a virada moderna, momento em que começa se afirmar a ideia revolucionária de que todos os humanos são iguais perante a lei, não havendo distinção de sexo, cor, raça, etnia ou religião, a psicanalista Maria Homem (2019, p.22-23) levanta a seguinte questão: “como fazer, então, para colocar a mulher na roda?”<sup>31</sup>. Escreve a psicanalista que a saída ocidental foi estabelecer uma divisão supostamente igualitária, segundo a qual destinou-se à mulher o poder doméstico – e nesse espaço privado lhe resta fazer a gestão do lar –, enquanto ao homem coube a gestão do espaço público e continuar “no domínio da política, da propriedade e da cultura, inclusive das narrativas simbólicas dominantes”. O fortalecimento da mulher-mãe se dá nesse momento de suposta “igualdade” entre os gêneros, nessa divisão de poder que, por um lado, pretendia expressar essa igualdade entre todos os seres humanos. Por outro lado, contudo, diz a psicanalista, “é quase um estratagema para continuar mantendo o poder patriarcal sobre o corpo da mulher, que vai ser dominado e enquadrado no lugar de mãe”. O fato é que a narrativa de igualdade “diferenciada” do século XIX, conforme assinala a psicanalista, foi uma estratégia que se revelou enganadora, a tomar o fato de que na prática a desigualdade entre os gêneros permaneceu. Longe de ser suficiente, o lugar de “rainha do lar” começou a incomodar, “como

<sup>30</sup> Lacan, além da ideia de um corpo recortado pela linguagem, irá desenvolver mais essa questão do corpo que fala. Entre outras obras, remeto a Jacques Lacan. ([1953] 1966). *Função e campo da fala e da linguagem*. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>31</sup> Maria Homem; Contardo Calligaris. *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2019.

podemos ver a partir de uma leitura crítica da generalização dos sintomas de histeria feminina no final do século XIX que Freud tão bem soube escutar".

Sobre a importância da subjetivação das mulheres no ambiente da histeria do século XIX, Maria Rita Kehl oferece uma investigação aprofundada em sua tese de doutorado que, em 1998, virou o livro *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*<sup>32</sup>. Não só as respostas neuróticas que essas mulheres escolheram para seus impasses – e que conduziram algumas delas para a clínica de Freud, inventando com ele a psicanálise – interessam a Kehl, mas também as respostas literárias, criativas. Parte da sua análise se debruça sobre o romance de *Madame Bovary*, “cuja personagem-título é considerada por muitos críticos e, atualmente, pelo senso comum como paradigma da feminilidade no Ocidente moderno”<sup>33</sup>.

A eleição de uma obra de ficção, no trabalho de Kehl, está associada ao exame aprofundado que faz da mulher freudiana, “fundadora da psicanálise”. A autora faz um mergulho importante em Emma Bovary, trazendo, entre outras reflexões, o fato de a personagem carregar consigo várias máscaras da feminilidade, o que destaca que cada mulher em particular é um sujeito em construção. Nessa perspectiva, a autora aponta que a feminilidade não pode ser reduzida a um conjunto de representações, porque essa tentativa de produzir uma identidade entre todas as mulheres não pode dar conta das questões de cada sujeito. Esta é a tese defendida: a da singularidade.

Na análise que faz, Kehl recorre ao romance por considerar que a literatura porta um saber sobre o presente. Um saber, segundo ela:

Capaz ao mesmo tempo de compor um painel sobre o ‘estado de coisas’ em crise ou em transformação em determinado período e de abrir espaço para as falas emergentes, para a expressão do recalcado, do que ainda não tem lugar no discurso. Nesse sentido, sugiro um parentesco entre a teoria psicanalítica e a obra de ficção, embora esteja longe de querer reduzir uma coisa à outra – ou vice-versa.<sup>34</sup> (grifos meus).

---

<sup>32</sup> A edição a que faço referência aqui é da editora Boitempo, 2016.

<sup>33</sup> Idem, p. 98.

<sup>34</sup> Idem, p. 85.

Da magnitude do movimento social que alimentava a crise vivida pelas histéricas de Freud, nem ele próprio poderia ter se dado conta, atesta Kehl. Esse movimento contemplava os anseios recém-mobilizados pelas condições modernas da vida na Europa e pelos ideais de feminilidade que ainda alimentavam o desejo masculino. Para a autora, a fala das histéricas, na clínica de Freud, denunciava justamente a falta da resposta procurada por Emma Bovary: “o que é ser uma mulher?”.

Essa pergunta, longe de respostas, anunciou-se e insiste. Supostas chaves para esse desejo das mulheres deram mais voltas na direção do cerceamento de liberdade e do silenciamento, impedindo-as ou expulsando-as do espaço público, depositando-as em hospitais e reduzindo sua vida aos limites do casamento e da maternidade, condenando-as à impotência. Como solução de compromisso, entram em cena corpos atormentados, ainda que vistos como: simulação, possessão, enigma. No palco de *la belle époque*, o corpo da histeria reunia na sua expressão uma das tantas formas da loucura atribuídas ao feminino.

As muitas faces da histeria apontam para uma estreita relação com a cultura em transformação, o que faz dela uma neurose deslizante e sempre na iminência de se apresentar de um jeito novo, com novos sintomas, convocando a psicanálise a uma constante atualização da escuta. O questionamento de uma ordem estabelecida, ao lado de uma subordinação forçada, encontra na mulher histérica um representante, que, com seus sintomas expressos no corpo, esconde desejos impossíveis de serem ditos e, portanto, proibidos e geradores de conflitos internos.

Escutar o que a histeria tem a dizer é uma posição que possibilitou a Freud inventar a psicanálise, partindo de um particular para a produção de uma teoria que pode oferecer novas leituras, desenredando as tramas dos dramas ocultos guardados nos corpos histéricos. Com a histeria, Freud pode pensar, por exemplo, o inconsciente, a divisão do sujeito, o recalque.

O caráter extraordinário de protagonismo que a mulher ocupa na invenção da psicanálise carrega consigo questões singulares, como marcas invisíveis e fantasias, além de abusos reais, impedimentos, aspirações,

interdições do saber feminino, desejos ocultos e vidas impossíveis de serem vividas. Ter aberto as palavras, expressas nas narrativas de sofrimento, para além de ter colaborado com a construção da teoria, possibilitou a emergência de um sujeito dividido, de palavra e com sua verdade e efeitos.

Como destaca Roudinesco<sup>35</sup>, foi pela via sensível da literatura que se pode dar um rosto a esta “mulher histérica”. Em Flaubert e em Tolstoi, não há saída para a vida amorosa de suas heroínas; o tédio no casamento abre espaço para o adultério, e o gozo, para o suplício. São os poros abertos desses que dão acesso às dores da condição feminina, dessa mulher que se embrenha em refúgio para ganhar expressão pela via da ficção – ficção que bem podia ser lida como história real. Fronteira entre o dentro e o fora, a pele daquele que domina a arte literária, caso do escritor e do poeta, é território “santo” atravessado à revelia, mas que ganha com o bem dizer na tinta da sua pena a luta contra o mal-dito.

Como bem nos ensina Freud, o poeta nos antecede, o artista nos mostra o caminho, de tal jeito que a psicanálise pode aprender com a poesia, aprender a escutar a dimensão da dor com a qual o sujeito se relaciona, assim como ele próprio aprendeu com as histéricas e pode formular seus conceitos sem caráter adaptativo, sem sufocar a criação.

Os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar.<sup>36</sup>

O fio de Ariadne de Freud é o fio da linguagem, que ele usa feito sonda para perscrutar. Em vez de usar a linguagem como um material com propósito pragmático – já que estava ali como médico em posição de investigador científico –, o viés que adota é o da fluidez do encontro verbal-acústico, a experiência da linguagem, e a abertura de poros para o mundo psíquico da “mulher histérica”.

<sup>35</sup> E. Roudinesco, Sigmund Freud na sua época..., *op. cit.*

<sup>36</sup> S. Freud. *Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos* (Vol. 9). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 8.

Fica Freud diante das “Emmas Bovarys” e “Annas Kareninas”, que precisam ter garantidos seus anonimatos, disfarçadas em nomes fictícios e abreviaturas, situação que se coloca como uma metáfora a mais para o aprisionamento de suas falas e a obliteração de seus desejos, embora se justifique eticamente tal anonimato na psicanálise. Refiro-me às suas “doentes” apresentadas nos *Estudos sobre a histeria*, e que abordaremos adiante, no terceiro capítulo.

## 1.2 A histérica “possuída” pelos seus sintomas



Peter Paul Rubens. Os milagres de Santo Inácio de Loyola<sup>37</sup>

Em 17 de janeiro de 1897, em mais uma das suas frequentes cartas (Carta 56) dirigidas a Fliess, Freud interroga o amigo: “Aliás, que diria você se eu lhe contasse que toda aquela minha história da histeria, história original e novinha em folha, já era conhecida e tinha sido publicada repetidamente uma centena de vezes - há alguns séculos?”<sup>38</sup>

Remonta assim, com Fliess, a observações que já havia compartilhado anteriormente sobre a teoria medieval da possessão – sustentada pelos tribunais

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.pateodocolegio.com.br/31-de-julho-dia-de-santo-inacio-de-loyola/> acessado em 21 de fev. de 2021.

<sup>38</sup> Jeffrey Moussaieff Masson. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 a 1904. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1986.

eclesiásticos – ser idêntica à sua teoria de um corpo estranho e da divisão da consciência<sup>39</sup>.

Mas por que será que o demônio que se apossava das pobrezinhas invariavelmente abusava delas sexualmente, e de maneira repugnante? Por que é que as confissões delas, mediante tortura, são tão semelhantes às comunicações feitas por meus pacientes em tratamento psíquico? Dentro em breve precisarei vascular a literatura sobre esse assunto.<sup>40</sup>

Freud incursionava pelos caminhos da antropologia e, possivelmente, já há muito estava “vasculhando” na literatura desse campo, que muito podia contribuir em suas investidas sobre a feitiçaria e as possessões. Na mesma carta, ele destaca que, por meio das crueldades, podia-se compreender alguns sintomas da histeria, os quais, até aquele momento, tinham permanecido obscuros. Assinala que os inquisidores, mais uma vez, espetavam agulhas para descobrir os estigmas do demônio e que, numa situação similar, as vítimas pensavam na mesma velha história de残酷 sob a forma de ficção (ajudadas, talvez, pelos disfarces dos sedutores).

Se considerarmos possível a relação entre a manifestação de um sintoma como resposta à circulação de ideias, a um discurso de ordem/dominante posto num tempo histórico, podemos pensar que as reflexões aqui apresentadas por Freud, e que apontam para uma proximidade entre os fenômenos da possessão e a histeria, trazem em sua base uma temática sobre o pai. Desse modo, a possessão teria um caráter contestador em relação às figuras de poder e à sociedade repressora, guardando uma certa similaridade com as manifestações histéricas, no interior das quais habitam palavras caladas, dado que vigia naquele contexto a vigilância dos corpos, a sexualidade reprimida e o desejo que levava à culpa.

Diante do corpo da sua paciente, “mulher histérica”, Freud seria uma espécie de exorcista a identificar as marcas demoníacas/sintomáticas, além de fazê-las falar, de modo a libertar suas carnes do estranho habitante. No encontro com Freud e sua técnica, algumas mulheres “possuídas” pela histeria encontraram espaço de fala e de subjetivação, e, na expressão dos seus

<sup>39</sup> Freud chegou a essa hipótese de divisão da consciência, mas a abandonou.

<sup>40</sup> J. M. Masson. A correspondência completa... *op. cit.*, p. 225.

sintomas, uma leitura possível e singular. A considerar o fato de que a psicanálise estava nascendo e a adoção da escrita clínica dos relatos, a arte literária, na constituição de sua teoria e técnica, é manancial incontestável. Esse toque literário marca o “corpo” psicanalítico presente na leitura do corpo da “mulher histérica” que é texto/sintoma e os *Estudos sobre a histeria* texto/escrito que é corpo de investigação.

As mulheres, pacientes de Freud, com seus nomes ocultos e suas feições – só a ele revelados na ocasião – emanam narrativas e conduzem o leitor para dentro das suas intimidades. Assim, as histórias clínicas podem ser lidas como ficções, realidades inventadas, mas que, uma vez inventadas, passam a existir.

Da sua interlocução com a arte, Freud privilegiou a literatura como um campo do qual tomou emprestadas metáforas para deixar mais robusta a sua discussão sobre a relação do homem com a fantasia e a loucura. Das produções sociais, a que mais apresenta concordância com a histeria é a arte: assim considerava Freud, conforme passagem em Totem e Tabu:

As neuroses mostram, por um lado, notáveis e profundas concordâncias com as grandes produções sociais que são a arte, a religião e a filosofia, e, por outro lado, aparecem como deformações delas. Pode-se arriscar a afirmação de que uma histeria é uma caricatura<sup>41</sup> de uma obra de arte, uma neurose obsessiva, a caricatura de uma religião, e um delírio paranoico, de um sistema filosófico.<sup>42</sup>

Sobre a relação entre histeria e obra de arte, conforme Roudinesco, Charcot já fazia do pintor uma espécie de médico da transparência anatômica dos corpos. “Para ele, o artista era um copiador que apunha em sua época ou nos períodos antigos a marca de seu talento, e a obra de arte era uma espécie de histeria bem-sucedida”<sup>43</sup>. De acordo com a psicanalista, Freud contesta essa concepção da criação, dos terapeutas do século XIX e da primeira metade do

<sup>41</sup> Ernani Chaves, no prefácio de Arte, Literatura e os Artistas, faz um importante apontamento. De acordo com ele, a histeria é uma espécie de “imagem distorcida” [Zerrbild] – e não uma caricatura, como se costumou traduzir – de uma “criação artística” [Kunstschöpfung]. Ernani Chaves. Prefácio. Arte, literatura e os artistas. Obras incompletas de Sigmund Freud, Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p.34,

<sup>42</sup> S. Freud. Totem e tabu. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 79.

<sup>43</sup> E. Roudinesco, História da psicanálise na França, *op. cit.*, p. 34.

século XX, que viam no dom a marca da loucura. Com ele, continua Roudinesco, a histeria recebeu uma definição "inversa" à que lhe atribuía Charcot; "perfilando-se no conceito de conversão, ela se transformou em deformação, fantasia, deslocamento, torção de palavras, romance, sexo..."<sup>44</sup>.

Em muitas linhas da obra freudiana, encontramos a concordância que ele estabelece entre a experiência da clínica psicanalítica e a experiência da literatura. Essa interlocução entre os dois campos: psicanalítico e arte literária pode ser lida nisso que Freud pauta a sua teoria: na diferença entre a palavra e o que ela quer dizer, no saber e não-saber ao mesmo tempo, nos contrários, de modo que ganha relevância o sentir em detrimento do entendimento, o que colocaria a psicanálise mais próxima da poesia do que da ciência. Importa, no entanto, marcar que esse parentesco, encontra na literatura uma ferramenta e não um modelo esquemático no qual se encaixa e se aplica. Interessa-me o modo como a literatura – manifesta pela figura do escritor e do poeta – redescobre constantemente a língua, assim como a criança o faz nos seus incansáveis neologismos.

Em *O poeta e o fantasiar*, Freud se interroga sobre se não deveríamos procurar os primeiros indícios da atividade poética já nas crianças, lembrando-nos de que a atividade mais intensa e também a que mais agrada às crianças é o brincar. Nas suas considerações, a criança quando brinca “se comporta como um poeta na medida em que ela cria seu próprio mundo”<sup>45</sup>. O poeta, considera Freud, faz algo que se parece, “ele cria um mundo de fantasia que leva a sério [...]. E a linguagem mantém esta afinidade entre a brincadeira infantil e a criação poética”<sup>46</sup>. A constante revitalização da linguagem e o recurso da fantasia são, desse modo, parte de uma utensilagem das quais a arte literária, a psicanálise e as crianças lançam mão no seu ser e estar.

Na língua ditada pela mulher, Freud escuta palavras que o conduzem às histórias das suas vidas privadas. Além de escutar, coloca-se naquele momento em posição de escriba e de tradutor, de modo que formula alguns dos seus conceitos a partir daquilo que testemunha das suas falas. Ao aproximar-se das

<sup>44</sup> Idem, p. 37.

<sup>45</sup> S. Freud. *O poeta e o fantasiar*. In: Arte, literatura e os artistas, *op. cit.*, p. 54.

<sup>46</sup> Idem, p. 55.

histéricas, toca no encantamento da oralidade das histórias do feminino, lá onde as palavras eram mantidas congeladas. Essas palavras congeladas no corpo podem ser lidas como “conservadas” para serem abertas num tempo outro, sem perder seu “sabor” ou saber. Será Freud aquele que, na sede de desvendar a patogênese da histeria, desencantou, descongelou as palavras desorientadas, absolvendo-as do corpo das suas pacientes para que ganhassem sentido na reescrita das suas histórias?

Como homem do seu tempo, Freud cultivava um espírito de cientista e estava em sintonia com o discurso médico à sua volta, mas sentia o limite desse discurso para as suas formulações teóricas. Sempre esteve mais atento à escuta do sintoma e aos dados que a clínica lhe oferecia, e que eram, para ele, sempre mais fortes que o compromisso com a teoria. Em diálogo com os ares do seu tempo, não podia deixar de encontrar Charcot.

Com o caso de Anna O., Freud possuía desde 1880 uma experiência de escuta com a qual não sabia o que fazer, e foi a Paris para ver Charcot reinar em meio às histéricas; este não se interessou pela história de Anna, mas criava e suprimia sintomas através de uma fala sugestiva. Mostrou, à parte qualquer magia, que os fenômenos da histeria obedeciam a leis; tratou as observações clínicas como fatos e delas extraiu conjecturas neurológicas, contrariamente aos clínicos alemães, que se baseavam numa teoria dos estados mórbidos.<sup>47</sup>

O encontro ocorreu em 1886, e foi motivado pelas investigações em torno da histeria – que tem de um lado a “mulher histérica” e, do outro, os homens da ciência ávidos por desvendar esse “mal”. Nesse contexto, a “mulher histérica” é figura central para o encontro entre os dois. Charcot, em Paris, diante de um contingente numeroso de mulheres no *La Salpêtrière*, conduz experiências sobre histeria utilizando a hipnose, uma heresia para a ciência, pois violava o princípio de que os sintomas deveriam ter origem orgânica. Essas investigações causam muita impressão em Freud, mas a figura de Charcot também produz nele admiração. De frequentador das conferências das terças-feiras, em 1888, Freud chega a tradutor das *Leçons du Mardi de la Salpêtrière* do francês para o alemão.

---

<sup>47</sup> E. Roudinesco, História da psicanálise na França, *op. cit.*, p. 33-34.

Em seu relatório sobre seus estudos em Paris e Berlim – no qual se dedica a comentar sobre a histeria e o hipnotismo –, entre outros apontamentos importantes, Freud se esforça, como ele próprio diz, em resumir em poucas palavras o que Charcot realizou no estudo clínico da histeria. De acordo com suas observações, até aquele momento era muito difícil considerar a palavra histeria como um termo com significado bem definido. “O estado mórbido a que se aplica tal nome caracteriza-se cientificamente apenas por sinais negativos”<sup>48</sup>. Ira e preconceitos a respeito da histeria eram, naquele contexto, muito difundidos, e não faltavam associações da histeria com a irritação genital, além de um certo exagero dado à simulação no quadro clínico da histeria. A observação de Freud é contundente:

Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio. Sob outro aspecto, é possível que se tenha dado um passo atrás no conhecimento da histeria. A Idade Média estava familiarizada de modo preciso com os ‘estigmas’ da histeria, seus sinais somáticos, e os interpretava e utilizava à sua própria maneira.<sup>49</sup>

A partir de sua experiência em Paris, Freud pode estabelecer contrapontos importantes com o departamento do ambulatório, em Berlim, onde testemunhara uma certa negligência sobre os sinais somáticos da histeria, “praticamente desconhecidos e que, em geral, quando se fazia um diagnóstico de ‘histeria’, parecia estar eliminada qualquer motivação para se obter mais algum informe a respeito do paciente”<sup>50</sup>. Em outra direção, relata Freud, Charcot partia de casos mais desenvolvidos e encontrava numerosos sinais somáticos, os quais possibilitavam estabelecer o diagnóstico da histeria com base em indicações positivas. Entre os sinais somáticos eleitos estavam: a natureza do ataque, a anestesia, os distúrbios de visão, os pontos histerogénos.

Estudando cientificamente o hipnotismo – área da neuropatologia que teve que ser arrancada, de um lado, do

<sup>48</sup> S. Freud. (1886). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 45.

<sup>49</sup> Idem, Ibidem.

<sup>50</sup> Ibidem.

ceticismo e, do outro, do embuste –, Charcot chegou a uma espécie de teoria da sintomatologia histérica.<sup>51</sup>

Freud qualifica de corajosa a posição de Charcot ao reconhecer os sintomas histéricos como sendo na maior parte legítimos.

Paris figura assim como esse palco de discussões muito implicadas em torno da histeria e que, pode-se afirmar, estava à frente de outros países naquele recorte histórico. Parece pertinente a influência do mestre francês sobre Freud, que mantinha sua libido debruçada sobre a histeria.

Se lá no século XV a caça às bruxas se dava a pretexto de calar as mulheres e interditar seu papel de transmissora da cultura popular – como aponta o estudo sobre as mulheres e a loucura feito por Carla Cristina Garcia, já mencionado na introdução deste trabalho –, temos que admitir que é no mínimo significativo que entre os sintomas mais emblemáticos da histeria esteja a conversão corporal, imagem que tanto se aproxima de um corpo possuído, diabólico, plantado no imaginário popular. Curiosamente, os dicionários<sup>52</sup> definem conversão: “mudança de forma, transmutação; mudança de religião ou seita, de visão, de costumes etc.; alteração de sentido, de direção; transformação de personalidade; substituição de um afeto por uma manifestação corporal...”. A voz, a fala, é a moeda com que as mulheres pagam para continuar existindo com um certo mutismo, mutação, mutilação, submissão às leis ditadas pelo discurso corrente da época.

O imaginário sobre a bruxa associa uma mulher “medonha” ao seu caldeirão de alquimia e que resulta em poções mágicas. Suas forças são supostamente sobrenaturais e usadas para o mal. Essa perscrutadora do futuro, feiticeira, guarda em sua descrição certas semelhanças com a figura clássica do cientista em seu laboratório, ao colocar seu saber a serviço de descobertas, em meio à manipulação de fórmulas e cálculos. Proponho esta breve digressão, acerca de um certo pareamento das figuras da bruxa/histérica e do cientista, a propósito do que estou tentando resgatar sobre as palavras amordaçadas, congeladas, e que conserva na sua essência o saber do qual as mulheres foram

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Refiro-me, neste caso, ao dicionário Michaelis online. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=wklw> Acesso em 2 abr. 2021.

destituídas ao longo do tempo. Com sua imagem de sábia apagada, sobra a distorção, tanto da imagem de seus corpos, como da sua sensibilidade e singularidade.

A nós analistas, acredito, importa um mergulho nas profundezas obscuras da vida feminina, a fim de resgatar certa narrativa perdida, marcada pela dor dos seus corpos forçados a serem “amputados” do erotismo/desejo e mascarados por sintomas, muitos dos quais manifestados pela projeção pélvica e arqueamento do tronco que simulam uma relação sexual, mas também uma possessão com requinte “demoníaco”.

Tirar das trevas essas bruxas<sup>53</sup> parece ter sido uma aposta inconsciente de Freud a contar a desfaçatez no modo como a psicanálise se apresenta no auge do iluminismo científico do século XIX, dando ouvidos à mulher e garantindo-lhe espaço de fala, ainda que o interesse em jogo fosse a histeria.

Diante de pacientes<sup>54</sup> como Anna O, Emmy von N, Miss Lucy R, Katharina e Elisabeth von R, Freud teve a oportunidade de percorrer os meandros da histeria em sua busca de uma verdade sob as máscaras dos seus sintomas expressos em exageros. É preciso lembrar que poucas eram as mulheres que tinham acesso à leitura e raras escreviam; e quando escreviam usavam pseudônimos masculinos. Era nesse terreno árido ao sensível que Freud se metia e que a presença feminina ganhava expressão pelo desatino. Quando começa a escutá-las em seu consultório, Freud não sabe, a priori, qual a direção que seguirá com suas hipóteses. Sua teoria vai nascendo junto com a voz das pacientes que, com suas histórias, material mnêmico, desafiam Freud a ficar em silêncio para poder escutar e percorrer com elas, pelas cadeias de lembranças,

<sup>53</sup> Indico a leitura do livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, de Silvia Federici, traduzido pelo coletivo Sycorax (2017). Nesse livro, a filósofa e ativista feminista italiana investiga o que houve com as mulheres durante a instalação do capitalismo. Com a caça às bruxas, elas tiveram sequestrada sua autonomia (lavradoras, pedreiras, parteiras e curandeiras, conhecedoras de ervas e sobre a natureza). Denominadas “servas do diabo”, as “bruxas” eram todas aquelas mulheres independentes, sábias, muitas vezes solteiras e pobres, e tinham autonomia sobre seus corpos, decidindo sobre a gravidez ou o aborto. Ressalto a importância da discussão de Federici, que acolhi para desenvolver em momento oportuno, mas não nesta tese.

<sup>54</sup> A verdadeira identidade de cinco dessas mulheres foi revelada por historiadores a partir dos anos 1960. Chamavam-se Bertha Pappenheim, Fanny Moser, Aurelia Öhm, Anna Von Liebene, Ilona Weiss. (E. Roudinesco. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*, op. cit., p. 85).

momentos não exatamente datáveis, personagens, cenas familiares, que afetaram seus corpos.

O encontro de Freud com as “mulheres histéricas” inaugura a clínica da escuta, e é pela via da experiência da linguagem que essas mulheres, ao narrarem seus sofrimentos, depositam em Freud um saber sobre elas. Na prática, o que vai aparecer é que cada uma delas carregava, a seu modo, esse saber não sabido, e que depositar no outro tal saber foi a fantasia necessária para que o tratamento pudesse ter início. Pelo fio da escuta de Freud, algumas delas conseguiram guiar-se para dentro de si em busca das suas verdades e com elas colaboraram para a criação do conjunto de palavras do idioma da psicanálise traduzido em materialidade psíquica.

Na passagem em que a psicanalista Daniele John discute a intervenção “não-sabida” do analista diante da enunciação de atos falhos pelos analisandos nos oferece uma importante contribuição acerca do desafio de reinventar a psicanálise diante de cada paciente. Nesse sentido, ela escreve:

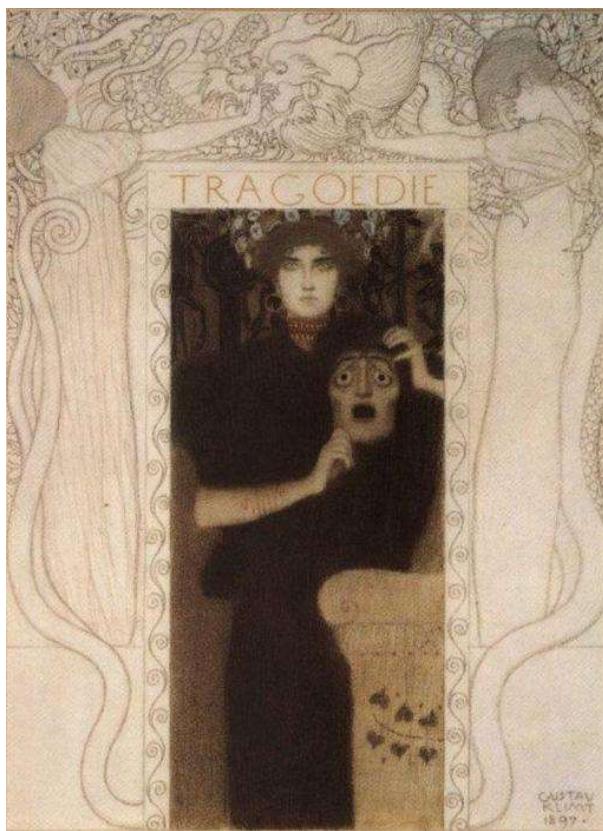
O analista conhece algo sobre a lógica do inconsciente, sobre as regras técnicas e éticas do jogo analítico, mas desconhece como esta lógica se apresenta e se apresentará na singularidade de cada sujeito. Portanto, não basta que seja um grande conhecedor da psicanálise, precisa também saber não saber.<sup>55</sup>

Esta reinvenção cotidiana da clínica da escuta numa posição que implica “saber não saber”, como nos traz a psicanalista, abre lugar para a reinvenção da história do sujeito em análise por meio de suas narrativas e ressignificações. Essa marca distinta da palavra que cura, que escreve a psicanálise, coloca-se a serviço disso que insiste na língua, disso que faz falar o outro de si mesmo, como são as manifestações do inconsciente.

---

<sup>55</sup> Daniele John. Reinventar a vida: narrativa e ressignificação na análise. São Paulo: Editora Ideias & Letras. 2015, p. 73.

### 1.3 Heroínas freudianas e o inferno feminino



*Tragédia.* Gustav Klimt (1862-1918)<sup>56</sup>

*Tragédia*, pintura de 1897 do artista austríaco Gustav Klimt, contemporâneo de Freud, foi escolhida aqui como símbolo das “doentes” que buscavam o atendimento do Dr. Freud. Mulheres que aqui vou tratar como heroínas freudianas em referência ao protagonismo que ocupam nos escritos clínicos que, para além de contemplarem os relatos, configuram-se em importante corpus de investigação histórica e psicanalítica, como marco inaugural da invenção da psicanálise. Uma máscara à mão é sempre uma boa saída para quem não pode ou não quer ser identificada: assim era a “heroína” freudiana, assim é a histeria na mutabilidade dos seus sintomas. Enfim, podemos atribuir muitos significados à máscara; aqui, em especial, representa o sintoma, a não unidade e a não fixidez da identidade histérica de cada uma das heroínas freudianas, que puderam com suas palavras e falas – material com que trabalha

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@@/7Z5Q7D-Gustav-Klimt-Trag%C3%A9dia>. Acesso em 02 de fev. de 2021.

um analista –, oferecer a Freud uma via privilegiada para a invenção da psicanálise.

Ao lado de outros cientistas contemporâneos, Freud parte para os seus *Estudos sobre a histeria* – que assina com Breuer e publica em 1895 –, interrogado pelos mistérios que se apossavam dos corpos de muitas mulheres, disfarçados em nuances de “loucura”. Desde Freud, a causa da histeria passa a ser articulada ao funcionamento inconsciente, apoiado na fantasia.

Nos *Estudos sobre a histeria*, há a circulação da palavra entre paciente e médico, ainda que a escrita fique nas mãos do médico. Conflitos e impasses conduzem à clínica de Freud algumas mulheres pertencentes à classe social cultivada e afeitas à leitura. No prefácio à primeira edição desses estudos, Freud e Breuer anunciam ao leitor que “seu conteúdo diz respeito, de várias maneiras, à vida e ao destino mais íntimos<sup>57</sup> de nossos doentes”. Desse modo, justifica-se que, para evitar qualquer exposição que pudesse identificar suas doentes, haviam renunciado a observações instrutivas e comprobatórias que concerniam aos casos em que os relacionamentos sexuais e conjugais tinham importância etiológica. Na preservação da intimidade de suas doentes, residia o fato de Freud apresentar de forma incompleta a prova de que, na sua concepção, a sexualidade teria um papel fundamental na patogênese da histeria. No entanto, foi forçado a excluir da publicação precisamente as observações de natureza marcadamente sexual como medida de cautela. Foram essas mulheres, com suas identidades anônimas, que inventaram com Freud a psicanálise: Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina, Elisabeth von R.

Marco inaugural, os *Estudos sobre a histeria* configuram-se como fontes históricas importantes tanto para a história da mulher quanto para a história da psicanálise. A vida íntima e privada de um grupo de mulheres burguesas podem ser conhecidas nos escritos clínicos de Freud instigado pela histeria. A confiança das suas pacientes, permite-lhe testemunhar, com sua escuta, as falas e as cicatrizes disfarçadas em sintomas de sofrimentos que comprometiam a vida cotidiana de cada uma. Essas cicatrizes em forma de textos pictográficos

---

<sup>57</sup> S. Freud e J. Breuer, *Estudos sobre a histeria*, *op. cit.*, p. 14.

esboçavam traços das suas fantasias secretas e apresentavam-se por meio de tosses, enjoos, conversões, tonturas, falta de ar.

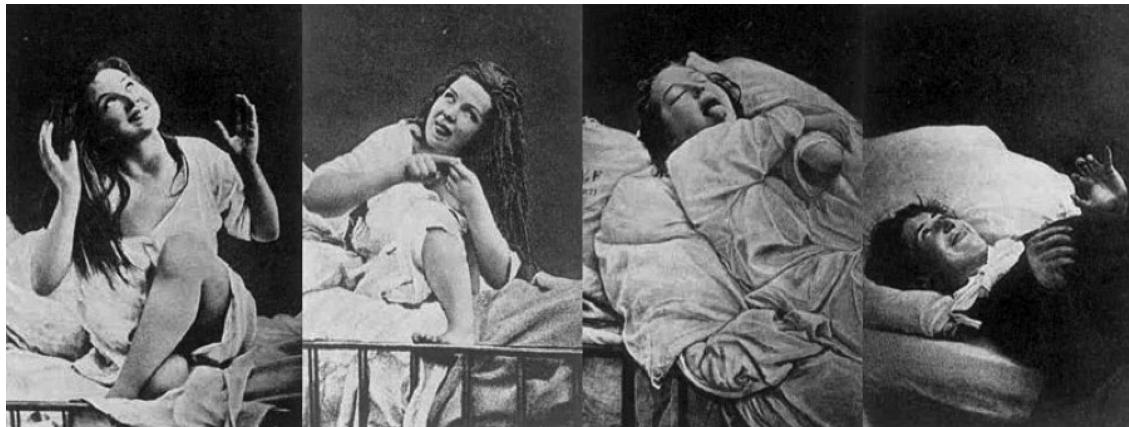
A Freud coube ler e reconhecer o que ali estava representado e o apelo que carregava. As palavras ali ditas remetiam a lugares inquietos do passado, ecos de frases impressas, sons compactados em imagens, emoções muitas das quais indizíveis, mistura de atração e repulsa, segredos e fantasias que não podiam ser revelados em meio ao esgarçamento, ao caos interno do tempo que dificultava a costura do fio da meada dos seus relatos.

Enleadas no próprio corpo, essas mulheres – as primeiras a abrirem com Freud as páginas da história da psicanálise – desceram ao porão escuro das suas lembranças penduradas em afetos soltos. Suas falas, na clínica, denunciavam a urgência em fazer ouvir o saber que tinham sobre si, sem que se dessem conta, mas também diziam da falta de resposta sobre o que poderia definir cada uma delas como mulher naquele contexto social. Suas falas e histórias ganharam nos escritos clínicos de Freud e de Breuer um tom romanesco, que marcava um afastamento evidente do registro dos estudos científicos, embora com uma ou outra descrição médica. Nessa escrita clínica, a influência da arte literária revela-se pela narrativa com traços de ficção, dando mais colorido aos dramas cotidianos das “heroínas” freudianas em Viena. Debaixo de uma aparente normalidade havia mal-estar, dissimulação, maledicência, repressão. Nascia, assim, o “romance familiar”<sup>58</sup>, como quis Freud, a doutrina como antropologia da modernidade trágica, ou seja, a tragédia inconsciente do incesto e do crime.

---

<sup>58</sup> “Romance familiar”: romance familiar al. *Familienroman*; esp. novela familiar; fr. roman familial; ing. family romance Expressão criada por Sigmund Freud e Otto Rank para designar a maneira como um sujeito modifica seus laços genealógicos, inventando para si, através de um relato ou uma fantasia, uma outra família que não a sua (E. Roudinesco, Dicionário de psicanálise, *op. cit.*, p.668).

## 1.4 Entre o teatro de pólvoras e o teatro particular



O grito de socorro das mulheres contra sua repressão sexual.<sup>59</sup>

Se em Viena o *teatro particular* acontecia no privado do consultório do Dr. Sigmund Freud, recebendo mulheres burguesas e cultas, Paris era o próprio palco do mundo das *maladies des femmes*, que explodiam de maneira escancarada como resíduos de pólvora no Hôpital Pitié-Salpêtrière. Cerca de cinco mil mulheres “fora de si” habitavam o chão daquele espaço que originalmente era uma fábrica de pólvora. Em 1656, sob a direção de Louis XIV, a fábrica foi convertida em um *hospício* para as mulheres pobres de Paris. Nos anos que se seguiram, serviu como prisão para prostitutas e como local de um verdadeiro armazenamento de mulheres tidas como loucas ou semiloucas, pobres, provenientes do subúrbio da Cidade Luz. As condições de vida de seus ocupantes eram miseráveis. Tem-se, dessa forma, dois cenários, um privado e um público; um que privilegia a escuta e o outro que se faz ver. Um corpo em histeria em cujo palco são protagonistas os corpos histéricos com seus figurinos/sintomas.

O *La Salpêtrière* tornou-se famoso pelas sessões abertas ao público. O grande mestre da hipnose, Jean-Martin Charcot, com suas pesquisas célebres em torno da histeria, chamava a atenção do mundo com a exibição dos sintomas das pacientes ali internadas. Além de exibidos, os sintomas eram analisados ao

---

<sup>59</sup> Disponível em: <http://artenocaos.com/matriarcal/histeria-o-grito-de-socorro-das-mulheres-contra-sua-repressao-sexual/> Acesso 30 abr. 2021.

vivo diante de uma plateia de médicos. Esse método de diagnóstico e de tratamento pode ser lido como um espetáculo e, portanto, com uma certa proximidade do teatro, em cujo palco são protagonistas as histéricas com seus figurinos/sintomas.

O filósofo e historiador da arte francês Georges Didi-Huberman refere-se à Salpêtrière como “uma espécie de inferno feminino, um pesadelo de Paris”; e nomeia a histeria como dor. A série de imagens da Iconografia fotográfica da Salpêtrière, em que aparecem poses, gritos, crises, “atitudes passionais”, “crucificações”, “extases”, todas as posturas de delírio, de acordo com a lente do fotógrafo<sup>60</sup>, cristalizam a ligação entre a fantasia histérica e uma fantasia do saber. Há nisso, conforme Didi-Huberman, uma reciprocidade da sedução. De um lado, médicos ávidos por imagens da “histeria” e, do outro, uma certa permissão das histéricas que carregam um tanto de exagero na teatralidade do corpo.

Com base nessas cenas, a clínica da histeria teria se transformado em espetáculo, em “invenção da histeria”, aproximando-a do teatro e da pintura. “Freud estava lá e foi uma testemunha desorientada dessa imensa discussão da histeria a portas fechadas e dessa fabricação de imagens”. Sua desorientação, conforme Didi-Huberman<sup>61</sup>, não foi insignificante para os primórdios da psicanálise. E não foi mesmo.

No prefácio e notas de rodapé à tradução das *Conferências das terças-feiras de Charcot*, Freud diz que as demonstrações do médico francês começaram por provocar nele e em outros visitantes, “um sentimento de assombro e uma inclinação para o ceticismo, que tentamos justificar recorrendo a uma das teorias do dia”. Ao recorrer à teoria, contestando as considerações de Charcot que a contradiziam, o mestre francês retorquiu com a celebre frase: “*La*

---

<sup>60</sup> Charcot contratou o fotógrafo Albert Londe para atuar no hospital. Segundo Georges Didi-Huberman, havia de fato um departamento de fotografia coordenado por Londe. Cf. Invenção da Histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

<sup>61</sup> Idem, p. 16.

*théorie, c'est bon, mas ça n'empêche pas d'exister*<sup>62</sup>. Essa menção será repetida por Freud em vários de seus escritos.

Em outras palavras, Charcot defendia que a teoria não impedia que os sintomas histéricos continuassem a existir e a insistir em contradizê-la. Se os sintomas não encontravam correspondência na etiologia, tanto pior para a teoria. E se os adoecimentos da arena da vida cotidiana carregavam uma verdade, tampouco estavam contemplados pelas encyclopédias médicas. Esse constante desafio marcará o destino da psicanálise, numa perspectiva que coloca em relação os conceitos e a experiência viva na clínica – de modo que os conceitos podem ser mudados a partir do que a prática clínica recolhe –, permitindo efetivamente que se chegue aos conceitos fundamentais do seu método, que é ao mesmo tempo de tratamento e de investigação.

O acompanhamento da experiência da histeria vivida “na pele”, registrada nos *Estudos sobre a histeria*, mostra-nos um Freud que se coloca mais próximo de suas pacientes, que, com suas demandas, exigiam uma plasticidade da teoria e da própria posição do cientista. Já nos primeiros passos nesse caminho, Freud aprendia que um analista obtém a demanda do próprio paciente. Anna O, ao mesmo tempo que nomeou “cura pela fala” os efeitos de uma análise, sugeriu de maneira direta que Breuer a ouvisse falar. Foi ela também que fez da análise um “teatro particular”. Emmy von N obrigou Freud a abandonar a hipnose e a interessar-se pelos sonhos. Foi contundente em sua fala: Freud que a ouça sem interromper.

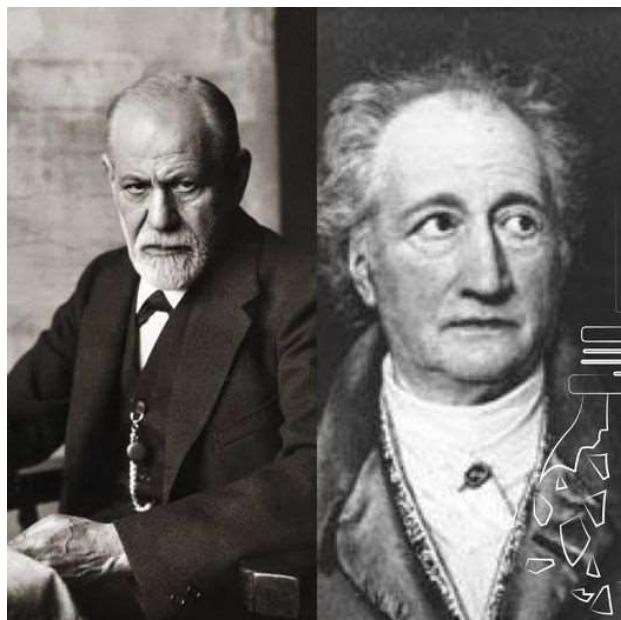
Todos os relatos clínicos guiavam-se em direção a um possível tempo em que o sintoma apareceu pela primeira vez e que era agora o mal que afetava cada uma das mulheres que buscavam a clínica do Dr. Freud. O “lugar” de suas histórias e verdades requeria tradução de afeto em palavras, assegurada no gesto de suas vozes: a cura pela fala. Assim, assentava-se a regra fundamental para a análise, a técnica da associação livre<sup>63</sup>, segundo a qual o paciente é convidado pelo analista a dizer sem censura os pensamentos que o atravessam.

<sup>62</sup> S. Freud. (1893). Charcot. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 1, p.183.

<sup>63</sup> S. Freud. (1912). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996,

As buscas, estudos, experimentos, escritos, viagens, haviam levado Freud, com a ajuda das suas “heroínas”, a encontrar na articulação com a linguagem o lugar central da sua clínica: a palavra como “encarnação” psíquica.

### 1.5 Entre o conto de fadas científico e o prêmio Goethe



**Freud e Goethe<sup>64</sup>**

Se, inicialmente, Freud entendia que a causa da histeria tinha relação com um trauma externo, mais adiante ele vai pensar num resto psíquico, numa angústia sem significação, deixada por um acontecimento muito primitivo da constituição do sujeito. No início da sua teorização, ele sustenta a ideia de que a criança havia sido seduzida por um adulto e vivido uma experiência sexual traumática, reprimindo a cena no inconsciente.

Exponho, portanto, a tese de que, na base de todos os casos de histeria, *há uma ou mais ocorrências de experiência sexual prematura*, ocorrências estas que pertencem aos primeiros anos da infância, mas que podem ser reproduzidas através do trabalho de psicanálise a despeito das décadas decorridas no

---

<sup>64</sup> Imagem (12/03/2020) disponível em: <https://www.facebook.com/psicinemateliteratura/posts/2762150660520612/> Acesso em 07 mai. 2021.

intervalo. Creio que esta é uma descoberta importante, a descoberta de uma *caput Nili* na neuropatologia [...].<sup>65</sup>

Suas investigações revelam que os sintomas histéricos estão associados a traumas psíquicos, mas que dependem da sensibilidade de cada pessoa afetada. Sobre isso, Freud aponta nos *Estudos* “que não raro se encontram na histeria comum, em vez de um único grande trauma, vários traumas parciais, causas agrupadas, que apenas se somando puderam manifestar efeito traumático”<sup>66</sup>. Ou seja, fragmentos de uma única história de sofrimento compõem um trauma, de modo que “toda vivência que envolve afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico”. É preciso, no entanto, deixar claro que existem traumas reais.

As cenas de sedução estão presentes nas narrativas das primeiras pacientes histéricas, mas o que Freud vai encontrando revela que não se trata apenas de um fato isolado, datado, que constrói tais cenas, de modo que o resíduo tem mais a ver com a representação psíquica fixada pelo sujeito em relação a um determinado acontecimento, e menos com a situação externa. Essa representação cola o sujeito a uma fantasia inconsciente, condenando-o a uma repetição constante da mesma cena, ao longo da vida. No caso das crises conversivas há um submetimento do sujeito que paga com o corpo pela sua enorme capacidade de reminiscência. A memória guardada no corpo ganha significação a partir de um outro evento e assume uma sintomatologia. Freud sustentava que o sintoma histérico que decorria de uma dissociação mental tinha como disparador a reminiscência e a defesa psíquica associados a traumas e abusos sexuais vividos na infância. Desse modo, escreve a Fliess em 6 de dezembro de 1896:

A histeria me é cada vez mais apontada como consequência da *perversão* do sedutor; a hereditariedade *cada vez mais* como sedução por parte do pai. Assim surge uma alternância entre as gerações: 1<sup>a</sup> geração: *perversão* 2<sup>a</sup> geração: *histeria*, que então

---

<sup>65</sup> S. Freud. (1896). A etiologia da histeria (Vol. 3). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 200.

<sup>66</sup> S. Freud e J. Breuer, *Estudos sobre a histeria*, *op. cit.*, p. 22.

é estéril [...]. Afinal, a histeria não é sexualidade repudiada, mas, melhor dizendo, *perversão repudiada*.<sup>67</sup> (grifos do autor)

Era o momento em que Freud apostava em sua teoria da sedução para pensar a etiologia da histeria. Seu método de investigação era, por analogia, o de um explorador que diante de uma região desconhecida e plena de ruínas, restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições apagadas e ilegíveis, colocava em uso picaretas, pás e enxadas, e a partir dos resíduos visíveis descobria aquilo que estava enterrado.

Nessa perspectiva, Freud assinala a relevância dos fragmentos para a reconstituição tanto de obras arquitetônicas, quanto da história do sujeito.

As numerosas inscrições, que, por um lance de sorte sejam bilingues, revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas [...]. *Saxa loquuntur* (as pedras falam)!<sup>68</sup>

Nesse excerto da conferência apresentada por Freud à Associação de Psiquiatria e Neurologia de Viena, a comparação entre seu método e o trabalho de escavação encontra sentido no fato de as cenas serem descobertas numa ordem cronológica invertida.

De qualquer modo, como ele defende, a descoberta mais importante a ser compartilhada com a comunidade científica é que, independentemente do caso e do sintoma que uma análise tome como ponto de partida, no fim se chega infalivelmente ao campo da experiência sexual. Nessa experiência, diz ele pela primeira vez, descobriu-se uma precondição etiológica dos sintomas histéricos.

Na carta de 26 de abril de 1896, Freud escreve a Fliess e lhe conta sobre seu isolamento pela comunidade científica. Assim desabafa:

Uma palestra sobre a etiologia da histeria, feita na Sociedade de Psiquiatria teve uma recepção gélida por parte daqueles imbecis e recebeu uma estranha avaliação de Krafft-Ebing: “**Parece um**

---

<sup>67</sup> S. Freud. Cartas e manuscritos dirigidos a Fliess. In: Neurose, psicose, perversão. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autentica, 2016b, p. 42.

<sup>68</sup> S. Freud. Etiologia da histeria, *op. cit.*, p. 194.

**conto de fadas científico”.** E isso depois de se ter demonstrado a eles a solução de um problema de mais de mil anos, uma *caput Nili* (cabeceira do Nilo); Pois que vão para o inferno, para expressá-lo eufemisticamente.<sup>69</sup>

Krafft-Ebing<sup>70</sup>, especialista em sexologia, foi quem qualificou a conferência de Freud como um “conto de fadas científico”. Projeta-se na metáfora do continente africano, o *caput Nili*, um enigma sobre o feminino, o qual Freud acreditava ter desvendado com sua teoria, após longos mil anos de permanência no escuro, mas que não merecera reconhecimento dos seus pares.

Pouco mais de um ano após esse evento, Freud abandonaria a sua teoria da sedução. Mais uma vez seu interlocutor é Fliess, a quem se dirige em 21 de setembro de 1897 (Carta 139)<sup>71</sup>, dizendo-lhe que não acreditava mais em sua neurótica e que tinha motivos para estar descontente. Entre as explicações que ele apresenta está “a constatação segura de que não há um signo de realidade no inconsciente, de forma que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção investida com afeto”. Nesta sua fala, em que traz algumas justificativas para a descrença na sua neurótica, Freud mostra mais uma vez que a sua teoria é constituída de uma certa plasticidade, alterando seus rumos a partir daquilo que recolhe na clínica, de modo que a prática altera a teoria. Sobre as dúvidas que o fazem refazer suas rotas, Freud as reconhece não como sinal de fraqueza, mas como resultado de um trabalho intelectual honesto. “Será que essa dúvida representa um episódio no avanço de um novo conhecimento?”, interroga-se.

Mais adiante, na mesma carta, percebe-se um Freud espirituoso, que brinca com a sua “desgraça”, fazendo algumas considerações a respeito da expectativa da fama eterna, da segurança da riqueza, que poderia lhe garantir independência, viagens, uma vida sem preocupações para seus filhos. Tudo dependia de a histeria ser ou não entendida.

<sup>69</sup> J. F. Masson. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, *op. cit.*, p. 184.

<sup>70</sup> Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) foi um psiquiatra alemão que introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual. Foi professor de psiquiatria na Universidade de Estrasburgo, e em 1886 publicou *Psychopathia Sexualis*.

<sup>71</sup> J. F. Masson. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, *op. cit.*, p. 266.

Quando deixa de acreditar em sua neurótica, Freud se afasta da causalidade sexual das neuroses. Nisso, distancia-se das descrições dos comportamentos que se apresentavam na histeria para eleger a interpretação e, portanto, privilegiar a discursividade e a fantasia no interior das cenas sexuais descritas pelas suas pacientes. Como aquela que opera sob o signo da falta, a histeria preservava ainda seu mistério e requereria muitos esforços pelos anos que viriam, de modo que a Freud restava ficar calmo e modesto novamente, voltar a se preocupar em economizar. Contudo, o verdadeiro capital que Freud buscava era o do prestígio que deveria vir do reconhecimento da comunidade científica em relação à sua teoria. Não foi o que conseguiu naquele momento.

Curiosamente, a única premiação que recebeu está associada a um dos principais poetas alemães, admirado por ele e reconhecido mundialmente. Trata-se do *Prêmio Goethe, da cidade de Frankfurt sobre o Meno*, em 1930, que é concedido a personalidades reconhecidas pelas suas realizações criadoras e, portanto, dignos de uma homenagem que tem o carimbo de Goethe.

Ao conceder-lhe o prêmio, mui honrado professor, o conselho curador desejou expressar o alto valor atribuído aos efeitos transformadores das novas formas de pesquisa criadas pelo senhor, sobre as forças formativas de nossa época. Com um rigoroso método científico e, ao mesmo tempo, com a ousada interpretação de metáforas cunhadas pelos poetas, sua pesquisa abriu uma passagem para as forças pulsionais da alma e, por meio dela, criou a possibilidade de compreender o surgimento e a construção, em suas raízes, de muitas formas culturais e [também] de curar doenças, cuja chave a arte médica até agora não possuía.<sup>72</sup>

Freud era assim aclamado pela sua dedicação e pela novidade que oferecia, e não somente à ciência médica. O prêmio reconhecia na sua psicologia o enriquecimento do mundo das representações dos artistas, dos sacerdotes, dos historiadores e educadores. Esse reconhecimento punha em evidência o lugar que a psicanálise ocupava, que era distante de uma ciência aplicável e atravessada por diferentes discursos da cultura que se relacionam entre si. Pouco tempo antes, em 1927, Freud havia escrito seu: "Futuro de uma

---

<sup>72</sup> S. Freud. Arte, literatura e os artistas, *op. cit.*, p. 307.

"ilusão" e, entre 1929-1930, seu "Mal-estar na cultura", em que faz importantes reflexões sobre o papel da cultura na condução do mal estar. Com a ascensão do nazismo, Freud teria seus textos queimados em praça pública no ano de 1933. Sobre isso, ele próprio comenta: "Fizemos progresso. Na Idade Média teriam queimado o autor, hoje se contentam em queimar os livros"<sup>73</sup>.

A queima de livros aconteceu em 10 de maio de 1933 na Praça Bebel (Bebelplatz), antes chamada de Opernplatz, em Berlim, na Alemanha. Na fogueira, livros de autores censurados pelos nazistas, como Karl Marx (1818-1883), o poeta Heinrich Heine (1797-1856) e Sigmund Freud. Na praça, uma frase de Heine, de 1817, num gesto visionário, diz: "Onde quer que livros sejam queimados, os homens serão também, eventualmente, queimados". Mais uma vez o poeta se antecipava.

---

<sup>73</sup> Freud não viveu para ver o genocídio cometido pelos nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial e que vitimou aproximadamente seis milhões de pessoas entre judeus, ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová, deficientes físicos e mentais, opositores políticos. Todos covardemente queimados em tempos modernos.

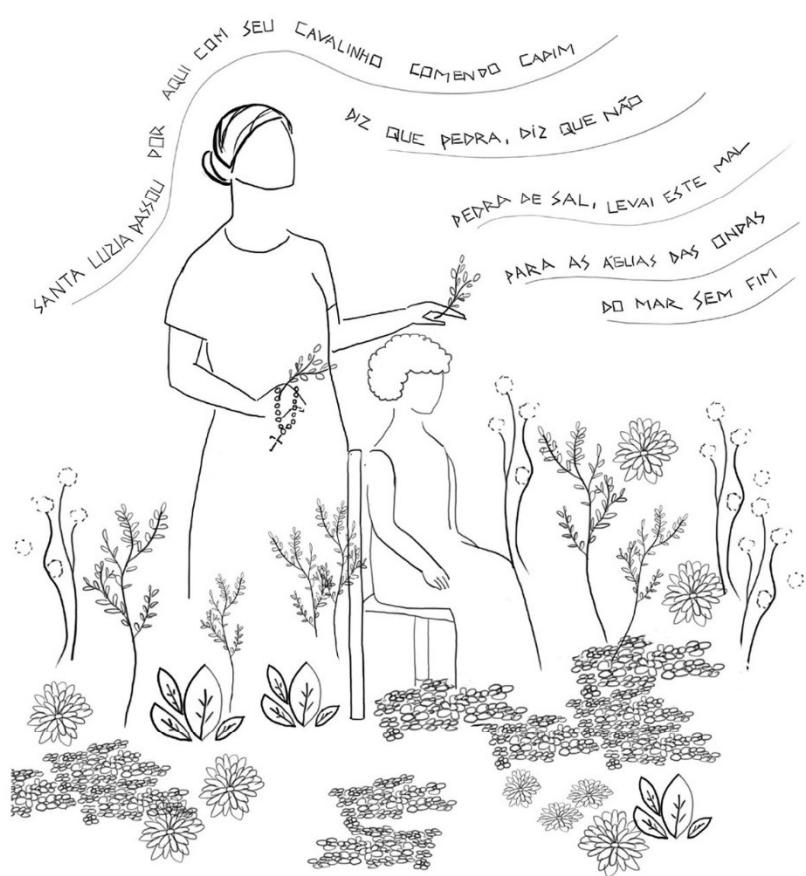


Ilustração de Paulo Bernini feita para este trabalho

## 2. LINHAS QUE ALINHAVAM PALAVRAS QUE CURAM



Trabalho da artista peruana Ana Teresa Barboza<sup>74</sup>

### 2.1 Fórmulas mágicas de linguagem

Se o padecimento humano é antigo, tanto assim a palavra é a linha que alinhava os tempos como ponto essencial para o tratamento da vida anímica, da psiquê, possibilitando a materialização das dores no corpo da fala, dirigida a um agente de cura. Como sustenta Freud em *Tratamento psíquico* (ou anímico) de 1890:

O leigo achará difícil entender que distúrbios patológicos do corpo e da alma possam ser eliminados por ‘meras’ palavras do médico. Ele achará que se lhe imputa acreditar em magia. E ele não estará de todo enganado; as palavras de nossos discursos cotidianos nada mais são do que magia empalidecida. Mas será necessário trilhar mais um desvio para tornar compreensível como a ciência consegue devolver à palavra pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> Projeto BLCKDMNDS. Disponível em: <http://www.blckdmnds.com/ilustracoes-e-borbados-de-ana-teresa-barboza/> Acesso em 21 fev. 2021.

<sup>75</sup> S. Freud. *Tratamento psíquico* (ou anímico). In: Fundamentos da clínica psicanalítica, *op. cit.*, p. 19.

Neste capítulo, coloco em perspectiva um ponto que tratei na introdução deste trabalho. Proponho-me a discutir a palavra e sua eficácia por meio de uma interface entre a prática da benzedura (benzimento ou benzeção) e a prática psicanalítica, guardadas as especificidades de cada uma. Nesse sentido, um dos textos de fundo para apoiar a discussão é *A Eficácia Simbólica* ([1949]2017) de Lévi-Strauss<sup>76</sup>. Importa ao meu argumento articular os agentes sociais, como o xamã e a benzedeira, que se ocupam em expurgar os males e temores, além de manipular remédios caseiros, ao mesmo tempo em que fazem uso de fórmulas<sup>77</sup> mágicas de linguagem que operam com seus efeitos terapêuticos.

Desde a sua invenção por Freud, a psicanálise selo a eficácia da palavra em situação de tratamento e seu poder mágico de cura, quando, na modalidade falada, encarna afetos, dores e sofrimentos narrados pelo paciente, como meio de expulsar o “corpo estranho” que lhe causa mal-estar. Para tal eficácia, no entanto, a psicanálise destaca-se pela escuta e pelo silêncio do analista; escuta esta que se oferece ao trabalho de fala pelo paciente, que não deve prescindir de contar “tudo que lhe ocorre, sem crítica ou seleção”, como propõe Freud com a “regra fundamental da psicanálise”<sup>78</sup>.

Antes de chegar a essa regra, Freud foi descobrindo um saber não sabido quando conjugou investigação e cura. Ao deixar que falem suas pacientes, além de escutar seus sintomas, ele se dá conta de que tanto quanto a escuta, um psicanalista deve cultivar o silêncio, favorecendo, assim, o curso associativo dos pensamentos do paciente, que não deve ser interrompido. Isso ele aprendeu com sua paciente Emmy von N, que o levou a enunciar a regra fundamental da psicanálise: a *Associação Livre*, método este que se configura como via de acesso ao inconsciente.

---

<sup>76</sup> Claude Lévi-Strauss. A eficácia Simbólica. In: Antropologia Estrutural. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

<sup>77</sup> O termo fórmula, neste capítulo, está alinhado ao uso que Freud faz dele em passagens do texto Tratamento psíquico, de 1890, quando fala do conjunto de procedimentos utilizados no tratamento anímico, nos tempos antigos. Não tem qualquer relação com a ideia de algo fechado, cristalizado.

<sup>78</sup> S. Freud. Tratamento psíquico (tratamento anímico) – 1890. In: Fundamentos da clínica psicanalítica. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Recomendo a leitura de As 4+1 condição de análise de Antônio Quinet (Ver referências).

Hesitação, silêncio, marcações na melodia da cadeia falada dão corpo singular à narrativa do paciente sobre suas vivências. No divã nascem palavras, que se articulam em textos e convocam a escuta do analista na busca da verdade do sujeito. São textos falados, pautados por irrupções vazadas por formações do inconsciente, como esquecimentos, lapsos, atos falhos, que podem surpreender o falante no seu próprio dizer.

Ao psicanalista cabe sustentar um silêncio (que é presença) ao longo do trabalho analítico, até que, pela palavra falada, possa o sujeito mudar a relação com seu próprio sintoma. Pela via da associação livre, o analisando/paciente se lança num trabalho de fala implicada na descoberta de uma verdade (da sua verdade). Ao endereçar seu dizer e, mesmo o seu silêncio, a uma escuta analítica, o analisando torna o analista seu depositário de palavras ditas e caladas, carregadas de afetos. A cura, a eficácia de uma análise, tem mais a ver com um trabalho que culmina na elaboração<sup>79</sup> de um sintoma e sua passagem de um mal-estar para um mínimo de prazer. Nesse sentido, a prática psicanalítica carreia poder da palavra, ética do desejo e relança constantemente o tema da sua reinvenção na clínica viva.

A descamação operada pela palavra na fala do paciente, e que faz emergir o oculto na psicanálise, tem grande contraste com a técnica sugestiva. Sabemos que, na prática, Freud lançou mão da hipnose e que posteriormente vai corrigir alguns equívocos entre as técnicas. Para falar disso, recorre ao contraste proposto Leonardo da Vinci entre as artes da pintura e da escultura, condensadas nas fórmulas *per via de porre* e *per via di levare*.

A pintura, diz Da Vinci, trabalha *per via di porre*; é que ela coloca montinhos de tinta onde eles antes não existiam, na tela sem cores; a escultura, por sua vez, procede *per via di levare*, já que retira da pedra o necessário para revelar a superfície da estátua nela contida.<sup>80</sup>

Desse modo, Freud chama a atenção para um certo pareamento entre a técnica sugestiva e seu efeito *per via de porre*, no sentido de que “ela não se

<sup>79</sup> Encaminho o leitor para o texto de S. Freud. Lembrar, repetir e perlaborar, de 1914. In: Fundamentos da clínica psicanalítica, *op. cit.*

<sup>80</sup> S. Freud. Sobre psicoterapia (1904). In: Fundamentos... *op. cit.*, p. 67.

preocupa com a origem, a força e a importância dos sintomas da doença” (Freud, p.67). O que faz é aplicar a sugestão, como montinhos de tinta, esperando com isso impedir que a ideia patogênica se expresse. Diferente, a psicanálise vai operar pela via da descamação, retirar e extrair, com o objetivo de eliminar e não de introduzir algo novo. Com isso, ocupa-se da gênese dos sintomas da doença e do contexto psíquico da ideia patogênica.

A prática da benzedura, ao fazer uso da sugestão, tem seu efeito *per via de porre*, posicionando o sujeito doente no lugar da tela. É também o que ocorre nas curas xamânicas e que Lévi-Strauss nos conta de uma maneira tão esclarecedora, ao mesmo tempo em que faz um paralelo entre o xamã e o psicanalista.

Em seus estudos sobre a cura xamânica, o antropólogo estruturalista nomeia *Eficácia Simbólica* o poder atribuído a certas práticas mágicas. A partir desta noção, ilumina o êxito da cura levada a efeito pelo xamã. Tal eficácia se apoia em três condições, quais sejam: 1<sup>a</sup>) a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; 2<sup>a</sup>) a crença do doente, de que ele trata, ou da vítima, que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; 3<sup>a</sup>) a confiança e as exigências da opinião coletiva. Mas, sobretudo, essa eficácia simbólica está relacionada a alguém e simboliza sua própria experiência.

O que o xamã faz é fornecer uma linguagem para a nomeação dos estados não formulados da alma do doente. Gostaria de sublinhar esse aspecto do que está escondido e que se faz aparecer. Ao dar um nome à experiência desse sujeito, o xamã altera a narrativa de sofrimento<sup>81</sup>. Para isso, entra com o seu **próprio corpo, sua fala e canto**. O exemplo que Lévi-Strauss apresenta é o do tratamento de uma índia em difícil trabalho de parto, da tribo *Cunas*, que vive em território panamenho.

O xamã, com seu canto, em meio à fumaça de feijões e cacau queimado, invoca e confecciona imagens sagradas em madeira, que representam os

---

<sup>81</sup> Convido o leitor a entrar em contato com o livro Mal-estar, sofrimento e sintoma, que traz uma ampla discussão sobre narrativas de sofrimento e diagnósticos em saúde mental. Christian Dunker. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

espíritos protetores e ocupam uma posição de assistentes. Todo o canto consiste numa busca, a do *purba*, a alma perdida da futura mãe.

E é a passagem para essa expressão verbal (que ao mesmo tempo permite viver de forma ordenada e inteligível uma experiência atual, mas que sem isso seria anárquica e indizível) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência de cujo desenrolar a paciente é vítima.<sup>82</sup>

Nessa operação, a palavra incide no corpo e cria condições para a simbolização das desordens orgânicas. Desse modo, como atesta Lévi-Strauss, a cura xamânica se situa entre a medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas, como a psicanálise. O método, no entanto, em que a expressão verbal prevalece, pode ser comparado à psicanálise.

Em ambos os casos, propõe-se trazer à consciência conflitos e resistências que até então haviam permanecido inconscientes, seja por terem sido recalados por outras forças psicológicas, seja – é o caso do parto – em razão de sua própria natureza, que não é psíquica e sim orgânica, ou até simplesmente mecânica.<sup>83</sup>

Embora Lévi-Strauss aproxime o psicanalista do xamã é preciso prudência para não transformar uma aproximação, ou melhor, uma homologia em uma operação de identidade, dado que, como ele próprio afirma: “o psicanalista escuta e o xamã fala”<sup>84</sup>. Retiro da sua contribuição, sobretudo, o que ele traz à luz: a força da palavra e a sua eficácia na cura.

Essa eficácia também é discutida por Freud em *Tratamento psíquico* (*Tratamento anímico*)<sup>85</sup>, ao falar da causalidade psíquica e do uso das palavras como ferramenta essencial para o tratamento anímico. Para ele, a eficácia da palavra se mostra em seus efeitos no corpo.

<sup>82</sup> Claude Lévi-Strauss. A eficácia Simbólica, In: Antropologia Estrutural. *op. cit.*, p. 128.

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> Idem, p. 199.

<sup>85</sup> S. Freud. Tratamento psíquico (tratamento anímico). In: Fundamentos da clínica psicanalítica, *op. cit.*, p. 31.

Os povos antigos não tinham praticamente nada à disposição além do tratamento psíquico; eles também nunca deixavam de reforçar o efeito de bebidas curativas e medidas de cura com o tratamento intensivo da alma. O uso conhecido de **fórmulas mágicas**, banhos de purificação, invocação de sonhos do oráculo dormindo no templo, entre outros, só pode ter tido efeito curativo pela via anímica.<sup>86</sup>

Anoto aqui a aproximação entre os pensamentos de Freud e de Lévi-Strauss sobre a eficácia simbólica. Freud reconhece a eficácia da palavra nas situações mencionadas acima, ou seja, no xamanismo, nas benzeduras, nas influências cotidianas. A “sugestão” está em causa aqui, ou seja, *per via de porre*. Distintamente, a psicanálise procede *per via di levare*.

Incluo outras reflexões de Lévi-Strauss, sobre o mesmo tema, mas em outro texto: *O feiticeiro e sua magia*<sup>87</sup>. De acordo com ele, o xamã ao curar o doente, oferece um espetáculo desse “chamado”, à medida que nessa situação há uma repetição da própria crise inicial do xamã, do “chamado” que lhe revelou a sua condição.

A respeito da comparação que Lévi-Strauss faz entre o psicanalista e um xamã (o psicanalista como um xamã moderno), podemos recolher algumas considerações de Dunker<sup>88</sup>. Para ele, Lévi-Strauss tem em vista que, em ambas as práticas, haveria uma espécie de reequilíbrio entre a mítica social e as contingências particulares daquela forma de sofrimento. Incluo aí que o xamã – e podemos dizer também, a benzedeira –, ocuparia, desse modo, uma posição de mediador, restabelecendo o bem-estar e desenlace de um conflito, por meio de uma conciliação entre atos rituais e narrativas sociais de referência.

Seja tecnicamente um xamã ou não, o curador se caracteriza por oferecer ao doente uma linguagem, mesmo que incompreensível, na qual se podem expressar estados não formulados e, de outro modo, formuláveis. Ela funciona, antes de tudo, pela sua estrutura.<sup>89</sup>

<sup>86</sup> *Ibidem*.

<sup>87</sup> Claude Lévi-Strauss. *O feiticeiro e sua magia*, In: Antropologia Estrutural. *op. cit.*, p. 181.

<sup>88</sup> Christian Ingo Lenz Dunker. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento, p. 76.

<sup>89</sup> *Ibidem*.

Para Dunker, as homologias entre a psicanálise e xamanismo seriam de *inversão*, a começar pelo fato de o xamã enfatizar a fala e os mitos coletivos, enquanto o psicanalista põe em relevo a escuta e o mito individual.

Outras homologias de *inversão* podem ser vistas no fato de a cura xamanística ser sancionada coletivamente, enquanto na psicanálise a cura depende do consentimento do paciente. Se, com o xamã, o paciente se *identifica*; com o analista, faz uma *transferência*.

Esses pontos de homologia de *inversão*, trazidos por Dunker, também contemplam o fato de os dois efeitos terapêuticos se explicarem pela eficácia simbólica inconsciente, ainda que operadas por estruturas diferentes, acima mencionadas (as inversões).

## 2.2 A Palavra tecida de boca em boca

Em tudo o que foi discutido acima, vale fazer um assinalamento de que nas práticas sugestivas quem fala durante os rituais é o xamã, o feiticeiro, a benzedeira, enquanto agentes de cura. Em uma sessão de análise, a palavra que circula é a do paciente, que a encadeia na associação livre. Em outros termos, a palavra fica com aquele que busca pelo tratamento.

Retomando a questão do “chamado”, colocado por Lévi-Strauss, destaco a questão do “dom” nas palavras de minha avó, na medida em que “chamado” e “dom” estão articulados na mesma estrutura. Falemos, então, das benzedeiras<sup>90</sup>.

Nas curas por benzedura, a benzedeira ocupa uma posição de mediadora, de missionária, já que o seu ato é comandado: ela é quem benze e narra a cura recitando fórmulas, mas quem cura é um ser sobrenatural, que fala a reza dela e, com essa reza, cura. Daí a importância da sua fé, como ponto de intersecção e ligação entre aquele que busca por ajuda e a graça que chega do

---

<sup>90</sup> Aproveito a oportunidade para agradecer a indicação de Paulo Sérgio Souza Junior para que eu pudesse ampliar neste trabalho uma discussão que inclui as benzedeiras.

“alto”. A benzedura se realiza por meio de um certo movimento de linguagem que afeta aquele que crê na cura e dá sentido à própria situação.

Neste ponto, abro espaço para aqui falar das benzeduras praticadas pela minha avó, as quais despertaram-me bem cedo para a escuta das suas rezas encantadas. Seus procedimentos sustentavam a eficácia simbólica. Ter testemunhado aqueles rituais de cura, enlaçou-me nos ecos dos significantes das suas rezas. Ali eu permanecia silenciosa, entregando o corpo à mobilidade sonora.

Nas circunstâncias das benzeduras, minha avó aparecia como outra, não como a dona de casa e a avó que eu conhecia, mas como alguém imbuído de uma missão. A postura corporal mudava, a voz que carregava a reza vinha impostada. Era reconhecida pela comunidade local como aquela que detinha um saber, o poder de curar pelas suas rezas, simpatias, e que era, além disso, prescritora de “remédios”, chás à base de plantas e ervas. Marco aqui que as rezas cumprem, neste cenário, a terceira recomendação de Lévi-Strauss, aquela que condiciona crenças para que a eficácia simbólica possa ocorrer, ou seja, a crença na cura e a crença no poder de cura.

Cabe acrescentar que a cura buscada visava muito menos a doença orgânica e muito mais uma “doença da alma”, ainda que o pedido do consulente nem sempre aparecesse com essa clareza. Àqueles muitos que a procuravam ela nunca se esquivava ao pedido, afirmando que a doença era mais da “alma” do que do corpo.

Durante a benzedura, não era raro que as pessoas trouxessem assuntos/temas da vida privada como possíveis causadores dos males para os quais procuravam ajuda. Havia ali, arrisco dizer, uma espécie de confessionário. Elas “desabafavam”, como dizia minha avó, porque muita coisa “não dá pra engolir, é melhor falar, porque isso faz nó no corpo e mal para o espírito”. Esses “desabafos” eram plenos de queixas de falta: falta de compreensão, falta de ajuda, falta de sono, falta de companhia, falta de ânimo, de coragem. Ofensas, pragas, olho gordo/inveja eram também confessados, sem contar os sonhos ruins e com temas recorrentes, como anúncio de mal presságio ou o

aparecimento de algum morto a dizer coisas, ou simplesmente só aparecer. A essas aparições chamavam visagens.

A água ocupava um lugar importante na “cena” da benzedura. Ela vinha do poço e, assim, conforme minha avó, queria dizer “a pureza e a profundez”: a água límpida limpa o espírito. Lembro que, ao final da benzedura, ela era ingerida pelo consulente ou desprezada e atirada em água corrente, até que chegasse “às ondas do mar sem fim” – essa frase, aliás, participava de algumas rezas. Na minha escuta produzia um balanço, um vai-e-vem de palavras.

Minha avó era bastante conhecida nos arredores de onde vivia, ela era “a benzedeira” da comunidade. Assinalo aqui as três condições estabelecidas por Lévi-Strauss para que se realize a eficácia simbólica: articulação das crenças e amplo reconhecimento da comunidade.

Seguindo por essa trilha, Taísa Lewitzki (2019) desenvolve uma discussão sobre a vida das benzedeiras<sup>91</sup> na região sul do Paraná, em que enfatiza a crença na importância das benzedeiras, na manutenção da vida e na promoção da saúde popular da região. Assim nos situa:

As benzedeiras estão radicalmente vivas para o mundo e apresentam a perspectiva de ‘cuidar da vida é nossa missão’, lema do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) e que estão presente em suas camisetas, bolsas, cadernos, bandeiras e nos gritos de ordem que abrem e encerram encontros de benzedeiras. Ao longo de suas vidas elas têm como práticas o cultivo, a produção e o cuidado da vida de humanos e não humanos - plantas, animais, águas e pessoas.<sup>92</sup>

Como se vê, as benzedeiras estão aí sustentando sua posição junto à comunidade e, diga-se, até mesmo articuladas num movimento, sustentando a tradição oral e crenças em seu poder. Esse saber-fazer, reproduzido e reinventado, é um fio que atravessa os tempos e não sucumbe aos avanços do conhecimento formal e necessário da ciência. Prática que pode ser adquirida ou

<sup>91</sup> Mulheres essas que detêm **práticas e saberes de cura** relacionados à agrobiodiversidade da floresta de araucária. Elas estão organizadas desde 2008 no Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA). Taísa Lewitzki. A vida das benzedeiras: caminhos e movimentos. Dissertação. UFPR. Curitiba, 2019.

<sup>92</sup> Idem, p. 27.

recebida, a benzedura tem na sua centralidade a figura feminina e encontra na palavra o elemento que alinhava, costura corpos e entretece essas mulheres em rede. Nota-se no ambiente da benzedura um espaço de sociabilidade e de trocas entre elas.

Parto aqui da minha experiência enquanto neta de benzedeira<sup>93</sup>. Na linhagem feminina da minha família, nem minha mãe, nem minhas tias fizeram parte dessa rede. Este trabalho recobre, em alguma medida, os efeitos (poéticos) que as rezas de minha avó deixaram marcados em mim.

Uma breve digressão antes de “escutar” as rezas. Apesar de suas antepassadas praticarem a benzedura, para a minha avó esse “dom” irrompeu, não foi exatamente uma escolha. Ocorreu num dia de forte temporal: “parecia que o mundo ia acabar”. Foi ali que recebeu seu “chamado”, que lhe “revelou a sua condição”, à moda de Lévi-Strauss. A reza que lhe veio à cabeça naquele momento de desespero, em que sua casa era descoberta pela ventania, nomeou como “na hora da tormenta” (reza 1). Reproduzo-a aqui:

Bendito louvado seja a **cabeça** de São Vital  
 Que na hora da tormenta  
 Com ela nos fazei pensar.

Bendito louvado seja os **ouvidos** de São Vital  
 Que no dia da tormenta  
 Com eles nos fazei escutar

Bendito louvado seja os **olhos** de São Vital  
 Que no dia da tormenta  
 Com eles nos fazei olhar

Bendito louvado seja a **boca** de São Vital  
 Que no dia da tormenta  
 Com ela nos fazei abençoe

Bendito louvado seja os **braços** de São Vital  
 Que no dia da tormenta  
 Venham eles nos abraçar

---

<sup>93</sup> Ela realizou o parto do meu nascimento, embora não fosse parteira. Teve participação em outros como ajudante, além de conduzir os chamados “batizados em casa”, sobretudo quando os pais se negavam a realizar o batismo nos casos em que a criança era filha ou filho de pais não casados na igreja católica.

Bendito louvado seja os joelhos de São Vital  
 Que no dia da tormenta  
 Com ele nos fazei ajoelhar

Bendito louvado seja os pés de São Vital  
 Que no dia da tormenta  
 Com ele nos fazei caminhar.

Na hora da tormenta, no momento de um ponto de angústia, na experiência do desamparo vem uma reza, a primeira reza, que já exibe características muito próprias de uma modalidade de linguagem que marca a tradição oral e que tanto interessou aos estudos de Roman Jakobson<sup>94</sup>. Desde muito jovem, foi profundamente afetado pelas variações do verso no folclore russo.

Numa primeira observação da reza “na hora da tormenta”, destaca-se o equilíbrio das sete estrofes, cada uma delas com três versos, cada verso iniciado pela mesma sequência fixa (“bendito louvado seja”), seguido por outro em que se notam substituições localizadas na mesma posição estrutural (cabeça, ouvido, olhos, boca, braços, joelhos, pés). Cada estrofe, além disso, é encerrada por outra sequência fixa em que a substituição é feita na posição final por verbos no infinitivo e que garantem a mesma sonoridade. A repetição das estrofes e a abertura para substituições localizadas nos versos, sustentam um compasso e um ritmo regulares que estão na base daquilo que nesta tese chamei de palavra encantada, uma palavra que encanta, que tem eficácia simbólica.

Desde o momento da tormenta em que ela recita a reza, todo um cenário é instituído para a sua realização, um cenário “sagrado”<sup>95</sup>, em que minha avó passa a receber pessoas e a realizar sua missão de cura. O “dom”, efetivamente, para a minha avó, não era outro que não “desamarrar com a língua os sofrimentos”. O dom que ela recebeu foi o “dom da palavra”.

---

<sup>94</sup> Cf. citação de Haroldo de Campos: “Veja, desde minha juventude eu sempre fui muito ligado aos artistas. Khliébnikov, Maiakovski, Maliévitche foram meus amigos pessoais. Primeiro vieram os artistas, poetas e pintores, depois ‘les savants’...”. Haroldo de Campos, Roman Jakobson, O poeta da linguística. Correio da manhã, 1968 (Ver referências).

<sup>95</sup> A interseção de um santo ou santa era materializada em imagens dispostas num altar/oratório. Entre elas estavam: Jesus Cristo, Virgem Maria, São Jorge, Joana D’Arc, Iemanjá, pretos-velhos, cabocla Jurema, índio Tupinambá, Cosme e Damião.

### 2.2.1 Palavras encantadas que curam

Neste ponto do trabalho faço uma mostraçāo<sup>96</sup>, seguida de alguns comentários. Replico outras duas rezas que ainda ressoam em mim. Cada uma delas recorre a santos como parceiros na benzedura. Vejamos abaixo: Santa Luzia (reza 2), Cosme e Damião (reza 3). Gostaria de deixar registrado que todas as rezas eram repetidas três vezes.

Reza 2. Santa Luzia:

Santa Luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim  
diz que pedra, diz que não  
pedra de sal levai este mal para as águas das ondas do mar sem fim

Santa Luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim  
diz que pedra, diz que não  
pedra de sal levai este mal para as águas das ondas do mar sem fim

Santa Luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim  
diz que pedra, diz que não  
pedra de sal levai este mal para as águas das ondas do mar sem fim

Começo por assinalar que “Santa Luzia” funciona como uma cápsula sonora disparadora de equivalências que tecem essa reza<sup>97</sup>:

No primeiro verso o /s/ de **Santa** desliza para **passou** por aqui. A equivalente sonora /z/ (que se opõe à surda /s/) vem seguida da vogal /i/ que, por sua vez, encerra o primeiro verso, articulada a /k/: “aqui”. O segundo verso faz ressoar, precisamente, a palavra “aqui”. Com efeito, /k/ está tanto em com, quanto em cavalinho. Essa sequência introduz nasalização nas duas palavras

<sup>96</sup> Faço apenas uma mostraçāo. As análises linguísticas mais refinadas das rezas da minha avó serão feitas em momento oportuno, num estudo futuro, quando pretendo incluir outras, que não estão aqui referidas.

<sup>97</sup> Destaco que entre os versos das rezas, vinham palavras *nonsense*, e que eu escutava deste modo: **réstumbá**, **indóvisdo**, **midrachim** (havia outras de que não me lembro), seguidas de movimentos dos dedos polegar e médio, que combinavam seu estalo com cochichos e assobios ao vento.

que a compõem “com” e “cavalinho”; nasalização que desliza e se torna exponencial nas últimas duas palavras que fecham o verso: **comendo capim**. Note-se que o /k/ inicia todas as palavras do segundo verso. Vale destacar a presença de oposições entre segmentos nasais e vocálicos, inclusive implicando a oposição /i/ e /im/. Percebe-se ainda que “seu” retém e sustenta, como resto, a sonoridade do primeiro verso marcada por /s/ e desliza para a primeira palavra do terceiro verso (**diz**).

Na sequência final da reza, uma palavra é fixada “pedra”, que tem função de corte. Gostaria de destacar que o /p/ que inicia a pedra, vem se deslocando desde o primeiro verso (**passou por e capim**).

Outros sons, outras oposições, circulam nos dois versos finais da reza (sal, mal, mar).

Replico a reza Santa Luzia com as letras destacadas em cores para mostrar a dança de equivalências sonoras presentes nessa reza. As cores mostram, a meu ver, a trama ou tecido sonoro que a compõem.

Santa luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim  
diz que pedra, diz que não  
pedra de sal levai este mal para as águas das ondas do mar sem fim

Santa luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim  
diz que pedra, diz que não  
pedra de sal levai este mal para as águas das ondas do mar sem fim

Santa luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim  
diz que pedra, diz que não  
pedra de sal levai este mal para as águas das ondas do mar sem fim

### Reza 3: São Cosme e Damião

São Cosme e São Damião cura de amarelão  
Vão tornar são

São Cosme e São Damião cura de amarelão  
Vão tornar são

São Cosme e São Damião cura de amarelão  
Vão tornar são

A reza 3 também contempla a ideia de cápsula sonora, como disse na reza anterior. Nessa cápsula: Cosme “traz” cura e a reza é impregnada pela sonoridade nasal, introduzida por São Damião. É a mesma palavra “são” – não mais referente a santo – que fechará a benzedura. Nesse final, sua presença nos leva à cura, à saúde.

Acima fiz menção a Roman Jakobson – quando falei de seu grande interesse, sua paixão, pelas variações do verso no folclore russo, mas também pelas artes e pela poesia. Acrescento, neste momento de passagem para o item seguinte, que o tratamento dado à interpretação que ofereci para as rezas é tributário da criação teórica de Jakobson em seu texto Linguística e poética<sup>98</sup>. Trata-se da “Função poética” que abordarei a seguir.

## 2.3 Jakobson: o poeta da linguística

Composições poéticas sempre impressionaram Jakobson como disse acima. E, esse interesse se fez valer em sua teorização sobre a linguagem. Ele sustentou em sua trajetória, em diferentes momentos de sua reflexão, que toda e qualquer manifestação de linguagem é de interesse do linguista. É bastante conhecido seu interesse não só pela poética, como também pelas patologias de linguagem e por falas de crianças<sup>99</sup>. Em outras palavras, Jakobson interessou-se por manifestações “irregulares”, aquelas que são atiradas para o lado de fora da linguística, para o campo da poética ou das patologias da linguagem<sup>100</sup>.

Desse modo, interessava-se pelas produções que incluíssem uma certa desordem na cadeia significante, ou seja, por aquilo que pudesse desafiar o ideal de ordem e regularidade gramaticais. Isso significa que Jakobson pode desafiar, como aponta Maria Francisca Lier-DeVitto, o ideal de homogeneidade da

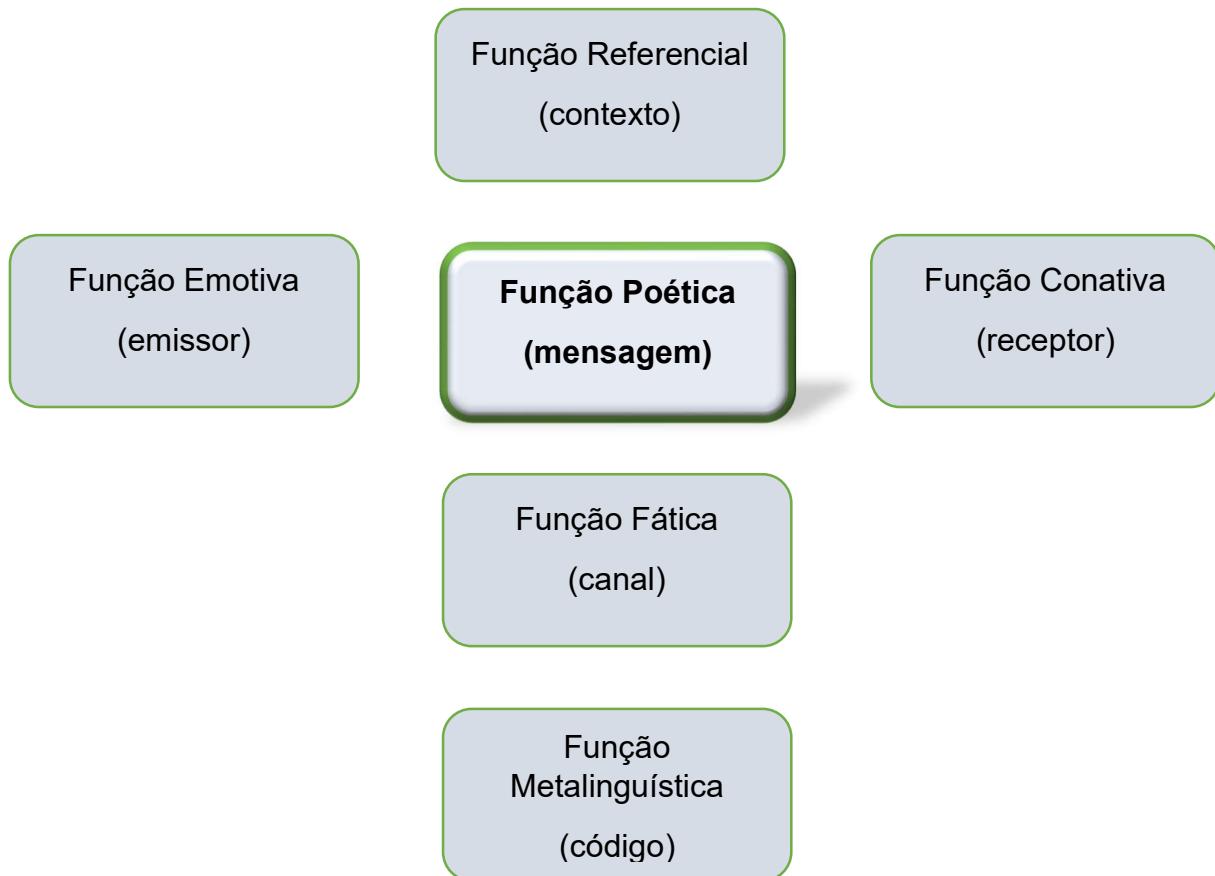
---

<sup>98</sup> Roman Jakobson. Linguística e poética. In: Linguística e Comunicação. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

<sup>99</sup> R. Jakobson. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias. In: Linguística e Comunicação, *op. cit.*

<sup>100</sup> Não fiz menção à área de Aquisição da linguagem, porque essa área de estudos faz descrições gramaticais dessas falas, eliminando assim o que é assistemático ou insólito nessas manifestações (Ver referências a Cláudia de Lemos, 1982/1992/2006/2014 entre outros).

linguística<sup>101</sup>. Neste momento do trabalho, interessa-me sobretudo a “Função poética”. Mas, antes de discuti-la, importa mostrar seu lugar entre as demais funções da linguagem. Na postulação da “Função poética” da linguagem, Jakobson vai situá-la num conjunto de funções para caracterizar a força estrutural.



Representação gráfica das Funções da linguagem (os fatores fundamentais e as funções correspondentes<sup>102</sup>)

Cada um desses seis fatores constitutivos de todo processo linguístico determina uma diferente função na linguagem. Assim: Função emotiva está

<sup>101</sup> M. F. Lier-DeVitto, *Delírios da língua: o sentido linguístico (e subjetivo) dos monólogos da criança*. In M. F. Lier-DeVitto e Lúcia Arantes (Orgs.). *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2007.

<sup>102</sup> Os esquemas de Jakobson em Linguística e poética, *op. cit.*, p. 157. Autoria própria.

centrada no remetente/emissor; função conativa, no destinatário/receptor; função fática, no canal; função metalinguística, no código; função referencial, no contexto e função poética, que está centrada na mensagem.

Jakobson vai destacar a “Função poética” para dizer que nela haverá suspensão de praticamente todas as outras funções, mas ligadas entre si. E vai dizer ainda que a “Função poética” excede a posição da poesia e aparece em *slogans* de propagandas, por exemplo, que portam arranjos de palavras que envolvem o ‘produto’ que fazem ressoar. Rimas, aliterações, paronomásias são “Funções poéticas” que estruturam o uso cotidiano, como no exemplo do *slogan* ou mesmo *jingles* publicitários, mas não só.

No seu texto Linguística e poética, Jakobson traz que “numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, quer dizer, à semiótica em geral”<sup>103</sup>. Nesta afirmação, ele inclui tanto a arte verbal como todas as variedades de linguagem.

Ele sustenta a importância de se considerar uma função para a “Função poética” entre as outras funções da linguagem, enfatizando que ela não é exclusiva da poesia. Ao contrário, ela é inerente à toda e qualquer manifestação linguística. Neste momento importa destacar a palavra dominância para esclarecer que na esfera da poética, tal função é predominante. Conforme Jakobson “a poética, no sentido mais lato da palavra, se ocupa da função poética não apenas na poesia, onde tal função se sobrepõe às outras funções da linguagem.”<sup>104</sup>.

Como joga a função poética? Nela imperam equivalências gerais, melhor dizendo, equivalências estruturais, equivalências de oposições sonoras, relação entre contrários. Dizer que equivalências dão o tom na “Função poética” seria em grande medida repetir um já sabido, o de que na poesia reinam rimas ou aliterações, e outras figuras de linguagem, entre elas metáfora e metonímia. Mas, como diz Jakobson:

Todas as tentativas de confinar convenções poéticas como metro, aliteração e rima ao plano sonoro são meros raciocínios

---

<sup>103</sup> R. Jakobson. Linguística e poética, *op. cit.*, p. 152.

<sup>104</sup> Idem, p. 168.

especulativos, sem nenhuma justificativa empírica. A projeção do princípio de **equivalência** na sequência tem significação muito mais vasta e profunda.<sup>105</sup> (grifos meus)

Ele destaca que, por definição, a rima se baseia na recorrência regular de fonemas equivalentes. Nesse caso, tratar a rima meramente do ponto de vista do som seria o que Jakobson nomeia “simplificação abusiva”.

A contribuição fundamental de Jakobson vem à tona quando ele teoriza sobre metáfora e metonímia, implicando e ressignificando de forma radical os eixos sintagmáticos e associativos que representam para Saussure o funcionamento universal e perene de *la langue*. Em sintonia dissimétrica, Jakobson postula com seus processos metonímico (eixo sucessão/ combinação) e metafórico (eixo seleção/substituição), a ressignificação do eixo saussuriano<sup>106</sup>.

Ao falar em processos. Jakobson realiza outro feito. Metáfora e metonímia deixam de ser tratadas como figuras de linguagem e passam a representar, como aponta Lier-DeVitto, “leis de composição interna da linguagem”<sup>107</sup> determinantes na organização de composições linguísticas, sejam elas em prosa ou em poesia. Cabe aqui outro assinalamento: as leis de composição interna da linguagem determinam composições/manifestações linguísticas. Jakobson caminha fortemente na articulação entre língua e fala. Reponho neste momento a questão inicial: Como joga a função poética?

Jakobson ensina que “a função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação”<sup>108</sup>. Em outros termos, ao projetar-se sobre o eixo metonímico, o eixo metafórico tem como efeito maior a contenção da sucessividade linear da prosa. A metonímia é, então, submetida a um retorno que tem as seguintes consequências: ela se realiza em paralelo.

<sup>105</sup> Idem, p. 184.

<sup>106</sup> Jakobson ressignificou os eixos de Saussure ([1916] 2012), que propunha um funcionamento linguístico, a parir de dois eixos: associativo e sintagmático. Dispostos em forma de cruz para fazer ver a solidariedade entre eles, esses eixos são ressignificados por Jakobson como metafórico e metonímico. Ver Ferdinand de Saussure. Curso de linguística geral. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

<sup>107</sup> M. F. Lier-DeVitto. Os monólogos da criança – delírios da língua. São Paulo: Educ, Fapesp, 1998, p. 161.

<sup>108</sup> R. Jakobson. Linguística e poética, *op. cit.*, p. 166.

Temos assim equivalências estruturais sustentadas por uma métrica regular. Equivalências se expandem na “Função poética”. A regularidade estrutural dá margem a variações internas, sempre constringidas por equivalências sonoras. Acompanhando Jakobson, ponho em relevo que na “Função poética” há privilégio do som sobre o significado. Disso se serve a palavra encantada, como procurei mostrar no item anterior.

A “Função poética”, portanto, volta as costas para a função referencial, contextual, comunicativa. Ela joga com a matéria própria da linguagem, com a massa sonora de uma língua, abusando das suas equivalências, das suas oposições. Falamos então aqui de referência interna e não externa/contextual, falamos em efeito estético ou alienante, de entrega ao jogo sonoro da linguagem. É ela, a “Função poética”, que responde pela eficácia simbólica, e é ela que retira o falante da responsabilidade de sustentar-se frente ao outro. Lembremos que as benzedeiras são veículos, não são fonte das rezas, como disse ao apresentar a primeira no item anterior.

Também nos monólogos da criança, Lier-DeVitto descobre a prevalência da “Função poética” na sustentação da criança como falante. A insistência de estruturas paralelísticas coloca a criança num compasso de fala em que ela fica sob efeito de ecos significantes. Vejamos dois exemplos:

#### 1º) Segmento monológico de Anthony

1. What color
2. What color **blanket**
- 3.What color **mop**
4. what color **glass**
- .....
5. Not the **yellow** blanket
6. the **white**
7. It's not **black**
8. It's **yellow**
9. not **yellow**
10. **red**
11. Put on a blanket
12. **White** blanket and
13. **yellow** blanket
14. Where's yellow **blanket?**
15. yellow **blanket**
16. yellow **light**
17. **There is** the light

18. **Where is** the light?

19. **Here is** the light<sup>109</sup>

A interpretação que nos oferecem Lier-DeVitto e Arantes<sup>110</sup> é a seguinte:

É uma característica do *paralelismo* a **repetição com diferença**, como se nota acima. Nele insiste uma grade estrutural/sentencial móvel que liga toda a sequência de enunciados; que restringe e dá suporte à expansão trôpega da fala da criança. A repetição estrutural é, portanto, coesiva no paralelismo. [...].

2o) Segmento monológico de Camila:<sup>111</sup>

1. Num fala no teu nome
2. Num fala no meu nome
3. Num fala midanoni (2 vezes)
4.       fala mi anoni
5.       Fa'a mi danoni
6. Num fala no meu nome
7. Não fala no...
8.       no\_me (2 vezes)
9. O Ráfa num...
10. h'ala no meu

...(inspira/expira com força)....

11. É da tia!
12. Eu passê rá pó-ta

.....(sussurrando).....

13. Noi juntu janto, né?
14. juntu
15. Noi juntu xantô, né
16. Só como... va-vai pegá!

.....(cantarolando).....

17. ma pominha di São Tomé
18. Pá cando papai chega

.....(narrando).....

19. Hã!...meu pa...
20. quando eu passo a mão...
21. Chega meu pai...

<sup>109</sup> M. F. Lier-DeVitto, Os monólogos da criança: delírios da língua, *op. cit.*, p. 138.

<sup>110</sup> M. F. Lier-DeVitto e Lúcia Arantes, Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. 2015, p. 92.

<sup>111</sup> M. F. Lier-DeVitto, Os monólogos da criança, *op. cit.*, p. 154.

De acordo com a análise de Lier-DeVitto<sup>112</sup>, equivalências sonoras montam e desmontam articulações significantes (no meu nome, no teu nome, midanoni, mianomi, midanomi), montagens que não são aleatórias, mas restrinvidas pela substância fônica. Essa mobilidade promove o distanciamento, a não-coincidência entre a fala da criança e a do adulto, e traz à luz o inédito da fala de criança. O trabalho da autora sobre os monólogos ilumina a presença marcante da “Função poética”, no instante em que a criança pode tomar distância do diálogo e da fala do outro, na produção de seus monólogos. Ela foi essencial para a apreensão do momento em que a fala da criança aparece, ou seja, quando a criança pode sustentar-se como falante nas suas produções linguísticas. Ela está presente em estruturas em que há equivalências, não produzem efeitos estéticos, mas coesivos.

Há coesão estrutural, como diz a autora, embora as sequências monológicas não sustentem coerências. No interior dos monólogos, está presente um movimento entre cortes, desmontagens, remontagens de cadeias significantes. Nisso se vê a possibilidade de a língua se abrir, deixando-se mover pela predominância das sonoridades e fazendo ressoar outra coisa. A desordem que irrompe da língua, marcada nos monólogos de criança com sentidos esburacados e que produz equivalências, bem se alinha às equivocidades e à poesia, em que há uma suspensão da função representativa/referencial. Nessa suspensão... pausa... um ponto se escreve, o ponto de poesia, ou **ponto de cessação**, como quis Milner em *O amor da língua*<sup>113</sup>. Ponto este, de acordo com o autor, ignorado “por completo” pela linguística (“e essa ignorância a estrutura”<sup>114</sup>), mas recolhida pela poesia, pela sua posição “que se define por não ignorar o ponto de cessação, por fazer retorno a ele incessantemente, por jamais consentir que ele passe em branco”<sup>115</sup>.

---

<sup>112</sup> Ibidem.

<sup>113</sup> J.-C. Milner. *O amor da língua*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012, p. 39.

<sup>114</sup> Afinal, o projeto científico da linguística é a busca de regularidade.

<sup>115</sup> J.-C. Milner, *O amor da língua*, *op. cit.*, p. 39.

E é tomando esse ponto, **ponto de cessação** de Milner, que Paulo Sérgio de Souza Jr.<sup>116</sup> tece, entre fluxo e cesura, uma tese em que articula linguagem, poesia e psicanálise, elegendo para a discussão o poético, em meio a outras manifestações da linguagem; o poético que desempossa o ordinário, que desarranja e inocula seu veneno no ponto em que a linguagem se esgarça e a língua se contorce, revirando sobre si mesma. Mas, se a linguística “expulsa” o ponto de poesia, a psicanálise o acolhe. Ao reconhecer tal ambivalência, Souza Jr se propõe em seu trabalho a:

Articular em que medida a instância poética encarna um *granus salis* para a ciência da linguagem — ou é por ela considerada uma excrescência, ou resta forçosamente diluída nos humores do uso quotidiano da língua, isto é, como um dado capaz de ser encerrado num conjunto que se quer como totalidade, homogeneizado entre outros em favor de uma estrutura esperançosamente sólida —, ao passo que com Jacques Lacan (1901-1981) chega decisivamente a constituir, enquanto ruptura, uma esfera indispensável à reflexão psicanalítica.<sup>117</sup>

Ponto de cessação, de poesia, de cesura: pontos que se ligam à “Função poética” em Jakobson. Milner aponta, Lemos articula e daí decorrem trabalhos como os de Lier-DeVitto e de Souza Jr.

Cabe mencionar, em tempo, que uma discussão em torno da montagem/desmontagem/remontagem – possibilidade aberta por esses momentos de corte na cadeia significante – foi trabalhado por Cláudia de Lemos<sup>118</sup>. Ela foi a primeira a pensar, nessa chave, a fala da criança. Abriu essa discussão, não ligada propriamente à questão do monólogo, mas à problemática do erro na fala da criança.

Na minha análise, procurei mostrar que o que tem eficácia simbólica para mim é a palavra submetida à “função poética”. Foi a partir da formulação de Jakobson que pude analisar as rezas, essas construções languageiras da tradição oral, porque a eficácia simbólica está nelas pelos efeitos de sonoridade.

<sup>116</sup> Paulo Sérgio de Souza Jr. O fluxo e a cesura: um ensaio em linguagem, poesia e psicanálise. Campinas, SP : [s.n.], 2012.

<sup>117</sup> P. S. de Souza Jr. O fluxo e a cesura, *op. cit.*, p. 22.

<sup>118</sup> Cláudia de Lemos (1982). Sobre aquisição de linguagem: e seu dilema (pecado) original. Boletim da Abralin, n. 3, p.97-136, 1982. (Ver referências).

Tanto nos segmentos de rezas, quanto nos monólogos de criança, a função poética foi implicada na interpretação.

Interessa a este trabalho indicar que a eficácia simbólica reside nesse modo particular de estruturação das rezas que, como mostrei, apoiam ou são determinadas pela dominância da função poética. Elas encantam, mas não são poesia. Essa função predomina também em monólogos de crianças, como sublinha Lier-DeVitto; monólogos que não produzem nem efeito estético e nem efeito de encantamento, mas têm seu papel. Com efeito, nas palavras de Lemos:

Contra essa interpretação xamanística também se pode usar o fato de o paralelismo fazer-se presente tanto na poesia quanto nos ritos de cura xamanista e nos mitos de diversas culturas (cf. Lévi-Strauss 1974[1958] [...]. Em outras palavras, a extensão do paralelismo como fenômeno linguístico-discursivo impede que a ele se associe uma visão que o ponha a serviço da aprendizagem que supostamente explicaria a aquisição da língua materna.<sup>119</sup>

Tomando a palavra que encanta como agulha que tece, arremato aqui este capítulo, cujo tecido pode ser produzido pelo encontro da teoria e da empiria – a tomar a sabedoria popular das benzedeiras.

Sigamos para o terceiro capítulo deste trabalho, mas não sem antes fazer uma última pontuação em torno da benzedreira, desta vez implicando seu corpo. Para “fazer” a palavra encantada havia uma histericização do corpo, que se manifestava especialmente na montagem da sala onde ocorriam as benzeduras: a sala parecia um palco. Ali, os gestos eram diferentes, e outra a postura corporal, uma voz empastada fazia a reza, a feição do rosto mudava. Essa histericização do corpo desaparecia tão logo acabava a “sessão” de reza, conjugada com a benzedura. Minha avó voltava à rotina até a próxima demanda por cura. Façamos então a passagem para as mulheres histéricas e o corpo da fala e corpo que fala.

---

<sup>119</sup> Cláudia de Lemos. Sobre o paralelismo, sua extensão e a diversidade de seus efeitos. In: Lier-DeVitto e Arantes (Org.) Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: EDUC, 2006, p. 98.



Ilustração de Paulo Bernini feita para este trabalho

### 3. CORPO DA FALA E CORPO QUE FALA

Tendo em vista que este trabalho é motivado pela questão do feminino, da palavra, da mulher e do corpo, neste capítulo volto-me para as histéricas que estão na base do nascimento da psicanálise. O recorte que faço aqui privilegia os sintomas no corpo, e no corpo da fala das histéricas que frequentaram a clínica de Freud. Esta leitura integra-se assim, pela via do corte, aos atos que coloca em cena, fazendo-se, ela também, um acontecimento.

As histéricas ensinaram a Freud que o corpo fala. As conversões<sup>120</sup> eram características desses quadros, portanto, marcas da histeria impressas no corpo. Quero dizer que na clínica psicanalítica sabemos que o sintoma se aproveita do corpo e desliza pela fala. Ressalto ainda que na teorização freudiana não há dicotomia entre corpo e psiquismo, e que a pulsão opera como um ponto de intersecção entre estes. Nesse sentido, o corpo não é redutível a um envelope biológico, mas comandado pela libido e atravessado pela linguagem.

Nesta discussão, enlaço minha experiência com as meninas em situação de rua, comentada na introdução desta tese. Começo por elas, mas antes situo a relevância dos Estudos sobre a histeria (1893-1895) neste capítulo – marcadamente no reconhecimento dos sintomas no corpo e no acolhimento da fala das histéricas –, para pensar na contribuição da palavra dessas mulheres para o nascimento da psicanálise.

#### 3.1 Palavras “bem ditas”, “mal ditas”

O movimento que faço neste capítulo parte da “palavra encantada” – no capítulo anterior –, e vai na direção da “palavra mal dita”. Apresento os efeitos

---

<sup>120</sup> Tomo aqui a definição de Laplanche, acerca da conversão: “Mecanismo de formação de sintomas que opera na histeria e mais especificamente na histeria de conversão. Consiste numa transposição de um conflito psíquico e numa tentativa de resolvê-lo em termos de sintomas somáticos, motores (paralissias, por exemplo) ou sensitivos (anestesias ou dores localizadas, por exemplo). O termo “conversão” é, para Freud, correlativo de uma concepção econômica; a libido desligada da representação recalculada é transformada em energia de ineração. Mas o que especifica os sintomas de conversão é a sua significação simbólica: eles exprimem, pelo corpo, representações recalculadas.” (Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis. Vocabulário da psicanálise. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.)

vivenciados por mim no encontro sofrido com as meninas em situação de rua. Elas se concentravam num lugar conhecido como a “Boca maldita”, expressão que sofreu um deslocamento semântico, porque, de início, somente homens ali se reuniam para discussões e debates intelectuais e políticos. Com a chegada das meninas, esse espaço abarca um novo sentido: o de ponto de prostituição, tráfico e uso de drogas. Boca maldita, designa, na cidade de Curitiba, uma localização, mas, na transformação do seu uso, outro sentido pode ser recortado.

Neste trabalho, na “boca” das meninas a fala ostentava xingamentos. Nesse sentido, delas é que vinha uma fala “mal dita”. A palavra ali, embora bem dita, era maldita. A relação estabelecida com o “de fora” era grosseira, prenhe de palavras ofensivas, provocativas. Elas marcavam com a linguagem uma delimitação de território: os “de lá” e os “de cá”. Se viver nas ruas era uma batalha, as palavras eram suas armas. Entretanto, as meninas não perdiham uma apresentação de si como femininas, como mulheres. Trajes ousados e, por vezes, excessivos, elas sustentavam pela via da dor uma posição feminina, naqueles corpos maltratados, abusados, prostituídos e que se prostituíam. Seus corpos falavam pela exibição desengonçada: eram meninas tentando parecer mulheres adultas no modo como se vestiam.

Aqueles, os “de fora”, para se aproximarem, chegarem mais perto, tinham que ser autorizados e, para isso, a presença insistente contava. Importa dizer que entre os “de fora” estavam todos os que não fossem do grupo dos “de dentro” da rua. Estando eu entre os “de fora”, contava o fato de poder suportar/autorizar certos toques no corpo, nos cabelos, nos braços, olhares ameaçadores e manipulação de objetos pessoais, como bolsas, carteiras. Mais do que isso, e mais exigente, era suportar a exibição do vício endereçado a quem estava ali. Ele, o “de fora”, deveria poder assistir ao uso tóxico do saquinho de cola, da maconha; deveria ser alguém que suportasse assistir à falência dessas vidas.

Na situação das meninas, a composição entre corpo e fala era muito distinta daquela em que a benzedeira se postava. Na fala encantada, o corpo se monta para a cura e a fala fica submetida à função poética; aqui, no caso das meninas de rua, a histericização aparece na exposição de um corpo tornado objeto para o abuso. E o corpo da fala é também objeto, porque é deliberadamente manejado para servir como uma espécie de “cuidado” com os

“de dentro”. A linguagem, quando não é arma de ataque ao outro, é tornada objeto de manipulação, na medida em que seu uso serve a uma finalidade de comunicação, de cuidado e de proteção dos “de dentro”. Em outros termos, quando a linguagem é usada para atacar o outro, defender o território, anunciar e alertar sobre perigos, também ela, assim como o corpo, se constitui como objeto.

Lá, com a benzedeira, o corpo se entregava à fala; aqui, com as meninas, a palavra dispara como arma e o corpo se oferece como objeto. Os dois corpos, da benzedeira e das meninas, são histericizados, cada qual a sua maneira. Com as meninas, no entanto, há um paradoxo, nisso que o corpo que se histericiza, se exibe para o abuso, e uma fala que delimita um território em que o outro não entra. O corpo chama e a fala expulsa.

Se o estar de fora permitia ver as meninas como corpos que se ofereciam como objeto ao olhar do outro, conforme se adentra o seu território fica-se diante de corpos de mulher que se desmontam, deixando ver a menina que os habita. Perdia-se assim a condição da exibição dos seus corpos como objeto: um sujeito surgia.

Quero pontuar que não ousaria psicanalizar essas meninas. O que está em questão é o cenário, que trato com uma visada psicanalítica, e não mais jornalística como outrora.

Suas falas abusadas se faziam ouvir pela manipulação engenhosa que faziam do corpo da fala, construindo frases que perturbavam a compreensão para os “de fora”, como abordo a seguir em dois exemplos<sup>121</sup> de segmentos, cujo uso se dava em situações do cotidiano da rua. Era assim:

---

<sup>121</sup> Esses exemplos foram construídos a partir de uma lista de termos utilizados pelas meninas e não se configuraram numa fala exata, enunciada por elas. A intenção aqui é a de fazer uma mostraçāo do uso e do arranjo que faziam das palavras. O “ser pé” era utilizado frequentemente e se aproximava do “eu”: primeira pessoa do singular. Tais termos foram compilados em 1994, numa oficina com educadores do MNMMR, em Curitiba. Destaco que os exemplos seguem a mesma cadência das cadeias construídas pelas meninas.

### **Segmento 1.**

Ser pé rangá um sóio e depois ser pé jega com a teresa e meu fininho que tá no galo, ser pé ser uns puxa e depois bodá. Mas, se baixar os gambé, ser pé no pinotão ser pé mocó.<sup>122</sup>

### **Segmento 2.**

Ser pé fazer um varal, ripá, enquanto os bostinha tá encharcando pra levar pro mocó. Assim eles põe na ilusão os pé de porco e ser pé dá um cavalo louco nas coroa contando dindin.<sup>123</sup>

Essas falas – tomadas aqui como exemplos – articulam gírias conhecidas com outras criadas naquele ambiente. Se perturbavam a inteligibilidade para quem ouvia “de fora”, era um modo particular de comunicar algo para os “de dentro”. O alerta está posto. Na frase se avisa, por exemplo, onde a menina pode ser procurada, lembrando que elas podiam desaparecer ou podiam desaparecer com elas.

Ainda que na leitura não se possa ver como é que os segmentos perturbavam a cadência da fala, quando são apresentados ou falados são ininterpretáveis: eles excluem o outro porque vêm no ritmo, no fluxo da fala. As meninas sabiam que era incompreensível para quem não era de lá, para os “de fora”.

Exemplos como os segmentos acima tinham uma função de comunicação interna, de alerta contra o perigo e/ou para se defender, sobretudo da polícia. Estava em questão algo na fala para que o outro não entendesse. Pode-se dizer que essa fala funcionava como arma de exclusão dos “de fora” e que seu

<sup>122</sup> Eu vou comer um ovo de depois ir para cama com a minha coberta e meu cigarro de maconha que está na mochila, eu vou dar uns tragos e depois dormir. Mas, se a polícia chegar, saio na corrida para o esconderijo.

<sup>123</sup> Eu vou roubar umas roupas, já que os meninos pequenos estão pedindo esmola pra levar pra casa (abandonada). Assim eles distraem os policiais e eu vou roubar as velhinhos contando dinheiro.

movimento era próprio do imperativo do ritmo da rua, das fugas, dos furtos, da articulação entre elas.

Se a elas o silenciamento era imposto, com suas falas de sentidos distorcidos também silenciavam e calavam o outro. No compasso das suas falas deformadas, coube a mim silenciar e insistir até que, pela repetição que escutava no trânsito das falas *nonsense*, pudesse me localizar. O silenciamento a que estavam submetidas abria espaço para transitarem por palavras inventadas. Nesses segmentos linguísticos intrigantes residia uma espécie de mistério, o que possibilita pensar esses enunciados seja na esfera da linguística, seja na psicanálise.

Se no dentro da rua permaneci como um “de fora” até que me autorizassem, essa questão foi reconfigurada num segundo momento de encontro que tive com as meninas. Elas me autorizaram e, como autoridade autorizada, pude acompanhá-las para prestarem depoimentos sobre abusos que sofriam, sobretudo de policiais. Nessa situação em que podiam falar e ser escutadas – por esse outro representando a lei –, a linguagem vinha desvestida de suas funções de arma contra o outro, desvestida de linguagem-objeto, vinha endereçada. Eu passei a pertencer, a meu modo. Não era uma delas, mas podia estar ali. A natureza da linguagem era de uma prosa fluida, ainda que marcada por certas hesitações.

O depoimento ganha um estatuto de testemunho e pode ser dito, na medida em que elas se dirigem a alguém que está ali para escutá-las. Tem o outro (representante da lei) nessa posição de escuta, e tem mais: tem um outro autorizado que a autoriza. A minha presença dá sustentação a essa posição de quem faz o testemunho. Nessa circunstância de fala, há alguém colocado em posição de falante, que pode falar. A fala levada ao depoimento tem o meu suporte para fazer um testemunho, tem quem escute e tem quem autorize. A fala vem mesmo de alguém que tem a condição de poder sustentar-se como sujeito do seu dizer. Havia um ganho subjetivo nessa situação: ali elas eram sujeitos e tinham a oportunidade de fazerem valer a palavra; palavra que retira tanto a linguagem quanto a menina de uma posição de objeto.

A reflexão de Caterina Koltai, colabora para poder pensar o testemunho das meninas. No seu artigo, ao abordar a literatura de testemunho de sobreviventes de genocídios, lança a pergunta sobre o que eles ensinam ao analista sobre os traumas históricos e os efeitos da violência histórica sobre a subjetividade humana.

O testemunho, enquanto relato assumido e endereçado cuja autenticidade é atestada pela presença do narrador no acontecimento relatado, assume a partir daí duas funções distintas: a atestação dos fatos e a revelação de uma verdade<sup>124</sup>.

Acompanhando Koltai, entendo que, guardadas as especificidades, as meninas puderam com seus testemunhos revelar seus fatos e suas verdades sobre a realidade a que estavam expostas no cotidiano hostil das ruas; puderam se fazer presença e em nome próprio. Com corpo e fala se fizeram ver e ouvir.

Tive, assim, dois encontros com elas: um em que deformavam a fala, inventando um léxico próprio, no espaço público; e outro em que, a rigor, protegidas pelo ECA e por portas fechadas, denunciam seus algozes diante do procurador geral do estado do Paraná. Seus depoimentos fundamentaram um dossiê sobre violência na cidade de Curitiba e teve apoio da Fundação Fé e Alegria<sup>125</sup>. Havia ali uma proposta de intervenção naquela realidade.

Situo o leitor que a minha reflexão, embora conte com sujeitos de momentos históricos, sociais e culturais distintos, tem como ponto de intersecção a mulher, a discriminação, a linguagem, a fala e, bastante importante, o lugar de escuta de um “de fora”. Importa esclarecer, ainda, que essa escuta se dá também distintamente, ainda que pontos coincidam no que diz respeito a estigmas que marcam, de um lado, a mulher histérica (final do século XIX), e, do outro, as meninas em situação de rua (final do século XX).

---

<sup>124</sup> Caterina Koltai. Entre psicanálise e história: o testemunho. *Psicologia USP*, vol. 27 nº 1. São Paulo, jan./abr. 2016, p. 26.

<sup>125</sup> Fiz algumas tentativas para localizar o dossiê com a finalidade de poder trazê-lo junto às demais referências. Entrei em contato com Luiz Carlos Heleno, em Curitiba, que na ocasião era o funcionário da regional da Fundação Fé e Alegria. Tive notícias de que esta fechou e então tentei contato em São Paulo. Nunca obtive retorno.

Desse modo, temos as mulheres histéricas, em quem o sintoma fala por meio de palavras desconexas, hesitações, tiques, gagueiras, outra língua, deformações na fala, e que encontram um modo eloquente de expressão pelos sintomas no corpo. De outra parte, estão as meninas em situação de rua, que inventavam uma “língua dentro da língua”, uma perturbação na fala, na própria língua materna – que por um lado produz uma irmandade e, por outro, estrangeiridade –, a ponto de não ser facilmente interpretada pelo outro.

Diante das mulheres histéricas, Freud se cala, e assim o médico e a fala mudam de lugar; diante das meninas em situação de rua, a jornalista se vê em outra posição que não a de quem pergunta, mas a de quem tem que calar-se. Nas duas situações será o silêncio a abrir espaço para escutar o que dizem os sintomas histéricos e o modo outro de acontecer na linguagem dos ditos das meninas. Se os corpos das histérica estão às voltas com questões em torno da sexualidade<sup>126</sup>, o das meninas são maltratados, abusados e marcados por uma inexisteência social.

### **3.2 O encontro de Freud e as histéricas**

O mal-estar que levou as mulheres histéricas ao encontro com o Dr. Freud foi a histeria que, entre as suas manifestações sintomáticas mostravam também, além de manifestações no corpo, desorganização na linguagem (mutismo, parafasias, gagueira, tiques). Suas interrogações não encontram respostas no modelo organicista, nem nas causas hereditárias, nem no sujeito centrado. Contrariando a ideia de que o médico detém o saber, a partir do encontro com as histéricas, algo sai do lugar. E, nesse desarraijo, quem protagoniza a fala é a mulher histérica. A partir dessa quebra de paradigma, em que o saber médico

---

<sup>126</sup> Tomo aqui a definição de Laplanche e Pontalis para sexualidade: “Na experiência e na teoria psicanalítica, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica (respiração, fome, função de excreção, etc.) e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual”. (Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, Vocabulário da psicanálise, *op. cit.*, p.476.)

cai e entra em cena o saber do paciente, Freud vai afirmar e refutar suas próprias hipóteses, com base na produção e articulação dessas mulheres.

O estudioso calou-se, guardando seus comentários para si; retraiu-se no silêncio, deixando ao enfermo o cuidado de curar a si mesmo. Com a entrada em cena da ‘orelha freudiana’, o paciente passou a ocupar o lugar outrora reservado ao médico; tornou-se criador, relator e romancista, inventando um discurso e fabricando seu caso.<sup>127</sup>

Esse lugar de protagonismo que a mulher passa a ocupar na clínica psicanalítica – tanto como personagem quanto como autora, nos primeiros instantes da psicanálise – contribui para quebrar o silenciamento a que estavam subordinadas. Homens falavam por elas, caso de Flaubert e de *Tolstói* – que colocam no centro do enredo dos seus romances a mulher casada, insatisfeita, infiel, e que queria viver uma outra vida.

A esse respeito, Maria Rita Kehl, em passagem que toca no seu interesse de estudo, *Emma Bovary* como uma criação que descreve ficcionalmente a mulher freudiana, assim se coloca:

Foi com mulheres assim que Freud deparou em seu consultório nos anos 1890; foi o sofrimento de outras Emmas mais discretas, substituindo as passagens ao ato de sua colega ficcional pela sintomatologia de conversão, que levou Freud a lançar a pedra fundamental do método e do pensamento psicanalítico em seus ‘Estudos sobre a histeria’.<sup>128</sup>

A produção literária, na figura de Flaubert, antecipa-se na tentativa de expressar e fazer ecoar questões emergentes acerca do sofrimento feminino, que encontrará ressonância anos mais tarde na produção psicanalítica.

Com seus Estudos sobre a histeria, Freud vai tomando distância da medicina e abre uma outra discussão em torno do tema. O que ele vai constatar em sua clínica é que também as suas “heroínas” querem viver uma outra história. Diante da impossibilidade de mudança, são muitos os sofrimentos psíquicos.

---

<sup>127</sup> E. Roudinesco, História da psicanálise na França, *op. cit.*, p. 34.

<sup>128</sup> Maria Rita Kehl. Deslocamento do feminino, *op. cit.*, p.151.

Desejantes, mas culpadas por desejar, suprimem não a sexualidade – mas o exercício do sexo, já que ele fica inibido de suas vidas. Essa sexualidade passa a se manifestar pelos sintomas que falam em seus corpos, uma vez que são resultados de uma excitação que é convertida do anímico para o corpo.

A psicanálise, afirma Freud:

Elimina os sintomas dos histéricos partindo da premissa de que tais sintomas são um substituto – uma transcrição, por assim dizer – de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais, mediante um processo psíquico especial (o *recalcamento*<sup>129</sup>), nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência.<sup>130</sup>

Desse modo, as formações de pensamentos que ficaram retidas num estado de inconsciência e que tencionam a uma expressão que corresponda a seu valor afetivo, por assim dizer, a uma descarga, se valem do processo de conversão em sintomas histéricos.

A construção freudiana ([1905]1996, p.156) acerca da histeria é atenta ao caminho dos sintomas, na medida em que “representam um substituto de aspirações que extraem sua força da fonte da pulsão sexual”<sup>131</sup>. É o que aparecerá na clínica, a partir da histeria. Diante de Freud surge um sujeito dominado não pelo que pensa, mas pelo que diz. Aos “demônios” dos tempos supersticiosos, o correlato na teoria freudiana será a psique cindida. O “espírito” estranho que possui o corpo da histérica será revelado como parte de si mesmo.

“Vítimas desamparadas de suas ideias antitéticas”<sup>132</sup>, as histéricas contribuem para os estudos de Freud, que vai dizer que as intenções inibidas realmente existem, havendo uma modificação física a elas correspondente “e que elas são armazenadas e levam a vida insuspeitada numa espécie de reino

<sup>129</sup> Tomo aqui a definição de Laplanche sobre Recalque (ou recalcamento) *Verdrängung*: Processo hipotético descrito por Freud como primeiro momento da operação do recalque. Tem como efeito a formação de um certo número de representações inconscientes ou “recalcado originário”. Os núcleos inconscientes assim constituídos colaboram mais tarde no recalque propriamente dito pela atração que exercem sobre os conteúdos a recalcar, conjuntamente com a repulsa proveniente das instâncias superiores. (J. Laplanche e J.-B. Pontalis. Vocabulário da psicanálise, *op. cit.*)

<sup>130</sup> S. Freud. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 155.

<sup>131</sup> Idem, p. 156.

<sup>132</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 169.

das sombras, até emergirem como maus espíritos e assumirem o controle do corpo [...].”<sup>133</sup>

O saber não sabido - próprio da histeria (e, claro, do humano) - vai ser reconhecido como verdade e vai instrumentalizar os escritos freudianos. Escritos esses que vão sendo transmitidos lado a lado com a experiência clínica. Desde o início e ao longo das elaborações, a histeria nunca mais cessará de ensinar à psicanálise. O desejo de tornar-se outra pessoa ou recuperar algo de si, perdido pelo sintoma, pode ser lido como mais um ensinamento que a histeria fornece à psicanálise: o sujeito que busca por análise quer passar a outra coisa. Se, inicialmente, Freud se apresenta na posição do médico que é, diante dos casos dos *Estudos sobre a histeria*, pode-se afirmar que, atravessado por esse saber que se impõe como o que lhe falta, ele se constitui psicanalista. Na posição de psicanalista, produz um conhecimento sobre a histeria.

Homem do seu tempo, Freud tem um trânsito social que o coloca antes de tudo dentro de uma veste comum conservadora e patriarcal, mas que ao mesmo tempo escandaliza, uma vez que toca em temas tabus no âmbito das suas elaborações sobre a histeria, que tem no centro a sexualidade infantil e o desejo incestuoso. Com a concepção de sujeito dividido, proposta a partir da substantivação do inconsciente, ele reúne coragem para desafiar o saber médico – do qual era também herdeiro – e a negligência da ciência em torno da histeria. Quando se distancia da clínica organicista, as interrogações que o guiam são disparadas pelas falas de suas pacientes. Sua escuta vai seguir os movimentos das cadeias e suportar qualquer imprevisibilidade da narrativa delas.

Ao propor uma clínica que acolhe a não-linearidade do discurso das “mulheres histéricas”, o pai da psicanálise aprende durante o seu fazer-escutar a reconhecer na “contravontade”, nos contra(ditos)<sup>134</sup>, as manifestações inconscientes. Na expressão máxima das forças antagônicas: desejo e censura

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> A ocorrência do termo contradição tem uma incidência majoritária nos ESH e em a Interpretação dos Sonhos (1900), conforme nos aponta Amanda Mont’Alvão Veloso Rabelo em sua dissertação, que discute justamente a contradição, mostrando que a contribuição da palavra e da fala das mulheres que frequentaram a clínica de Freud é seminal para elaboração do inconsciente freudiano. Remeto o leitor a: Amanda Mont’Alvão Veloso Rabelo. Inconsistências no dizer: contradição e psicanálise. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2020, p. 99.

(considerando que a etiologia<sup>135</sup> defendida por Freud é prenhe de sexualidade e fantasias incestuosas), os sintomas histéricos denunciam as pressões sociais que incidem sobre as mulheres.

A repressão ao desejo feminino será maior quanto mais a mulher buscar se libertar, sobretudo se essa liberdade prescindir do modelo patriarcal proposto. A tentativa de calar, de silenciar esse desejo, vai ocorrer de diversas maneiras ao longo dos séculos: queimando, chamando de louca, degenerada, depositando, pondo de fora. A histeria soma-se a essas formas de calar. Há, nesse sentido, o que podemos chamar de um recalque civilizatório da figura da mulher como sujeito que deseja.

Se na clínica do olhar a “mulher histérica” fica numa posição que pouco interroga, na escuta da psicanálise ela ganha uma nova perspectiva. Sua verdade – descobrirá Freud, após abandonar a teoria da sedução – é a fantasia (realidade psíquica).

### **3.2.1 Comunicação preliminar**

Antes de entrar nos casos dos *Estudos sobre a histeria*, entendo que importa passar pela *comunicação preliminar*, escrita e publicada em 1893 no *Neurologisches Zentralblatt*, em Berlim, e que abre os Estudos. Escrita em conjunto por Freud e Breuer, essa comunicação intitula-se: *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*.

Movidos pelo que chamam de “uma observação causal”, os dois autores descrevem etapas e condutas clínicas das investigações em torno das diferentes formas e sintomas da histeria. Essas observações causais, conforme os médicos, possibilitariam a descoberta do evento desencadeante do fenômeno patológico.

---

<sup>135</sup> Em 1931, no texto *Sobre a sexualidade feminina*, Freud investiga as consequências da ligação pré-edípica da menina com a mãe, e seus desdobramentos na vida adulta: “a fase de ligação da menina com a mãe permite suspeitar de uma íntima relação com a etiologia da histeria”. (Ver S. Freud. Amor, sexualidade, feminilidade. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 288.

Geralmente é necessário hipnotizar os doentes e despertar, durante a hipnose, as lembranças do tempo em que o sintoma apareceu pela primeira vez; então conseguimos expor de modo mais nítido e convincente aquela conexão.<sup>136</sup>

Na comunicação se lê que este método de investigação contribuía tanto no aspecto teórico quanto no prático. Do ponto de vista teórico, provava que o fator accidental era determinante para a histeria. Para os autores, havia uma evidente relação causal entre o acidente e a histeria “traumática”. Igualmente visível nos ataques histéricos, a causalidade era encontrada nas manifestações dos doentes. Cada acesso era marcado por uma repetição da alucinação em torno do evento de origem que provocou o ataque.

As observações sobre a causa da histeria davam conta de que fatos ocorridos na infância seriam responsáveis, posteriormente, pelas manifestações patológicas em níveis mais, ou menos, graves. Do ponto de vista da patogenia, histeria e neurose traumática preservavam semelhanças, o que indicava que os sintomas ocorriam em função de um traumatismo psíquico decorrente de vivências que acionavam afetos como pavor, angústia, vergonha, dor psíquica.

Na histeria comum, assinala Freud<sup>137</sup>, não raro encontram-se vários traumas parciais, causas agrupadas que, somadas, manifestavam efeito traumático e formavam um conjunto por serem, em parte, fragmentos de uma única história de sofrimento. A lembrança do trauma psíquico agiria como um corpo estranho. Para Freud, muito tempo depois de sua penetração esse corpo estranho deve ser considerado um agente atuante no presente. Importante destacar que *catarse*<sup>138</sup> – método ali utilizado – carrega o significado de expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por essa razão, o corrompe. A prova disso – e que conferia um interesse prático às descobertas freudianas – residia no fato de que:

<sup>136</sup> S. Freud, Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 19.

<sup>137</sup> Idem.

<sup>138</sup> Laplanche assim define este termo: Método de psicoterapia em que o efeito terapêutico visado é uma “purgação” (*catharsis*), uma descarga adequada dos afetos patogênicos. O tratamento permite ao sujeito evocar e até reviver os acontecimentos traumáticos a que esses afetos estão ligados, e ab-reagi-los. (J. Laplanche e J.-B. Pontalis. Vocabulário da psicanálise, *op. cit.*, p. 60).

Cada sintoma histérico desaparecia de imediato e sem retorno, quando conseguíamos despertar com toda clareza a lembrança do acontecimento motivador, assim avivando igualmente o afeto que o acompanha, e quando, em seguida, o doente descrevia o episódio da maneira mais detalhada possível, pondo o afeto em palavras.<sup>139</sup>

Freud descobria, assim, a estrutura propriamente languageira do sintoma, bem como a possibilidade de eliminá-lo pela via da palavra. Para garantir uma eficácia, a recordação deveria vir com afeto e repetida da maneira mais viva possível. Essa dor psíquica lembrada em consciência desperta era capaz de provocar lágrimas tempos depois: *o histérico sofre sobretudo de reminiscências.*

A Freud espantava o fato de experiências pregressas terem uma ação tão intensa e de as lembranças delas advindas não sofrerem desgastes. Importava-lhe, sobretudo, se havia ou não ocorrido uma reação enérgica ao evento afetador. A reação a que se refere é entendida como reflexos voluntários e involuntários pelos quais os afetos se descarregam: do choro até o ato de vingança. Se a reação ocorresse em grau suficiente, com ela desapareceria uma grande parte do afeto.

Nossa **linguagem** dá testemunho desse fato, que é de observação cotidiana, em expressões como ‘**desafogar a raiva**’ [*sich austoben*], ‘**desafogar o choro**’ [*sich ausweinen*] etc. Se a reação é suprimida, o afeto permanece ligado à lembrança.<sup>140</sup> (grifos meus)

Isso acontece porque há diferença entre o modo de lembrar de uma ofensa que é revidada – ainda que com palavras – e daquela que se aguentou sem nada dizer. Freud esclarece que a linguagem, ao reconhecer essa diferença entre consequências psíquicas e físicas, designa como “agravo” precisamente o “sofrimento suportado em silêncio”. As considerações freudianas atestam que a reação da pessoa agravada só teria efeito inteiramente “catártico” quando fosse adequada como uma vingança. No caso do ser humano, atesta Freud, **é na linguagem que ele encontra um substituto para a ação**. Essa substituição

<sup>139</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 23.

<sup>140</sup> Idem, p. 26.

serve de auxílio para que o afeto – ligado a uma lembrança traumática – se liberte quase do mesmo modo por meio de uma descarga emocional – ab-reação.

Em outros casos, **a própria fala** é o reflexo adequado, como queixa e **como enunciação de um segredo que atormenta** (confissão!). Quando não ocorre semelhante reação por atos, por palavras e, em casos mais leves, pelo choro, a lembrança do episódio conserva, a princípio, o realce afetivo.<sup>141</sup> (grifos meus)

Freud e Breuer estavam aqui buscando por cenas recortadas no tempo e que apontassem para lembranças traumáticas vividas na infância. Esse suposto acontecimento factual do passado teria colocado o doente de agora, diante de uma carga de afeto e que foi esquecido. Não o evento em si, mas o afeto que se ligou a ele e que causou desprazer, associado ao esquecimento, criaria condições para o trauma psíquico.

### **3.3 Eficácia da expressão verbal (com)torção de palavras**

Em alguns desses doentes, o transtorno – uma dor ou uma fraqueza semelhante a uma paralisia – pode mudar de repente o lado afetado do corpo, passando da direita para a região do corpo correspondente à esquerda. Mas em todos podemos observar que os sinais de sofrimento estão muito claramente sob a influência de excitações, oscilações de ânimo, preocupações, etc.<sup>142</sup>

Esses estados, conforme Freud, eram chamados de nervosismo (neurastenia, histeria), caracterizados como meras afecções “funcionais” do sistema nervoso.

Aliás, também em muitas afecções nervosas mais constantes e naquelas que só apresentaram sinais de doenças anímicas (as chamadas ideias obsessivas, ideias delirantes, loucura) o exame detalhado do cérebro (após a morte do doente) não trouxe resultados.<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Ibidem.

<sup>142</sup> Idem, p. 21.

<sup>143</sup> Idem, p. 22.

O ponto que interessa ao meu argumento é o que diz respeito à influência psíquica/anímica sobre o corpo, ou seja, a relação dos afetos com as manifestações corporais, e a presença de expressões verbais para designá-los. No recorte que faço aqui, elejo parte dos casos dos Estudos sobre a histeria, para pensar as histéricas e a afetação dos seus corpos e linguagem.

Mas, vejamos que até chegar a esse ponto, em que a linguagem ganha um lugar, Freud fez um longo caminho, desde Charcot.

Os recursos não mais seriam diretamente buscados nos lugares do corpo, mas na atuação da fantasia, com suas leis espaciotemporais próprias, e não mais no quadro gestual e fixo, mas nas posições identificatórias variáveis, múltiplas e ocultas.<sup>144</sup>

E assim, desvinculando-se da hereditariedade e do organicismo como causas, a histeria para Freud, a partir do conceito de conversão se transforma em: “deformação, fantasia, deslocamento, torção de palavras, romance, sexo”<sup>145</sup>.

Ao mudarem de lugar no corpo, num gesto de aparece-esconde, os sintomas histéricos davam pistas sobre uma crise inominada que acometia aquelas mulheres, frente ao embaraço em relação ao desejo. Na impossibilidade de caber em uma classificação – a contar o multifacetado das suas expressões, frequentemente substituídas -, só resta aos sintomas terem escutados seu sonoro funcionamento psíquico.

Com seus nomes fictícios (Anna O., Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina, Srta Elisabeth von R.), essas “mulheres histéricas” iluminaram a teoria psicanalítica, em seu nascimento. Como nos diz Maria Rita Kehl nesta passagem:

Na falta de uma teoria amadurecida, que lhe pudesse fornecer alguma explicação sobre o sentido do que escutava e tomado

---

<sup>144</sup> E. Roudinesco, História da psicanálise na França, *op. cit.*, p. 34.

<sup>145</sup> Idem, p. 40.

da séria intenção de formular uma, Freud estava atento a tudo o que lhe pudessem dizer essas analisandas.<sup>146</sup>

E é precisamente por estar atento que Freud pode ampliar as discussões sobre a histeria, valendo-se de outros saberes que não o seu saber ilustrado. Ele é empurrado para outra posição quando passa a escutar o que suas pacientes têm a dizer. Instaura-se, desse modo, um deslocamento de uma fala que busca um entendimento, que tem interesse histórico e linear pelo que está sendo narrado, por algo factual como disparador, e é assim que se constitui o analítico. Desfaz-se uma relação baseada nos moldes da comunicação, em que emissor e receptor se “compreendem”, e entra em cena a associação livre.

A posição para a qual Freud é empurrado é a de um psicanalista que passa a agenciar um saber não-sabido, enquanto suas pacientes tornam-se analisandas, quando podem dar fluxo livre aos seus pensamentos. Dito em outros termos, a posição de Freud, como analista, é determinada pelo efeito do encontro com as histéricas.

Freud tem a oportunidade, na acústica da clínica, de reunir exemplos expressivos que admitem a possibilidade “da gênese de sintomas histéricos por simbolização mediante a expressão linguística”<sup>147</sup>, por meio das falas. Nessa perspectiva, uma **nevralgia facial** encontrava seu equivalente numa situação de ofensa, em que a paciente toca a própria face, grita de dor e diz: “**isso foi para mim como um golpe no rosto**”, que Freud refere ao momento em que a paciente<sup>148</sup>/analisanda contou-lhe essa passagem, e a dor e o ataque chegaram ao fim.

Ele traz outros exemplos em torno de acontecimentos, acompanhados de sensações corporais<sup>149</sup>, que não haviam sido provocadas organicamente, mas que comportava uma interpretação psíquica.

<sup>146</sup> M. Rita Kehl. Deslocamento do feminino, *op. cit.*, p. 181.

<sup>147</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 255-257.

<sup>148</sup> A referência aqui é à Sra Cäcilie, que não figura entre os casos dos Estudos Sobre a histeria, mas que foi uma das mulheres que frequentaram a clínica de Freud e à qual ele dedica longas páginas nesses Estudos.

<sup>149</sup> Remeto o leitor a um artigo de Antonio Quinet: “a paixão amorosa também é corporal: as pernas tremem, o coração dispara, a boca seca. O medo amarela, torna o corpo lívido, exangue e, muitas vezes, solta o intestino. [...] Nossos corpos são encharcados de histeria. Pois são corpos

Afirmo, porém, que quando a histérica cria por simbolização uma **expressão somática** para a ideia impregnada de **afeto**, há nisso menos de individual e voluntário do que se poderia pensar. Ao tomar a **expressão linguística** literalmente e sentir a ‘**pontada no coração**’ ou o ‘**golpe na face**’ como um acontecimento real, por palavras ofensivas que ouviu, ela não faz um mal uso engenhoso, apenas reaviva as sensações às quais a expressão linguística deve sua justificação.<sup>150</sup> (grifos meus)

Desta passagem interessa tomar as expressões das emoções como correlatas de sensações e inervações corporais, para pensar os sintomas também apresentados por meio da gagueira, tiques, abandono da língua materna, mutismo, hesitação.

### 3.4 Sintoma no corpo e a fala



Arch of Hysteria, 1993 - Louise Bourgeois<sup>151</sup>

A partir deste ponto, seguirei uma costura em zig-zag, articulando palavra e corpo. As histéricas comparecerão aqui pelas incidências de sintomas nos

---

histericamente históricos. [...]” (Antônio Quinet. Corpo e linguagem. [Estudos da Língua\(gem\)](#), v. 15 n. 1, 2017, p.81)

<sup>150</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 259.

<sup>151</sup> Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/42/681> Acesso em 07 mai. 2021.

seus corpos. Como já disse, a minha leitura em torno dos *Estudos sobre a histeria* é parcelar, e também se articula com outros textos contemporâneos de Freud. Dada a especificidade do meu trabalho, importa recolher, dessas mulheres, distorções na fala, gagueira, tiques, hesitações, quando não uma surpreendente mudança de língua e o abandono da língua materna. O corpo na histeria participa de maneira expressiva, sendo ela, inclusive, representada como um corpo em arco, arco da histeria. Refiro-me ao sintoma que fala na sessão, seja com as “pernas que participam”, seja com um tique que se intromete na conversa. Essas “participações” e “intromissões” podem ser vistas nos casos analisados por Freud nos seus Estudos.

Se as conversões são marcas recorrentes no corpo da histérica, Laplanche e Pontalis (2001) lembram que elas partem da libido que se desliga das suas representações recaladas, transformando-se em inervações manifestadas pelos sintomas. Quando trago o termo inervações, não se trata de biologizar a questão, mas de deixar em relevo que o sintoma se aproveita do corpo e desliza pela fala. A língua, sendo também um órgão muscular, não escapa a essas “inervações”, ainda que tenhamos claro que o corpo da histeria tem relação com o corpo pulsional e não com o orgânico. De fato, como disse Freud (1893), a histeria desrespeita a anatomia<sup>152</sup>. Aponto essa questão para poder pensar que a conversão na histeria opera numa constância no corpo, inclusive na articulação da fala, de maneira que o sintoma transita pelo corpo e pela fala.

Acompanhando Freud, na histeria o corpo é tomado como objeto de investimento pulsional, provocando dor, gagueira, tiques, parestesias, conversões, sem que haja uma produção orgânica lesiva. E não havendo lesão no corpo – embora o objeto de pulsão seja o próprio corpo, no caso das histéricas –, a questão estava por ser elaborada. Seus sintomas podiam ser deslocados por meio da elaboração que usa palavras. Dito em outros termos, Freud notou, de fato, que os sintomas se deslocavam a partir da interpretação, e que mesmo

---

<sup>152</sup> Remeto o leitor ao texto de Freud: Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisações motoras orgânicas e histéricas (Vol. 1). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

a sua presença silenciosa afetava o trânsito sintomático. Esse foi o corpo que interessou a Freud. Se implicasse patologia orgânica, estaríamos face a um sintoma marcado, fixado num órgão, sem deslocamento.

Em Miss Lucy – um dos casos – o sofrimento que a levou até Freud foi nomeado “sensações olfativas subjetivas”. Deprimida, apresentava uma alucinação olfativa e persistente apesar de a analgesia ser completa. Como símbolo de recordação, a sensação olfativa – cheiro de torta queimada – fazia remissão ao trauma. Nas suas tentativas de fazer acessar a “recordação patogênica” com a pressão na testa, Freud ficou interrogado acerca de certas dificuldades que a paciente demonstrava para acessar determinadas memórias. A isso chamou de resistência (*Widerstand*), ou seja, forças antagônicas que, se não ultrapassadas, impediriam a cura.

Na repressão intencional da paciente residia o motivo para a conversão da soma de excitações. Portanto, deveria haver algo deliberadamente deixado obscuro e que ela se esforçava para esquecer. A ideia reprimida, contudo, como nos ensina Freud, vinga-se e faz uso do corpo para se expressar pelos sintomas. O que estava encoberto pelo sintoma em Miss Lucy era a paixão pelo patrônio e a esperança de ocupar efetivamente o lugar de mãe das meninas, das quais cuidava.

Se, com Miss Lucy, Freud pode pensar a resistência e o sintoma que encobria uma fantasia sexual, no caso Katharina, as investidas sexuais efetivamente ocorreram, a contar o relato apresentado. Nela, o modo como os sintomas se manifestaram foi repentino e levava-a a associar pressão nos olhos, e peso e zunido na cabeça, seguido de uma compressão no peito, falta de ar e garganta apertada. Katharina conta a Freud que nos dias que se seguiram ao episódio – a partir do qual começou a apresentar os sintomas – teve vertigem e vomitou três dias sem parar. Destaca-se que tal episódio tem em sua centralidade o assédio do “tio” (mais tarde Freud revelou que, na verdade, era o pai) em relação a outras moças e a ela. “Sentiu seu corpo” na cama e questionou o “tio” perguntando-lhe o que estava fazendo, obtendo como resposta: “Vamos,

mocinha tola, fique calada, você não sabe como isso é bom"<sup>153</sup>. Apenas mais tarde, Katharina se deu conta do que significava a cena.

Com frequência, havíamos comparado a sintomatologia histérica a uma escrita pictográfica que aprendemos a ler após descobrir alguns casos bilíngues. Nesse alfabeto, vomitar significa repugnância.<sup>154</sup>

O sintoma dessa conversão – o vômito – seria um acontecimento psíquico e, como tal, passível de interpretação pela linguagem.

A intromissão de um tique, além de gagueira, ansiedade, inquietude, contorções no rosto e nas mãos, levaram outra paciente ao Dr. Freud. Emmy von N. apresentava um tique que produzia um estalo peculiar<sup>155</sup>, que se interpunha em sua fala como um ponto de angústia.

Quando escreve alguns comentários sobre a origem dos sintomas histéricos através da “contravontade”, Freud nos diz que tal origem pode ser observada “mediante a atuação de uma ideia antitética aflitiva - isto é, mediante a “contravontade”<sup>156</sup>. Nessa esteira, traz o exemplo de Emmy von N., que teve como disparador do seu sintoma um estalo com um certo ruído, quando exatamente não tinha intenção consciente de deixar que qualquer som saísse dos seus lábios e viesse a incomodar o sono de sua filha, que, estando doente, havia tido dificuldade em cair no sono.

Mas, no seu estado de exaustão, mostrou-se mais forte a concomitante ideia antitética de que ela, não obstante, *pudesse* fazer um ruído; e essa ideia teve acesso à inervação da língua, que sua decisão de manter-se em silêncio talvez pudesse ter-se esquecido de inibir, irrompeu no fechamento dos lábios e

<sup>153</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 186.

<sup>154</sup> Ibidem.

<sup>155</sup> Em nota de rodapé, a observação freudiana traz que esse estalo era composto de vários tempos e que colegas seus, peritos em caça que escutaram tal estalo, compararam seu som final ao chamado do tetratz, ave encontrada na Europa e na Ásia. O som produzido por essa ave é parecido com um arroto, seguido de um grito.

<sup>156</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 167.

produziu um ruído que daí em diante permaneceu fixado por muitos anos.<sup>157</sup>

E como sucederia o fato de a ideia *antitética* atingir uma espécie de supremacia como consequência da exaustão no caso de Emmy? A esse respeito, Freud responde que a exaustão seria apenas parcial. Haveria o predomínio de ideias inibidas e suprimidas da cadeia de associações conscientes. Estas, não exaustas, teriam predomínio no momento da disposição para a histeria. Além disso, tais ideias antitéticas e aflitivas, uma vez inibidas e rechaçadas pela consciência, teriam acesso à inervação somática também. Esse fato colabora, de acordo com Freud, para pensar a peculiaridade dos delírios dos ataques histéricos. Não é mera coincidência, diz ele, “que o delírio histérico das monjas durante as epidemias da Idade Média tenha tomado a forma de blasfêmias violentas e linguagem erótica desenfreada”<sup>158</sup>.

Vê-se nessa “contravontade” a expressão do fato de que o inconsciente não reconhece a contradição e de que a verdade do sujeito aparece nisso que contraria a sua intenção, que faz fissura e produz equívocos. As monjas da Idade Média trazidas como exemplo de delírio histérico expressam na “possessão” o conhecido enunciado freudiano de que “o eu não é senhor em sua própria casa”. Com as histéricas, portanto, migramos para o domínio do inconsciente.

À fala em voz baixa de Emmy, Freud refere-se como hesitação espástica. Ainda que coerente, sua fluência se interrompia abruptamente pela contorção do rosto, com expressão de pavor e asco, enquanto estendia a mão com os dedos abertos e crispados na direção do médico Freud. Ao mesmo tempo em que fazia esses movimentos, sua voz se alterava e, repleta de angústia, gritava as palavras nesta fórmula: “Fique quieto – não diga nada – não me toque!”, como se repelisse a intromissão de um estranho. Será a partir dessa fórmula peculiar, que Emmy provocará o silêncio de Freud frente às suas falas. Falas estas que são expressas, em meio a dificuldades em respirar, mas, que, depois de articuladas, dão lugar a feições serenas. Esse caso faz ecoar, para mim, o termo *corpolinguagem*, escrito assim por Nina Leite (2003). Emmy trazia uma fala

<sup>157</sup> Ibidem.

<sup>158</sup> Idem, p. 168.

sussurrada, quase inaudível, mas um corpo em movimento, articulando fala. Ela, que já havia perdido a fala, falava e calava. Seu sintoma na fala tinha configurações variadas: perdeu a fala, ou seja, foi calada; sussurrava, e calava Freud com expressões linguísticas imperativas.

Frente à insistência de Freud sobre a origem de sua gagueira, Emmy se calava. E como ele não desiste, ela diz, irritada, que não responde porque não pode. Dirige-se a Freud e lhe faz uma recomendação: de que não pergunte sempre de onde vem isso ou aquilo, mas que deixe que ela conte o que tem a dizer. Emmy é a paciente de Freud conhecida por ter sugerido que ele a deixasse falar; e falar o que ela quisesse. Reconhece-se aí o valor atribuído por Freud à associação livre como “regra fundamental da psicanálise”. Para ele, o que passa a ter importância é escutar, na cadeia associativa, as irrupções do inconsciente na fala.

Em Emmy, a intromissão vinha pela boca, ao passo que em Elisabeth von R, eram as pernas a participar com dores intensas e cansaço, além de dificuldade ao andar. A denúncia dos sintomas era feita por elas (as pernas). Quando caminhava, seu tronco se inclinava para a frente, sem apoio; seu andar não correspondia a nenhum tipo conhecido de marcha patológica, nem era notadamente mau, conforme Freud. A partir de seu foco, a face anterior da coxa direita, a dor se irradiava. Pele e musculatura eram sensíveis. Essa mesma hiperalgesia tomava toda a extensão das duas pernas, porém preservava uma força motora. Para Freud, não havia qualquer indício de uma afecção orgânica mais séria. As dores seriam apenas um fenômeno acessório, e Freud entendia que era preciso chegar aos pensamentos e sensações relacionadas a elas.

Diferente de um doente orgânico, cuja fisionomia carrega a expressão de dor física quando se toca a região, em Elisabeth não havia sintonia entre fisionomia e dor. A conversão era entendida como um mecanismo encontrado com o propósito de defesa, que é o que ocorre quando a ideia erótica é reprimida da associação e o afeto, a ela aderido, é utilizado simultaneamente no aumento e reanimação de uma dor corporal.

As pernas doloridas, como diz Freud, passaram a “participar da conversa” e eram elas que levavam às lembranças. É nesse ponto que Freud tem um

importante *insight*. Ao lado da desordem na linha da conversão, um equivalente da linguagem, ou seja, uma simultaneidade de vínculos associativos que encontra nas sensações físicas um símbolo para fatos psíquicos. No curso da análise, vai ficando cada vez mais claro para Freud, que a dor podia ser removida pela fala (*weggesprochen*). Traduzida, esta palavra de origem alemão, significa: “livrar-se, desembaraçar-se pela língua, pelas palavras”<sup>159</sup>; *weg* (embora, fora, longe, ausente) e *sprechen* (falar, dizer).

Um outro mecanismo cooperava na formação da dificuldade de Elisabeth ficar de pé e de caminhar; e nessa dificuldade Freud pode escutar a queixa de que sentia dolorosamente seu “estar só”, de suas malogradas tentativas de estabelecer uma nova vida familiar, fato que lhe trazia sentimento de desamparo e a sensação de que “não saía do lugar”. Destaca-se aqui que no original, em alemão, o termo *alleinstehen* designa: solteiro, sem família; composto de *allein* (sozinho) e *stehen* (estar, estar de pé, estar parado).

Se “não saía do lugar”, diz Freud “tive de supor que ela procurou deliberadamente uma expressão simbólica para seus pensamentos dolorosos e a encontrara na intensificação de seu padecimento”<sup>160</sup>. Acompanhando Freud, as expressões linguísticas operam como uma transposição figurada para as emoções, de modo que a histeria porta o sentido original das palavras nas inervações que produz. Essa inervação, que se apresenta como fenômeno fisiológico, converte energia psíquica em energia nervosa, deixando o afeto solto da sua representação. Assim, o afeto se apresenta pela conversão.

No exemplo de Elisabeth, vemos que diante do conflito entre ideias eróticas e morais instala-se o ponto central da história da sua doença. Ao reprimir a ideia erótica, converteu seu afeto em sensação de dor e a energia libidinal em inervação. Seu sentimento estava ocultado por trás da máscara de uma afeição de parentesco, lembrando que o surgimento do seu sintoma tem relação com uma paixão secreta e proibida. O “estar só” e “não sair do lugar” são expressões verbais que Freud soube escutar como correlatas aos sintomas que a impediam de andar sem que isso lhe causasse dor. Pois bem! O que Freud acentua nesse

---

<sup>159</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 214.

<sup>160</sup> Idem, p. 219.

caso é o fato de as pernas participarem da conversa, ou seja, o fato de que o corpo fala, e fala numa espécie de paralisia tipicamente histérica. Destaca-se que a fala, nesse caso, vinha sem qualquer distorção.

Em Anna O., os sintomas no corpo incluem: abatimentos, fraqueza, anemia e repugnância a alimento, tosse nervosa, sonolência, inquietação, estrabismo convergente, queixa de que as paredes desabavam, perturbação de visão, paresias (perda parcial da motricidade) dos músculos anteriores do pescoço, contratura e anestesia do membro superior direito (mais tarde passa para o membro inferior esquerdo e, por último, para o braço esquerdo).

Freud e Breuer se depararam com um corpo invadido por sintomas que se deslocavam incessantemente no corpo e na fala e com uma dissociação marcante do *Eu*, que fizeram de Anna uma grande interrogação. Ela que era de dia uma doente desvairada – e vivia um exílio de si mesma –, à noite mantinha uma lucidez mental plena.

Num dos estados, era triste e angustiada; no outro, “malcriada”, vociferava, tornava-se agressiva, arrancava botões de cobertas e de roupas. Ia da alegria passageira a um grave sentimento de angústia. Se, em estado de alucinações angustiantes, seus cabelos pareciam-lhe serpentes negras, em estado lúcido, sua queixa era a de uma profunda escuridão na sua cabeça. *Atormentar* era o verbo que repetia. Que segredos a atormentavam? Que serpentes negras eram essas que davam lugar à escuridão em sua cabeça? Estaria nessa alucinação a semente do horror que vai ligar Medusa ao feminino e à castração na mitologia freudiana<sup>161</sup>? Lembremos que a serpente é também aquela que na história bíblica convence Eva a comer do fruto proibido da árvore do conhecimento. Convence, porque fala, atormenta.

Ao lado daquilo que a atormentava, formavam-se contraturas e um profundo abalo na estrutura da linguagem ocorria. Freud e Breuer dizem que ela havia perdido toda a gramática, a sintaxe, fazendo uma verdadeira confusão de línguas; isso quando não mergulhava num mutismo impenetrável. As

---

<sup>161</sup> A declarada presença das figuras mitológicas na obra freudiana pode ser pontuada em suas referências a Édipo, Cila e Caríbdis, Eros e Tânatos, Cronos e Zeus, Narciso e seu espelho, Medusa e o olhar do outro.

manifestações linguísticas de Anna apresentavam parafasias, jargões incessantes. Breuer e Freud sintetizam o drama linguístico de Anna como uma espécie de recalcamento da língua materna, quando não seu abandono; por cerca de um ano e meio, Anna passou a falar inglês. Voltando depois para sua língua materna.

Merece destaque a pluralidade dos sintomas de Anna na fala, ainda mais o fato de ter sido ela a paciente que qualificou a situação de análise como uma “*talking cure*”, porque, segundo ela, a análise realizava uma “*chimney sweeping*” das confusões que a assolavam. Ao poder falar na presença do “médico”, seus sintomas arrefeciam.

Ao admitir a Breuer que em algum canto do seu cérebro havia um observador perspicaz e calmo, que via seus desatinos, Anna O.<sup>162</sup> oferta uma pista sobre o domínio do inconsciente, este outro de si. Portanto, não se tratava de uma divisão de consciência.

### **3.4.1 Algumas considerações sobre os casos narrados**

O que acontece mesmo nesta experiência de Freud? Com as histéricas, ele “aprende” a escutar o corpo e a fala dessas mulheres. Essa experiência prepara a abertura da psicanálise, com a associação livre, com a posição do analista e, acima de tudo, com a força decisiva da palavra e com a distinção, já assentada, entre corpo erótico e corpo anatômico. De cada uma das suas pacientes dos casos clássicos dos *Estudos sobre a histeria*, ele recolhe alguma fala, expressão ou recomendação que colaborou para ampliar seu repertório de conceitos e teorização futura da psicanálise.

As mulheres histéricas com seus sintomas deixam aparecer um corpo falante. E isso que é falante (paralisias, gagueira, por exemplo) já estava

<sup>162</sup> À presença dessa mulher nos primórdios da clínica psicanalítica devemos “a cura pela palavra”, mas também a “transferência”. Se Breuer não deu conta de levar adiante o tratamento dessa paciente, Freud, por meio da sua narrativa sobre o caso Anna O., pode pensar a transferência. Ao ver Breuer, tomado por Anna O, portanto, fora do lugar, pode construir aquele que pode ser o lugar do analista na transferência. Podemos pensar Freud como um supervisor desse caso. Destaca-se, ainda, que o caso de Anna O é rico inesgotável, mas não é foco neste trabalho.

manifestado, mas foi só quando elas puderam falar e Freud pode escutá-las, que houve a possibilidade de ressignificar os sintomas no corpo, justamente pelo uso da fala, pela palavra.

Ao encontrar a escuta, as palavras ditas por essas mulheres tornam-se um lastro incontestável para as elaborações freudianas. E foram elas, palavra e mulher, que guiaram Freud para o privado de suas vidas, seus pensamentos e fantasias, à procura de pistas sobre a etiologia da histeria. No particular do seu consultório e no singular do dito de cada uma, construiu-se uma teoria na contramão do discurso que vigia.

O modo singular de escrita dessas histórias clínicas, e que podem ser lidas como novelas, marca o distanciamento de Freud da neuropatologia, da prática diagnóstica e do cunho austero da científicidade. “Devo me consolar com o fato de que evidentemente a responsabilidade por tal efeito deve ser atribuída à natureza da matéria, e não à minha predileção”<sup>163</sup>, diz ele a esse respeito, ao analisar o último caso clínico. Ao mesmo tempo em que o diagnóstico local e as reações elétricas se mostravam ineficazes no estudo da histeria, uma exposição minuciosa dos processos psíquicos – à moda do *poeta* – conduzia Freud a uma espécie de compreensão do desenrolar de uma histeria. Para ele, as histórias clínicas deveriam ser apreciadas como psiquiátricas; no entanto, apresentavam uma vantagem, “a íntima relação entre a história do padecimento e os sintomas da doença, que ainda buscamos em vão nas biografias de outras psicoses”<sup>164</sup>.

É graças às “mulheres histéricas”, suas “doentes”, que Freud pode reconhecer nos seus recorrentes traços: o talento, a ambição, a delicada sensibilidade moral, a imensa necessidade de amor, a independência de sua natureza que ultrapassa o ideal feminino e se manifesta em tenacidade, obstinação e reserva. A contar os traços aqui explanados, é certo que a sensibilidade da escuta de Freud foi capaz de escutar nas fantasias de suas pacientes uma expressão da insubordinação à realidade monótona à qual estavam condenadas. O excesso de atividade psíquica convertia-se em sintomas e ganhava na expressão da fala um lugar.

---

<sup>163</sup> S. Freud. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 231.

<sup>164</sup> Ibidem.

Os relatos dos casos clínicos nos mostram que os sintomas têm relação com aquilo que é o desejo inconsciente e que se apresenta sob máscaras. O caráter de um acontecimento fixa o sujeito numa posição sem relação com uma situação externa, mas com o modo como esse acontecimento é apreendido, ou seja, a representação psíquica. Com a histeria, Freud aprende e nos ensina que a conversão é um modo de tradução no corpo de alguma coisa que afetou o sujeito.

Acontecimentos nunca estão sós, mas acompanhados de sensações corporais e impregnados de afeto. Só mesmo pelo recurso da fala pode se dar vazão a esse mar pulsional que necessita escoar em palavras para aliviar a exaustão que faz padecer o sujeito.

E, assim, também eu encontrei pela via das palavras uma saída para escapar de viver uma vida monótona. Ao encerrar este último capítulo, quero dizer que procurei colocar em destaque a relação entre corpo e fala que estão na base que solidifica a emergência da psicanálise pelas mãos de Freud, ou melhor, pela escuta de Freud para a mulher e para a linguagem.

No caso das benzedeiras, corpo e linguagem estiveram também implicados. Procurei mostrar que a eficácia da cura passa pela palavra encantada e pela montagem de um cenário (um *setting*).

Não pretendo com isso aproximar Freud das benzedeiras, mas apenas iluminar o poder da palavra, num caso e outro. No caso das meninas de rua, escapar dos perigos passava também pela construção de um código – vidas amaldiçoadas, corpos devastados e palavras duras, codificadas. Silenciamento.

Vistas de hoje, as minhas vivências atravessadas pela presença de diferentes mulheres dão sentido ao que acabo de escrever e à minha posição como analista, à escolha pela psicanálise, uma escolha que foi se anunciando aos poucos no encontro com cada palavra: encantada, mal dita, bem dita.

## ACABAMENTOS: CONFERINDO OS AVESSOS

Embrenhei-me por leituras e escritos, revisitei minhas vivências, estive em mim criança e escutei o eco da voz da minha avó, abri o portão da escola e revi a professora que revelou as letras no quadro negro. Juntei-as, formei palavras, encantei-me com elas e, depois, fiz delas ferramenta de trabalho. Em cada palavra, em cada frase aqui escrita, está um pouco de mim. Mais uma vez me dei conta de que não consigo fazer nada sem que antes me impregne do barro da “coisa” eleita para eu trabalhar. Opero pela entrega.

Nos últimos meses foi a vez de me achegar às “mulheres histéricas”. Seus corpos espartilhados, confinados, entregues à disciplina, inclusive eletrochoques – pois esta técnica era utilizada nos sanatórios –, se presentificaram. Afeiçoei-me a cada uma delas. Suas falas, histórias, conflitos e sintomas ressoam na minha clínica, de modo que jamais se apagarão. São, agora, um ponto a mais a compor a minha trajetória que, como se pode ler, é plena de encontros com mulheres e suas palavras.

Desta ciranda participa minha musa, Clarice Lispector, que com seu léxico abissal contempla a dor de ser mulher, de não caber toda num corpo. Clarice é essa escritora que dissecou a barata com sua caneta; ela é GH, segundo nossas paixões, perdições e buscas. Ela é o selvagem coração. É ela perdida e escondida na personagem feminina. Entre becos de nós é ela inventando-se, entre EU e MIM é ela uma letra vazia de um “it”, ao mesmo tempo que É e verte entre as horas. É inferno e paraíso. Nascida a fórceps, ela come das próprias entranhas. É nascente doída entre Afrodite e Psique. É Édipo, Eros, Tânatos. Clarice é água viva, Medusa. Ela é e não era. É herdeira das interpelações do mundo, do desejo, das “frases de palavras feitas apenas de instantes-já”. Clarice é a palavra e a sua sombra que nunca jaz. Ler suas palavras é ganhar o resfriamento de quem perde a alma, mas emerge das profundezas e se encontra no sonho; é sair pela ponta dos dedos, imergir em si e olhar dentro do vazio da retina. É ir além das si-la-bas e de dois pontos.

Agora é *A Hora da estrela* história que acontece “em estado de emergência e de calamidade pública”<sup>165</sup>. Macabéa, uma moça nordestina, é a protagonista que ao sentir fome antes de dormir alucinava coxa de vaca, mas mastigava mesmo era papel, bem mastigadinho. “Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua”<sup>166</sup>.

Clarice precisa falar da nordestina para não sufocar: “cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a conheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza”<sup>167</sup>.

Sim, você a mostrou e eu conheci outras como essa nordestina. Fiquei para sempre alertada por suas palavras, e, assim, mesmo que eu me distraia, essa presença magra e anônima de Macabéa estala seus dedos e me desperta.

Devo contar que o estado de urgência e de calamidade pública se acentuou. Bem mais de um *Mineirinho* é morto por dia e, pasme, alguns com mais de 13 tiros. Marielle Franco morreu com quatro, o que não ameniza a situação. Faz mais de mil dias de sua execução e os mandantes do crime estão livres.

Moradora da favela da Maré, no Rio de Janeiro, Marielle trabalhou como vendedora ambulante, empregada doméstica e educadora infantil para poder pagar pelos seus estudos. Escapou de viver uma vida para sempre de “alma rala”. Defensora dos direitos humanos, foi eleita vereadora em 2016, mas em menos de dois anos calaram sua voz. Era mulher e negra, assim como as “Macabéas” que conheci. No dia em que Marielle foi morta, vi morrer junto a esperança de que as “minhas” meninas pudessem ter sobrevivido.

Suas palavras inventadas e suas histórias doídas, o manejo esperto da linguagem que nelas soavam ainda ressoam na minha clínica quando um *rap* comparece às sessões em forma de citação ou no estilo prosódico de narrar. Não foram as meninas, mas o encontro que elas possibilitaram ter comigo que

<sup>165</sup> Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.46.

<sup>166</sup> Idem, p. 64.

<sup>167</sup> Idem, p. 53.

abriu minha escuta para um fio sonoro que me acompanha e se atualiza a cada nova escuta diante de uma narrativa de sofrimento.

Escrever, neste momento, é uma tentativa de reparação em torno do silenciamento a que tantas mulheres foram e são submetidas; tanto as que me antecederam, quanto as contemporâneas, ou mesmo as inúmeras vítimas de feminicídio.

Seguir com a escuta é acreditar que com a clínica viva da psicanálise se pode mitigar o sofrimento, assim como minha avó – que a seu modo e com sua prática da benzedura – mitigava o que podia ser mitigado.

Fecho este texto, mas mantenho aberta a marca que persiste em torno do tema da mulher e da palavra. A questão foi aberta, mas não se encerra. Incompleta está. Saio daqui agora para onde?

Sei apenas que amanhã é domingo e que nunca soube bem ao certo se ele começa ou encerra uma semana, pois no dia seguinte é segunda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Lúcia. **Diagnóstico e Clínica de Linguagem.** 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

BARROS, Manoel de. **Matéria de Poesia.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaaguara: 2019.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias.** 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em 10, set. 2020.

CAMPOS, Haroldo de. Roman Jakobson, o poeta da linguística. **Correio da Manhã**, 4º Caderno, p. 3. 1º de Setembro de 1968. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842\\_07&pagfis=95176&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=95176&url=http://memoria.bn.br/docreader#) Acesso em 2, fev. 2021.

CHAVES, Ernani. Prefácio. **Arte, Literatura e os Artistas.** Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DE LEMOS, Cláudia Thereza G. A criança e o linguista: modos de habitar a língua? **Revista do GEL**, em 2014.

DE LEMOS, Cláudia Thereza G. Sobre o paralelismo, sua extensão e a diversidade de seus efeitos. In: LIER-De VITTO, M. Francisca; ARANTES, Lúcia. (Org.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** São Paulo: EDUC, 2006, pp. 97-107.

DE LEMOS, Cláudia Thereza G. (1992) Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum:** temas fundamentales en psicología y educación, Barcelona, v. 1, n. 1, p.121-135, 1992.

DE LEMOS, Cláudia Thereza G. (1982) Sobre aquisição de linguagem: e seu dilema (pecado) original. **Boletim da Abralin**, n. 3, p.97-136, 1982. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2018/12/boletim3a.pdf>. Acesso em 5 jan. 2019.

DIDIER-WEILL, Alain. **Nota Azul.** Freud, Lacan e a arte. Tradução de Cristina Lacerda, Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. (1982). **Invenção da Histeria:** Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica:** uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento. São Paulo: Annablume, 2011.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma:** uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução coletivo sycorax. São Paulo: Elefante, 2017

FREUD, Sigmund. (1886). **Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim.** (Vol. 1). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1888). **Histeria** (Vol. 1). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1892-1893). **Um caso de cura pelo hipnotismo** (Vol. 1). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1893). **Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas.** (Vol. 1). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1893). **Charcot** (Vol. 3). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1896). **A etiologia da histeria** (Vol. 3). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos** (Vol. 4 e 5). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996., Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (Vol. 7). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1906-1908) **Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos** (Vol. 9). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.** (Vol. 12). In. Obras completas Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1916-17). **Conferência XVII. O sentido dos sintomas** (Vol. 17). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção geral Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1912-1913) **Totem e tabu**. Obras Completas, volume 11 (1912-1914). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1916-1917) **Conferências introdutórias à Psicanálise**. In: Obras Completas, volume 13 (1916-1917). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, Sigmund. (1893-1895) **Estudos sobre a histeria**. Obras Completas, vol. 2 (1893-1895). Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. (1910) **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar/ Das Unheimliche/** Sigmund Freud; seguido de O Homem de areia/E.T.A Hoffmann; Tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O Homem de areia, tradução Romero Freitas]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. (1933) **O mal-estar na cultura e outros textos sobre sociedade e religião**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARCIA, Carla Cristina. **Ovelhas na névoa**: um estudo sobre as mulheres e a loucura. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

GILMAN, Sander L.; Helen King; Roy Porter; G. S. Rousseau and Elaine Showalter. **Hysteria Beyond Freud**. Berkeley: University of California Press, 1993. Disponível em: <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft0p3003d3/> Acesso em 10 jan. 2021.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?** Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2019.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

JOHN, Daniele. **Reinventar a vida**; narrativa e ressignificação na análise. São Paulo: Editora Ideias & Letras. 2015.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOLTAI, Caterina. Entre psicanálise e história: o testemunho. **Psicologia USP**, vol.27 no.1 São Paulo jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n1/1678-5177-pusp-27-01-00024.pdf>. Acesso em

LABOV, William. (1972) **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Nina. **Corpolinguagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado de Letras, 233-245, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia Simbólica. In: **Antropologia Estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

LEWITZKI, Taísa. **A vida das benzedeiras**: caminhos e movimentos. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

LIER-DeVITTO, Maria Francisca. Novas contribuições da linguística para a fonoaudiologia. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v.7 n.2, 1995.

LIER-DeVITTO, Maria Francisca. **Os monólogos da criança** – delírios da língua. São Paulo: Educ, 1998.

LIER-DeVITTO, Maria Francisca. Falas sintomáticas: fora de tempo, fora de lugar. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 143-150, jan-dez. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Luis%20Lima/Downloads/ 8637278 -Texto%20do%20artigo-7019-1-10-20150617.pdf. Acesso em: 07 mar, 2021.

LIER-DeVITTO, Maria Francisca & ARANTES, Lúcia. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006.

LIER-DeVITTO, Maria Francisca. Patologias da linguagem: sobre as vicissitudes de falas sintomáticas. In: Maria Francisca Lier-DeVitto; Lúcia Arantes (Orgs.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

LIER-DeVITTO, Maria Francisca. Delírios da língua: o sentido linguístico (e subjetivo) dos monólogos da criança. In: Maria Francisca Lier-DeVitto; Lúcia

Arantes (Orgs.). **Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem.** São Paulo: EDUC / FAPESP, 2007, v.1 p.79-96.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer.** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 a 1904.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1986.

MILNER, Jean-Claude. (1978). **O amor da língua.** Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

OLIVEIRA, Eliane de Christo. **Anália Franco e a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva:** ideias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870 - 1920). Dissertação (Mestrado). Universidade São Francisco Itatiba-SP, 2007.

OLIVEIRA, Eliane de Christo. **Eu e a Rua.** Videodocumentário. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa-PR: 1991.

QUINET, Antônio. Corpo e linguagem. **Estudos da Língua(gem)**, v. 15 n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/2418/2001>. Acesso em 01 abr. 2021.

QUINET, Antônio. **As 4+1 condição de análise.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

RABELO, Amanda Mont'Alvão Veloso. **Inconsistências no dizer:** Contradição e Psicanálise. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França:** a Batalha dos Cem Anos (Vol. 1: 1885-1939). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAUSSURE, F. (1916). **Curso de linguística geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUZA Jr., Paulo Sérgio. **O fluxo e a cesura**: um ensaio em linguagem, poesia e psicanálise. Campinas, SP : [s.n.], 2012.

VIVER, Javier. **Revelations**: Iconography of the Salpêtrière: Paris 1875-1918: Iconografia de la Salpêtrière. Paris [1875-1918] 2016.